

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 27061/84

FLS. 63

RUBRICA 138/10/84

ENCAMINHAMENTO Nº /DID/DPI/85.

CEDI - P. I. B.
DATA <u>25/08/86</u>
COD. CM <u>D. 15</u>

Ref.: Relatório de Identificação da A.I. Kanamari

Senhora Chefe da DID,

Encaminho a V.Sa. Relatório de Identificação da Área In
dígena KANAMARI do rio Juruá, conforme Portaria nº 1799/E, de 23.11.84.

DID,

ANA MARIA CARVALHO RIBEIRO LANGE
Antropóloga/DID

DID/DPI/ANCRL/Jjrs.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 2704/84
FLS. 62
RUBRICA *Arquiteto*

RELATÓRIO DE VIAGEM AOS KANAMARI DO RIO JURUÁ

Apresentação

Localização e Identificação do Grupo Indígena Kanamari.

Histórico

Informações Bibliográficas

Breve Histórico de Ocupação Atual dos Grupos da Área do rio Juruá

Território: Visão Kanamari

Origem e Localização dos Clãs Kanamari

População

Relações Sócio-Culturais dos Kanamari entre si e com Outros Grupos

Alguns Aspectos da Cultura Kanamari

Organização Econômica

Contatos com Outras Frentes

Regionais e Cidade

Missão Novas Tribos do Brasil

Conselho Indigenista Missionário

Diretoria dos Índios - SPI - FUNAI

Saúde e Educação

Proposta de Área

Bibliografia Utilizada para o Relatório da Proposta da Área Kanamari do Rio Juruá.

Anexos.

APRESENTAÇÃO

De acordo com a Portaria nº 1799/E, de 23.11.84, realizamos estudos com o objetivo de definir as terras pertencentes ao Grupo Indígena Kanamari do rio Juruá no período de 26.11.84 a 05.01.85.

Durante os trabalhos de campo e na elaboração do relatório contamos com a valiosa colaboração dos membros do CIMI/OPAN, Lino João de Oliveira Neves, Aracy Maria Labiak e Claudio Conte.

A participação desta Entidade em levantamento dessa natureza revelou-se de grande importância, visto que seus membros, pelo trabalho desenvolvido, conquistaram o respeito e a confiança dos Kanamari além de possuírem amplos conhecimentos da região.

Por outro lado a participação de técnicos agrícola e agrimensor da FUNAI, do INCRA e Institutos de Terras Regionais durante todo trabalho de campo, torna praticamente inviável o estudo antropológico, por mais superficial que seja.

A experiência não só deste G.T., mas também de outros tem revelado as dificuldades para que sejam desenvolvidos satisfatoriamente o trabalho de coleta de dados, devido a heterogeneidade dos membros da equipe, que em sua maioria desconhecem a forma pela qual deva ser realizada pesquisa de campo.

Incorporar técnicos com formação distinta em todas as etapas de identificação de área indígena, quando os seus conhecimentos serão aplicados somente após tenha-se obtido as mínimas informações sobre o grupo, mostra-se desnecessário pois os mesmos permanecem longos períodos sem ter o que fazer, criando muitas vezes sem intenção, sérios problemas que influem no resultado final do trabalho.

Quanto a assistência da FUNAI no médio rio Juruá, verificamos ser nenhuma. Contudo, espera-se do Órgão Tutor o cumprimento mínimo de suas obrigações legais, pois mesmo com a alegada falta de recursos constata-se ser possível garantir assistência na área de saúde, assumindo, portanto, pelo menos o compromisso pela sobrevivência biológica dos Kanamari.

Diga-se de passagem, assistir o grupo é relativamente fácil, inclusive a baixo custo, basta que haja lucidez e boa vontade para que sejam modificadas as formas pré-concebidas e homogeneizadoras no modo pelo

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

*ROC. N.º 2704/84

FLS. 64

RUBRICA 14/10/84

qual esta Fundação atua circunscrita ao Posto Indígena. Assim sendo, desnuda esta Entidade através da simples aquisição de um barco percorrendo a área seria o suficiente para reduzir, no mínimo em mais de 50% o índice de mortalidade.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

LOCALIZAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO INDÍGENA KANAMARI.

LOCALIZAÇÃO

A área atualmente ocupada pelos Kanamari do rio Juruá e seus afluentes, está compreendida entre a região formada, a oeste pelos igarapés Parrabamba e Alegrete, afluentes da margem direita do rio Itucumã; ao norte pelos igarapés Grande e Três Bocas, afluentes da margem direita do rio Juruá e pelo igarapé São Miguel, afluente da margem esquerda do rio Xeruã; a leste pelo igarapé Curabi, afluente da margem direita do rio Xeruã; e ao sul pelo igarapé Maparauá, afluente da margem esquerda do rio Pauini.

Esta área é constituída por faixas de terras localizadas nos municípios de Eirunepé, Itamarati e Pauini, Estado do Amazonas, a cidade mais próxima é Eirunepé, localizada na margem esquerda do médio Juruá.

Localizada no centro do território Kanamari, Eirunepé é ponto de passagem para os vários grupos quando de suas visitas aos demais Kanamari dos rios Jutai e Itacoai, além de servir de núcleo para as relações comerciais e atendimento de saúde. É ponto de passagem e comercialização também para outros grupos indígenas como os Katuquina de língua Pano, Kulina e Kaxinawá.

Caracterização física da área

Característica da região amazônica, a área é formada por floresta tropical densa, recortada por pequenos igarapés, sendo em grande parte alagadiça no período das chuvas, principalmente nas proximidades da embocadura do rio Tarauacá.

A parte oeste e noroeste é praticamente toda formada por charcos (caciaias) alagados durante todo o ano.

O levantamento de recursos naturais realizado pelo Projeto Radam - BRASIL - (1977); indica "a baixa fertilidade dos solos", o "clima excessivamente úmido" e o "relevo bastante dissecado" como os principais fatores restritivos ao aproveitamento da área pelo setor agropecuário.

A "impossibilidade de implantação de projetos hidrelétricos", a "deficiência das vias de acesso" e "a falta de material para revesti-

mento primário", como o "grande obstáculo à construção de estradas", são apresentados como fatores que tornam onerosa a implantação de qualquer empreendimento nesta área.

IDENTIFICAÇÃO

Como Kanamari são designados vários grupos indígenas de línguas diferentes, decorrendo destas denominações, na maior parte das vezes não criteriosas uma enorme dificuldade no que se refere a identificação, localização e estudo destes grupos.

Em contato com dois grupos distintos, ambos designados como Kanamari, Chandless (1) (1869) menciona suas diferenças linguísticas, inclinando-se a denominá-los o primeiro como os "verdadeiros Canamarys", localizando-os na região dos Rios Cuniuã, Tapauã e Xeruã, afluentes do rio Purus e Juruã; e o segundo, que igualmente se designam como "Canamarys", como um "ramo dos Culinós", localizando-os na região do Alto Rio Purus.

Além de Chandless, outros historiadores e viajantes, tais como Spix e Matius (2), Lábre (3), Church (4), Tastevin (5), Verneau (6) e Metraux (7) citam a existência dos vários grupos Kanamari, apontando suas diferenças linguísticas e culturais.

P. Rivet e G. Tastevin (8), em 1921, classificam os vários grupos denominados como Kanamari em três famílias linguísticas:

- 1) os Kanamari ou Kanawari, de língua Pano, estabelecidos no Alto Rio Purus e afluentes;
- 2) os Kanamari, de língua Katukina, que vivem no interior das terras na margem esquerda do Juruã, do rio Pupunha, próximo à foz do rio Xeruã até as nascentes do Jutai e seus afluentes, e aqueles localizados na margem esquerda do Juruã, desde o Tarauacá e o Jurupari, afluente do baixo Envira, até as nascentes do Pauini e ao sul deste até o Purus.
- 3) os Kanamari de língua Aruak, do rio Iaco e das nascentes do Irariapé, do rio Ituxi, do rio Abunã, afluente do Madeira, e do Aquiri.

Mais recentemente Arion D. Rodrigues (9) apresenta a classificação de um grupo de língua Kanamaré, da família Aruak, tronco Aruak, e de um grupo de língua Kanamari, da família Katukina, tronco linguístico des

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

conhecido.

Não existe hoje referências bibliográficas que citem os grupos Kanamari de língua Aruak e Pano. Nesse sentido, referindo-se aos Kanamari de língua Pano, Signorini (10) assinala:

"Il loro nome non ricorre nella letteratura recente sembrerebbero estinti, a meno che i loro, in tal caso esigui resti, non siano identificabili con qualcuno dei gruppinahua viventi oggi sull'alto Purus".

Os grupos Kanamari da família linguística Katukina encontram-se atualmente localizados em várias regiões: Alto Jutai; baixo Javari; Alto Itaquai; médio Japurá; baixo Itucumã, afluente do rio Tarauacá; médio Juruá; alto e médio Xerua. Todos estes grupos se auto-denominam Takona, identificando-se como pertencentes a diversos clãs (Djapã), cada um relacionado a um determinado animal que define a sua origem.

O presente trabalho focaliza os grupos Kanamari localizados nos rios Itucumã, Juruá e Xerua, e afluentes, sobre os quais Melatti (11) cita a linguísta Cristha Groth - Missão Novas Tribos do Brasil, que confirma sua classificação linguística como sendo de língua Kanamari, da família Katukina.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- (1) CHANDLESS, W. Notes of a Journey up the River Juruá, Journal of Royal Geographical Society, V. XXXIX, 1869, p: 296-311, London (p. 302)
- (2) SPIX, Johann Bapt. e. MARTIUS, Karl Friedr, Philip Von. Viagem pelo Brasil: 1817-1820. Tradução da 3ª edição. Sao Paulo Melhoramentos; Rio de Janeiro, IHGB; Brasilia, INL. 1976. vol. 3
- (3) LABRE, A. R. P. Colonel Labre's Explorations in the Region between the Beni and Madre de Dios Rivers and the Purus. Proceedings of the Royal Geographical Society, V. XI, p. 496-502. 1889, London.
- (4) CHURCH, George Earl. Aborigenes of South America. London. 1912.
- (5) TASTEVIN, C. Le Fleuve Juruá. La Geographie. T. XXXIII, p. 1-22, 131-148. 1920.
- (6) VERNEAU, R. Contribution a l'Etude Ethnographique de Indiens de l'Amazonie. L'Anthropologie. T. XXXI, p. 255-278. 1921.
- (7) METRAUX, Alfred. Tribes of the Juruá-Purus Basins. Handbook of South American Indians. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. V. 3, p. 657-686
- (8) RIVET, P. e TASTEVIN, C. Les tribus indiennes des bassins du Purus, du Juruá e des regions limitrophes. La Geographie. T. XXXV, p. 449-482. 1921.
- (9) RODRIGUES, Arion B. Línguas Ameríndias. Grande Enciclopedia Delta Larousse. p. 4034.4036. Rio de Janeiro. 1975.
- (10) SIGNORINI, Italo. La Famiglia Etno-Linguistica Pano. Ed. Ricerche, Roma (sem data) (p. XXVI).
- (11) MELATTI, Júlio C. Povos Indígenas no Brasil, V. 5 - Javari. São Paulo. CEDI, 1981.

HISTÓRICO

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Os Kanamari permaneceram praticamente isolados até a segunda metade do século XIX, quando as frentes extrativistas principalmente da seringa penetraram no rio Juruá e regiões limítrofes. Esta ocupação, sem outro interesse além da exploração e comercialização da borracha, não dispensava aos índios nenhum tratamento especial, utilizando-se tanto da mão-de-obra indígena, como do domínio de seus territórios.

Com a instalação do extrativismo nas margens do rio Juruá, os Kanamari que habitavam esta área, refugiaram-se em igarapés e áreas mais afastadas, que, pela dificuldade de acesso, não contavam com o interesse imediato destas frentes. Ao mesmo tempo que procuravam estabelecer um relacionamento pacífico, abriram seu território, que seria cada vez mais ocupado pelos brancos.

Neste sentido Darcy Ribeiro (1) (1970) assinala que "em consequência da rapidez e da violência desta invasão, o que fora uma das áreas amazônicas de maior população indígena, despovoou-se em poucos anos, na medida em que nasciam núcleos civilizados".

Uma das primeiras citações bibliográficas encontradas é de 1.829, onde Francisco Antonio Pereira Bittencourt (2), Juiz Ordinário do Distrito, em carta de 24/jul/1829 ao Ouvidor da Província Manoel Bernardino Souza e Figueiredo, "informa sobre as hostilidades cometidas pelas Nações das do Rio Juruá, contra os brancos e índios civilizados, que ultimamente alli tem ido tratar de seu negocio... Desde o antigo tempo que se fazia hum grande commercio no Rio Juruá, com as Nações Selvaticas, denominadas Iavás - Maravás - Navás - Catáuxis - Canamaris - Marai - cus - Catuquinas - Aravás - Iumas, e outras que permutavão grande quantidades de Salsa, Manteiga, Cacau por ferragens, e outros artigos, que lhe levarão os cabos, ou Caxeiros de Negociantes, próprios para este fim, aconteceu porém no anno de 1.825, que Francisco da Costa Bastos, achando-se alli com Feitosa, tratou alguns Gentios com bastante

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 9704/84

FLS. 70

RUBRICA *1.º de 1.º*

indignidade e imprudencia, e que lhe custou a vida, tanto a elle como a nove ou dez pessoas que com elle se achavão, escapando apenas hum branco e três índios de sua Feitoria que achando-se em alguma distância, foram apenas roubados.

Joaquim Antonio de Azevedo indo allí pôr Feitoria no anno de 1.828; premeditou, e executou contra os ditos gentios atroz vingança porque quando estava para se retirar mandou cathechizados com promessas de paz, e vindo huma porção delles com animo de o servirem os tratou com boas apparencias; mandou lhes dar de comer, e na occasião em que elles comião descuidados em boa fé, cahio de supito sobre elles com a sua gente, e os degolou, sem excepção de idade, nem de sexo, depois do que retirou, mas voltando allí no mesmo anno, foi morto com todas as pessoas que com elle se achavão.

Desde então tem os Gentios daquelle Rio excepto os Maravás, Catuxis e Canamaris, declarado huma guerra tal aos Brancos, que ninguém allí pode ir pela certeza de que perderá a vida todo aquelle que a tal se atravês; e só me persuado de que só força armada, digo força de tropa poderá novamente reduzir ao antigo estado, combinado de huma maneira, bem entendida o castigo com a docilidade, e uzando de todos os meios persuão que em semelhantes cazo forem praticáveis".

Em 1.858, o Director de Índios do Juruá, João da Cunha Corrêa (3) faz uma viagem de exploração no Rio Juruá onde diz ter encontrado "hordas" de índios pacíficas. Menciona a existência de "9 malocas como total

de 426 índios e 45 casas: Meneroa (80 índios Maraus - 13 c.); Andirá (48 índios Catauxis - 7 c.); Beréu (17 índios Maraus - 3 c.); Arapari (30 índios Catauxis - 4 c.); Pupunha (39 índios Canamaris - 3c.); Paraná (61 índios Aravás - 3c.); e Xué (106 índios Aravás - 4c.)".

Joaquim L. de Souza Coelho (3 A), em 1.866, registra a total ausência do elemento branco no Rio Itucumã, afluente do Tarauacá, "sẽ havendo várias tribos indígenas".

De sua viagem ao Rio Juruá, Chandless (1869) assinala no rápido contato que tivera com índios Kanamari recém chegados às praias de Juruá, nas proximidades da Foz do Rio Xerua, Chandless (4) (1869), assinala:

"These were from a village a few miles above; part of them Canamary's, and part of a tribe known as Fish-Indians. The latter belong to the river Cunivã, an affluent of the Tapavã (itself an affluent of the Purûs), and had come to the Juruá only four months before. I got one of them to mark on the sand their route-down the Cunivã to the Tapavã; up this - overland to the River Chirvan - and so out on to the Juruá. Their language becoms afin to the Arava and Purûpurû; but, for lack of an interpreter, I could inonire nothing as to the cause of their imigration".

Durante as viagens que realizou entre os anos de 1.919 e 1.922, Padre Constantino Tastevin (5) registra a presença de vários Grupos Kanamari na região do Médio Juruá. "Em 1.921 (março) 8 índios baixam pelo Tres Boccas em paxiuba e foram pelo Ubin procurar os Canamari. Vinham do Pauhini"..

Nas anotações sobre a presença de Kanamari nos seringais do rio Juruá, Tastevin (5) registra os seguintes locais:

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ROC. N: 2704/84
FLS. 72
RUBRICA Alciberto

Sede Seringal Tambaqui está localizado a 2:30 horas da foz do Xeruã, subindo o Juruã margem direita.

TAMBAQUI

"Tambaqui era do velho João da Cunha. No centro de Catauixi havia uma maloca de Catauixi. O Daniel os visitou com 3. Mandou cicerone a frente. O Tuxaua mandou dizer que viessem sem armas. Recebeu-os na porta de lança taboca na mão. Dansaram a noite inteira: tacaca insôso e um caboclo soprou parica no nariz (quasi cahiram), ficaram tontos, não podiam nem se levantar".

BOYA

"Daniel esteve 8 meses n'uma maloca do Taraunca. Casaram-no com filha do Tuxaua (tinha ido com 8 Índios: foram presos). Não o deixaram ir. Emfin fugiu com um índio de lá que caçava de noite no Boia. Trabalhou 1º no Mari-Mari, no M^{te} X^{to}, no Pão, no Gbury, no Iarauaca, (+ 24 jan. 1909 em Boia. Havia capueiras de Índios entre Chiruhã e margem do Boya (Sahian Canamari e Curiba)".

TAMBAKI

"Daniel comprou Tambaki do João Cunha e margem: Jê Paulino (Catauixi). Concordia foi d'elle, ficou para Guilherme quando dissolveram a Casa aviadora que tinham em Belém. Veiu no Jurucí em (74), casou aos 20, morreu aos 60. Zozo nasceu em 77 em Mari-Mari".

Seringal Iracema - localizado margem direita do rio Juruã 16:00 h da foz do Xeruã, subindo.

IRACEMA

"A viuva Martins entregou á B. Antunes, fim de 91, que vendeu á Guimarães, 93, que vendeu á J. Guedes, para o irmão Manoel 93. Havia Katulina no centro de M^{te} loima e Fortaleza".

Seringal Veneza - acima do Seringal Iracema, margem esquerda.

VENEZA

"Em 1896, Lucio Bezerra do Carvalho compra Veneza à Neves - Gualberto. Elle se, atr_zza, entrega o seringal à Martins, Ribas e Cia 1901. Em 1879, Alberto por Liñares, pre_ztos Cearenses. Barracão no 1. do Manirixy. Vendem à João de 01ª Matins (85-86), dono do Manixyzinho, que entrega à B. Antunes. Compra do seguro a borracha de Tocantins, afundado no Cubiu; ficou; nem tiraram o corpo. A mulher, espanhola, vende para Neves. Em 1896 vendem ao Lucio, dono do Tabac_zca. -

Martins, Ribas e Cia entregam a Pedro Alves como gerente, sem lhe cobrar nada. Vinha de samuncra, com o cunhado Joaquim, com 5 contos sem destino. Chegou 3 maio sexta-feira 1901. Havia 2 barracões redondos na maloca dos Kanamari, m.e. do Gavião, um no centro, outro na beira (20 palmos-alto); es_ztaca de paxiuba ao redor".

Igarapê Gavião, margem direita do rio Juruá, acima do seringal Iracema.

IG. GAVIÃO

"Os Caxinaua moravam no Gavião. Nunca sahi_zram ao Menino Deus. Os Canamari sahiram, pedichões. D_za Maria nunca ouviu dizer que o Lucio os tivesse matado. Provavelmente, neoconquistadores, com saudades de Tarauacá, vendo que não faziam mais nada no Juruá contra os outros índios, voltaram às suas terras primitivas".

Seringal Kanamari

KANAMARI

"Os Canamari 86-90 sahiam em Ganiu (t.f.), S^{ta} Luzia e S. Anna. Moravam na capoeira

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PRON. N.º 2704/8-
FLS. 74
RUBRICA 14/11/82

dos Caxinawas, nas cabeceiras do ig. do Gavião. Tinham muita banana e roça, pimenta, um pouco de algodão, nana pouco, cana (umas touceiras), pupuã no centro. O Gualberto tinha muitas Miranhas (4 homens + 2 h. et 1 mul. em S^{ta} Ana. Lucio Bezerra tinha exterminados os Caxinawas (?). Os Kanámari formavam 4 grupos: Tuxaua Henrique; Tuxaua Maruca, velho; Tux. João; Tux. Luiz, viviam n'uma só casa redondo (oitavada); o tecto não chegava ao chão.

Attingia-se o fachal com a mão. - Dansavam dentro. Eram nus; trabalhavam com Antonio Fiuza, 1º marido da viuva do Gualberto, cunhado do Candinho, no caucho.

Tinham Girimu, batata, frecha.

Apanharam bexiga na Foz do Tarauxa; tomaram banho na febre. Acabavam-se.

Queimaram o barracão, maio 1902. Nunca mais vieram lá. Ha varador para o Bewa. Na lombada, perto d'm cananiã grande, 1ª capoeira de leguas (igasabas enterradas): onde há ponta de terra, ha também capoeira sem fim, com pupunhas - Tinham portas de paxiubas etc. contra Katukinas. -

No Bewã pouca capoeira (de Kuniba) na beira do ig. do Maxirixy".

Seringal

Yainú acima do Igarapê Gavião, margem esquerda do rio Juruá.

YAINÚ

"Havia Katukina ou Caxinaua no Jainú, + Cuniba na T. firme. Negociavam com Phelippe Cunha (80). Eram civilizados".

OBIDOS margem direita do Juruá pouco acima da foz do Ubim.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

*ROC. N.º 2704/82
FLS. 45
RUBRICA 18/11/85

"Atraz de Obidos no L. do Aracú, foi maloca. Há lá jarina de planta".

Mapua-Ubim. Igarapé da margem esquerda do rio Juruá muito acima do seringal Jainú.

MAPUA-UBIM

"O Ubim é o ramo mais importante: a 2 dias do Juruá encontra-se a velha maloca dos Cuniba. Em 1921 (março) 8 índios baixaram pelo Tres Boccas em paxiuba e foram pelo Ubim procurar os Canamari. Vinham do Pauhini".

Porto Sergio Seringal, localizado à margem esquerda do Juruá. Três horas antes de se atingir a foz do rio Tarauacá.

PORTO SERGIO

"Alberto por Moyses, índio Kuniba, criado do Daniel Sevalho em Caiçara. Quando o Sevalho desceu no fim do fábrica do Boya, deixou amigado com uma Mriña. Fugiu para Porto Sergio que abriu. Morre a miséria, elle vai ao Envira, toma uma mulher Caxinaua, e baixa com muitos caboclos para S. João do Cavalcanti. Os caboclos doram se pouco a pouco. Ficaram 5 ou 6. Moyses veio para Porto Sergio: cortava no L. do Perdido por conta da Dª Maria. Ella mandou baptiza-lo "José Antonio" na morada Nova; baptisou-se também a mulher, casaram-se. Depois elle voltou ao Envira. - Os Caboclos Canamari Vinham todos os annos no ig. do L. de José Antonio, na vazante butaram redes. O Sergio baixou em 84 par Caiçara, buscou o filho, na volta ficou na t. f. do Bom principio, abaixo do caboclo, abaixo da barreira".

FOZ DO TARAUACÁ

"Sergio Pereira sobe em junho de 1883, com Sebastião Diniz na lancha do Siqueira Lima. Ficou na foz do Tarauacá com um casal de Miranças (rapaz et menina) et fez barraca uma praia acima. Um caboclo de Uarini, Hortencio, Solteiro e Angelo da Trindade, tinha barraca na foz do Tarauacá desde 1882. O portuguez José Joaquim Dias, comprou a barraca em 1883 et fez barracão no verão (junho-julho).

Joaquim Coelho estava com fregueses em Conceição desde 1882. Em 1883 trouxe a família de Manaus.

João Martins subiu no vapor Acre em 1883, antes do Sergio, e se estabeleceu em Villa Martins, sob as indicações de Joaquim Coelho. Os Caxinauá e os Curina mataram muitos Brancos no Tarauacá e no Erú. Os Canamari, não..."

Angelo Ferreira, branco que por volta de 1900 se fez tuxaua de vários grupos Nua, Kulina e Kanamari e que para ele trabalhavam na extração do caucho. Região do baixo rio Envira afluente do Tarauacá e rio Gregório, afluente do Juruá.

ANGELO FERREIRA

"Il Tirait des montagnes de caoutchouc avec les Indiens: il avait une péruenne polyglotte pour compagne: la canne poussait au milieu do caoutchouc. C'efait un aventurier. Il começa a Cocamera ou il resida de 1900 á 1909: il obligait les Indiens pará travailler au caoutchouc + aux plantaions: Kolina, Kasinaua, Capanaua, Catukina + Canamari. Il parlait plusieurs dialects. - La residence était belle - grande sur la route de Villa Seabra á Cruz. do

Sul. Cocamera était central: tous les centres de seringas étaient puis. Les assasins furent obsous, son chien qui lui avait coûté 300 Ks de caoutchouc mourut sur sa tombe. -

Chaque tribu avait sa "maloca" aupuis du barracão. -

It était fuit à entrepondu le voyage ao Rio par terre: sa compagne avait fait une quantité d'extract de viande de cerf".

R. Terneau (6) (1921) baseado nas anotações e estudos de Rivet e Tãstevia, assinala que o rio Juruá foi primitivamente habitado por populações da Família Linguística Katukina, que só mais tarde receberam o sêdio de populações Aruak e Pano.

O Serviço de Proteção aos Índios-(SPI) (7), em relatório de 1.927 evidencia a necessidade da criação de uma infraestrutura básica na região do médio e alto Juruá a fim de atender os vários Grupos Indígenas que ali se localizavam.

"No Território do Acre, por exemplo, especialmente na parte Septentrional, há urgente necessidade do estabelecimento de postos indígenas: - no alto Juruá, próximo à fronteira com o Perú; no Rio Tejo; no alto Juruá - Miry; no alto Nôa; no alto Taravaca; no alto Envira e no Jurupary.

Alli estão os Amácava, Arara, Bendiápã, Caxinaua, Capanáva, Jamináua, Chipanáva, Curina, Cuyanáva, Marináva, Nukini, Pacanáva, Remo, Sacuyá, Sanináva, Tavára, Tavari, Tuchinava, Tyumã-Dyapã e outros, reclamando assistência effectiva do serviço, entregues à ganancia, muitas vezes, de maus civilizados, que os escravizam e exploram impunemente e a lutar contra as doenças e

miserias outras one os affligem, sem que possa esta Inspectoria atender aos seus re clamos e necessidades, dada a insufficien cia da dotação orçamentária de one vem dis pondo para atender aos multiplos encargos one lhe estão affectos".

Ainda em relatório anual da 1ª IR do SPI de 1928 (8), no ta-se a preocupação da Inspectoria na localização, assistência e levantamento populacional dos índios localizados nesta região. Assim:

"O Posto do Riozinho do Penedo, que mais propriamente devia ser denominado Posto In dígena do Gregório, como determinei que ago ra passasse a se chamar, em harmonia com a sua própria situação Geographica, assiste a centenas de Silvícolas, notadamente 05 Curi na, Canamary, Bendiapã, Caxinauã, Catuqui na, Jaminauã, e ainda aos restantes membros das tribus Parauã, Tauary e Jamamady.

É verdade que essas tribus es tão mais ou menos afastadas uma das outras, havendo mesmo malocas que distam alguns dias de viagem do Posto..."

"E, portanto, um índice promi sor. E esta Inspectoria, convencida das vantagens que advirão ao Serviço com esse surto de agricultura entre os índios daquel la região, que, aliás, não somente se dedi cam à lavoura propriamente dita, como tam bém às industrias extractivas, como por exemplo os Bendiapã, que se estão transfor mando em optimos seringueiros".

"Quanto a situação dos índios, no tocante à sua localização, a não ser o caso dos Bendiapã, que se mudaram para lon ge, estando agora fixados nas circunvi

sinhanças do Itacoahy, afluyente do Javary, todas as demais tribus permanecem nos pontos onde desde muito se localizaram. Nas malocas do Riozinho, Ajubim e Bahú, os Curina; em S. Vicente, os Canamary; no alto Gregório, os Casinauás; no Alto Riozinho da Liberdade, os Catuquina e Jaminauá.

No seringal "Adélia", no Juruá, vive o resto da Tribu dos Parauá, que se compõe de 18 pessoas apenas. Trabalham na lavoura e soffren da molestia conhecida por "purú-puru", sendo que o Snr. José Raymundo Maciel, proprietário daquele seringal, trata-se daquele seringal, trata-os muito bem. Também em Ituxy e nas cabeceiras do Erú, existem aldeamentos de Curina e nos fundos dos seringais "Bom Jardim", "Restauração" e "São João", entre a foz do Gregório e S. Felipe, existem tres malocas de Canamary e Tauary".

Cumprindo as instruções emanadas desta Inspectoria, o encarregado desse Posto tem inicio a uma estatística, pela qual poderemos orientar o serviço de Registro Civil dos Índios da Região do Gregório, na forma do Dec. nº 5.484, de 27 de Junho de 1928. Assim, foi feito o censo das populações indígenas aldeadas, ficando para este anno e assentamento dos Índios que estão localizados em lugares afastados da ação do Posto.

O resultado foi o seguinte:

Posto Indígena do Gregório -
(Índios Curina) 160 homens, 41 meninos, 52 mulheres e 46 meninas.

Maloca do Ajubim - (Índios Curina) 25 homens, 13 meninos, 20 mulheres e 16 meninas.

Maloca do Cahú - (Índios Curina) 27 homens, 14 meninos, 18 mulheres e 12 meninas.

Maloca de S. Vicente - (Índios Canamary) - 19 homens, 10 meninos, 11 mulheres e 5 meninas.

Maloca do Bendiapá - 21 homens, 8 meninos, 20 mulheres e 07 meninas.

Esse total comparadamente com o número de índios existentes na região do médio e baixo Juruá, representa uma insignificância, pois está calculada a população indígena dessa região em 3.000 almas, aproximadamente, sendo que só os Curina ascendem a perto de mil indivíduos".

Victor Oppenheim (9) (1936) menciona os "Canamarys (Uili-duapá)", localizando-os abaixo de São Felipe (atual cidade de Eirunepé) e na margem direita do Rio Tarauacá, e os "Bendyapas ainda se conservam em Marary, abaixo de São Felipe".

Onofre de Andrade (10) em 1.937 afirma que no Seringal Três Unidos (margem direita do rio Juruá) foram encontrados, enterrados dois bolos de milho de diferentes tamanhos e objetos de barro.

Nimuendajú (11) assinala em seu Mapa Etno-Histórico (1.944) a existência de vários Grupos Kanamari na região dos rios Envira, Jurupari e Pauini (cabeceiras do Rio Iucumã); na região do alto Tapauá e na região do médio Juruá. Vários outros grupos da família Djapá são igualmente assinalados por Curt Nimuendajú na margem esquerda do rio Juruá, onde hoje se localiza a cidade de Eirunepé.

Alfred Metraux (12) em 1946 descreve com detalhes a localização dos Kanamari, inclusive mencionando-os nas divisões da grande família Djapá.

Tucum-Dyapa (Tukano-Dyapa or Mangeroma)- Between the Rio das Pedras and the Itecoai Rivers both Tributaries of the Javari River (lat. 7°S., long. 72°W.).

The territory of the Tukum-dyapa corresponds exactly with that of the Mangeroma Indians described by Lange (1912). The names are undoubtedly synonyms.

Tawari (Tauare, Kadekili - Dyapa). - Between the headwaters of the Jutai River and San Felipe on the Juruá River (lat. 6°30'S., long. 70°W.). The group living near the headwaters of the Jutai River calls itself Wadyo-Paranin-Dyapa and is called Kairara or Kayarara by the Canamari. These Indians are probably related to the Tauarê, who are located between the Riosinho and the Yamanawa Rivers...

Catukina (Pida-Dyapa, Jaguar People). - On the middle Jutai River and on its tributaries the Mutun and Biá Rivers (lat. 7°S., long. 65° - 66° W.). A group of these Catukina, the Kutia-Dyapá (otter People), is settled on the Preto River, right tributary of the Jandiatuba River. Not to be confused with the Catukina cited below.

Parawa - on the left side of the lower Gregório River, near San Amaro (lat. 7° S., long. 71° W).

Ben-Dyapa (Bendiapa). - On the left of the Juruá River, opposite Bom Jardim (lat. 7° S., long. 71° W). Their name means "Mutum Tribe".

Canamari - From the Tarauacá River to the head water of the Pauini River and south to the Purus River (lat. 9° S., long. 70° W.). There is a Canamari group on the left side of the Juruá River (lat. 7° S., long. 68°-69° W.). They extend to the headwaters of the Jutai River and to its Right Tributary, the Biá River. There is another Canamari Group on the headwaters of the Tapauá River (lat. 7° S., long. 67° W). They came from the region between the Pauini and Jurupari Rivers".

Etnograficamente, vários grupos da grande família Djapá, originários dos rios Jutai, alto e médio Juruá, médio e baixo Tarauacá e afluentes, foram classificados como Kanamari, Katukina, Tucano, Tawari. Não raro aparecem também citados grupos locais como os Bem Djapá, Wiri Djapá, Wadjo Paranim Djapá, Kadjikiri Djapá e outros.

Em consequência do processo de ocupação da área originalmente habitada pelos Kanamari, se dá a dispersão, a depopulação e até mesmo a extinção de clãs por inteiro. Com isto foram alteradas as relações existentes entre os diferentes clãs e mesmo entre grupos do mesmo clã, surgindo a necessidade de se redefinir as relações entre os grupos remanescentes. Assim, os grupos locais passaram a ser reorganizar de forma a não mais se constituir por elementos de um mesmo clã, e sim por elementos de diferentes clãs, que estabeleceram relações de parentesco entre si. Os grupos assim formados, passaram a se identificar com o clã que originariamente habitava aquele local.

Atualmente a grande família Djapá, está distribuída nos seguintes locais:

Rio Jutai: Alto Jutai..... Wadjo e Kotsa Djapá
Ig. Dávi..... Tsuhum Djapá
Rio Biá..... Pidáh Djapá
Rio Javari: P.I. São Luiz..... Kadjikiri Djapá
Ig. Irari..... Kadjikiri Djapá
Rio Itacoai..... Kadjikiri Djapá

Rio Japurá:..... Wadjo Djapá
Rio Juruá: Rio Itucumã.. Wiri Djapá
Ig. Mamori... Bem Djapá
Ig. Sta. Rita.. Wiri Djapá
Ig. Três Bocas.. Wiri Djapá
Rio Xeruã..... Wiri Djapá
Ig. Jacaré..... Posto Djapá

BREVE HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO ATUAL DOS GRUPOS DA ÁREA DO RIO JURUÁ.

Rio Itucumã:

Este grupo se identifica como pertencendo aos Wiri Djapá, Gente da Queixada.

Os remanescentes de vários grupos Kanamari dos rios Envi ra, Pauini, médio e baixo Tarauacá, reagrupam-se na região da confluência do rio Itucumã com o rio Tarauacá. Há cerca de 50 anos ocupam esta área, locali zando-se principalmente, nos igarapês centrias, afluentes do rio Itucumã.

Esta área é o local de nascimento da maior parte da popu lação atual deste grupo, e dos que daí migraram para os igarapês Sta. Rita e Três Bocas e para o rio Xeruã.

Estão distribuídos atualmente em três locais, às margens do igarapê Mirim, afluente da margem direita do rio Itucumã.

Rio Mamori:

Como grupo, estes Kanamari se identificam como Bem Dja pã, Gente do Mutim.

O igarapê Mamori é afluente da margem direita do igarapê Grande, que por sua vez, é também afluente da margem direita do rio Juruá.

Este grupo é composto basicamente por pessoas que vieram do igarapê Preto, também afluente do igarapê Grande, e de pessoas que vieram do igarapê São Vicente, onde hoje se encontram os Seringais Bom Jardim e Deixa Falar, no rio Juruá.

Antes mesmo do estabelecimento da Missão Novas Tribos do

Brasil (1970), esta área já era utilizada como área de caça, pesca e coleta tanto pelos Bem Djapã, como pelos Wiri Djapã do igarapé Sta. Rita.

Com a instalação da Missão, esta passou a ser um polo de atração para os Kanamari da região.

Igarapé Santa Rita:

Esta área faz parte do território tradicional dos Wiri Djapã, Gente da Queixada, que se alongando até o rio Itucumã, Pauini e Xeruã, forma uma única área de ocupação e perambulação dos Wiri Djapã. Mais efetivamente esta área passou a ser ocupada pelo grupo que hoje nela se encontra, há cerca de 20 anos, quando de sua migração do rio Tarauacã.

Hoje alguns Potso Djapã, Gente do Japô, estão refugiados neste igarapé, uma vez que forçados a sair de sua área original, não encontraram no igarapé Jacaré, condições de sobrevivência.

Igarapé Três Bocas:

Área original dos Wiri Djapã, Gente da Queixada, que subindo o ig. Três Bocas se estende até o rio Xeruã, Pauini e Itucumã, completando assim a área Wiri Djapã. Localizam-se nas margens do ig. Três Bocas, afluente da margem direita do médio rio Juruá.

As cabeceiras deste igarapé são utilizadas para caça, pesca e roçados pelos Wiri Djapã do rio Itucumã.

Também nesta área estão localizados alguns Potso Djapã, parte do grupo que temporariamente está no igarapé Santa Rita.

Rio Xeruã:

Todos os grupos que hoje se localizam neste rio e seus afluentes pertencem aos Wiri Djapã, Gente da Queixada.

Os ancestrais destes Kanamari que atualmente ocupam a região, quando fixados no médio Juruá e cabeceiras do rio Pauini, já utilizavam-na para a plantação de roçados, para a caça, pesca e coleta.

A localização efetiva dos Kanamari no rio Xeruã se deu antes da presença do elemento branco, tendo inclusive os brancos se utilizado

das picadas feitas pelos Kanamari para a sua penetração.

Com a chegada das frentes estrativistas, as disputas dos grupos Kanamari entre si e com outros grupos indígenas, parte destes Wiri Djapã, se transferiram para o rio Tarauacá e seus afluentes, onde permaneceram, estabelecendo relações com os Wiri Djapã daquela região. Vitimados por recentes epidemias de sarampo e outras, responsáveis pela morte de muitos Kanamari da região do rio Tarauacá, os sobreviventes que tinham suas origens no Juruá, retornaram, rumo ao Xeruá.

Hoje os Kanamari do rio Xeruá, estão localizados em três áreas distintas: nas margens do ig. Curabi, afluente da margem direita do médio Xeruá; no ig. Flecha (foz), afluente da margem direita do alto Xeruá; e no rio Xeruá em seu alto e médio curso.

Igarapé Jacaré:

Os Kanamari do igarapé Jacaré são os remanescentes do grande grupo Potso Djapã, Gente do Japô, também citados como Tawari, originários do igarapé Maloca (atualmente Seringal Restauração), afluente da margem esquerda do rio Juruá, pouco acima da cidade de Eirunepé.

Num processo de tomada de suas terras por parte da família de João Domingos, que ali se instalava para o trabalho na seringa, os Potso Dianã foram perdendo gradativamente sua área tradicional. Assim, aos poucos, foram se retirando do igarapé Maloca. Em 1982 estes Kanamari hoje localizados no ig. Jacaré, os últimos a resistirem à tomada de seu território, foram forçados a deixar sua área de origem. Desde então, em migração rumo a outra área em que possam se estabelecer, os Potso Djapã se encontram dispersos em praticamente todas as áreas Kanamari do Juruá e Jutai.

Este grupo ocupa desde maio de 1982, uma pequena área, toda tomada por brancos, cujas estradas de seringa cortam a própria maloca. Apesar de ser esta uma área tradicional de perambulação dos Kanamari, hoje este grupo é visto apenas como um ponto de passagem. Sua principal preocupação no momento, é reunir o grupo disperso, juntando-se numa área Kanamari, mais especificamente, no igarapé Três Bocas.

TERRITÓRIO: VISÃO KANAMARI

As referências bibliográficas dão um quadro de localização e ocupação pelos Kanamari desta região que é confirmado pelos próprios índios, que mantem vivo na memória, todo o processo de ocupação e entrada das frentes extrativistas. Como se vê nas citações (13) a seguir, os Kanamari dos vários grupos desta área, têm consciência de que sua interiorização para os igarapês, foi e continua sendo a única forma de convivência pacífica com os brancos, garantindo-lhes assim a sobrevivência enquanto grupo.

"E o branco, o brasileiro, faz tempo, antigamente, ele, colocação lugar dele na Boca do Juruá mais prá baixo, só até Manaus. Mais pro alto, prá cá, prá nós, tudo do Kanamari, nosso... primeiro, antigamente, nós tem o lugar aqui, só nós, nosso lugar tudinho, nesse rio Juruá. Primeiro tudo caboclo, tudo na beira. Cariú vem, mata muito, bocado. E morrê muito branco, morrê bocado Kanamari. Agora tá começando de novo... O nosso terra, o branco tá to mando muito.

De primeiro tempo, o patrão tem só na beira do rio,... ele vai querer tomar tudo, o terra com terra firme e tudo...

O branco, quer tomar a nossa rio tudo. O rio. Agora esse Juruá até a boca, era do Kanamari, mais prá baixo, era do branco... O branco já tá tomando o Juruá, agora, nós já tá, nós já tá jogado fora mesmo..."

"Agora, o Juruá, primeiro o pai... primeiro o papai mora lá na beira do rio, do rio Juruá. Aí o cariú, o branco, né? o branco botã fora tudinho na beira, aí tem que nós ficã assim no igarapé, aí não tamo cortando (seringa) de lá de novo...

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 2704/84

FLS. 87

RUBRICA Uchaito

nós não queria sair. Nosso seringal, nosso seringal mesmo, ali no flexeira, rio Itucumã, do Mirim...

Aí o igarapé Mirim, rio Mirim que chama, isso é nosso agora...

Lá em cima no Itucumã, agora nós saimo de lá, minha vó morreu. Aí nós subimo o Tarauacá), aí nos baixamo de novo, aí nós subimo o Itucumã de novo, aí. Aí nós subimo o igarapé Mirim, aí nós vemo nosso parente lá. Aí nós fiquemo aí também fazendo roça, roçado também ajudando os outros, nosso parente aí...

"Nós morava no Retração (Serungal Restauração, margem esquerda do rio Juruá, logo acima de Eirunepé)... Tudo lá fazê besteira... fazê uma confusão prá que nós não temos terra prá nós, morá mais, por que o branco quer tomá tudo, até igarapé central...

Agora nós baixamo lá pro Jacaré. Agora nós estamos morando aqui no Jacaré, igarapé central... Aí eu fui e eu saí daí do Jacaré pro Tres Bocas. agora eu estou morando lá, já..."

As migrações ocasionadas pelos conflitos, epidemias e outras decorrências do processo de ocupação pelos brancos, de modo geral aconteceram com todos os grupos desta região.

Hoje mais conhecido e dominado o território, as frentes aqui estabelecidas procuram expandir-se cada vez mais, gerando com isto novos conflitos e situações da tensão, uma vez que os igarapês e locais centrais onde hoje estão fixos os Kanamari, são os últimos redutos que lhes garante a sobrevivência física e cultural. Não tem mais para onde adentrar, pois os Kanamari ocupam hoje as últimas áreas de seu grande território, e que novamente se vê ameaçado.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 2204/84
FLS. 28
RUBRICA 14/8/84

- (1) Os Índios e a civilização. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1970.
- (2) "Informações sobre Hostilidade de Indígenas do Rio Juruá Contra Brancos". Arquivo Histórico do Itamarati. Cópia. 6 páginas. 1829; Lata 189. Maço 1
- (3) Caminhos do Acre pág. 165. José Moreira Brandão Castello Branco. Revista do Inst. Hist. e Geográfico Bras. Vol. 196. Julho-Setembro 1947 - tirado do Relatório do Diretor João Wilkens de Mattos de 25/Ago/1858.
- (3 A) - idem. (pág. 192), - Anexo do Diretor de Obras Públicas - Joaquim L. de Souza Coelho, junto ao Relatório do Presidente Antonio Epaminondas de Mello, de 27 de janeiro de 1866.
- (4) - Chandless, W. Notes of the Journey up the River Juruá. Journal of Royal Geographical Society. V. XXXIX, p. 296-311, London. 1869 (pág. 301-302)
- Anotações e. Constantino Tastevin sobre os seringais do rio Juruá-1919 - 19
tradução Lorô Van Zoggel
miogra. Monte Boa, 12 de outubro de 1983
- (6) nau, D. Contribution a L'Etude Ethnographique des Indiens. de Amazone. Topologie, T. XXXI. Paris, 1921.
- PI Relatório Anual da 1ª IR - 1927
- PI Relatório Anual da 1ª IR - 1928
- OPPENHEIN, V. Notas Ethnográficas sobre os indígenas do Alto Juruá (Acre) e do Ucayali (Peru). Annaes da Academia Brasileira de Ciencias. VIII, pág. 145-155. 1930. Utilizado pág. 146.
- (10) - ANDRADE, Onofre. Amazônia. Esboço Histórico, Geographia Physica, Geographia Humana e Ethnografia do Rio Juruá. Off. Graph da Casa Ramalho. Maceió. 1937 págs. 150 e 151.
- (11) = NIMUENDAJU, Curt: Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes. Fundação IBGE/Prô-Memória, Rio de Janeiro 1980.
- (12) - idem (6) - pág. 663.
- (13) - Encontro dos Kanamari da região Juruá - Jutai-AM. Equipe da Patorial Indigenista Prelazia de Tefé. Igarapê Sta. Rita, nov/1983. 13 p.

ORIGEM LOCALIZAÇÃO DOS CLÁS KANAMARI

C L Ā	ORIGEM SEGUNDO A TRADIÇÃO ORAL	TASTEVIN (1925)	NIMJENDAJU (1944)	METRAUX E STEWARD (1948)	A T U A L
Om Djapā	Ig. Rivalisa, afluente da margem esquerda do Alto Rio Juruā.	margem direita do R. Juruā, acima do R. Gregório.	margem esquerda do R. Juruā, entre os Rios Liberdade.	Região acima das cabeceiras do R. Juruā, na margem esquerda.	médio Rio Jutai (Boca do Rio Mutum); Rio Itacoai.
Marā Djapā	Ig. S. Vicente, afluente da margem esquerda do Alto Rio Juruā.				Ig. Mamori, Ig. Jacaré, Ig. Sta. Rita.
Kadjikiri Djapā		margem esquerda do R. Juruā, em frente à foz do R. Gregório.	entre as cabeceiras do R. Jutai e Eirunepé.	margem esquerda do Alto Juruā; entre cabeceira do R. Jutai e Eirunepé.	Rio Itacoai; Alto Rio Jutai.
Bem Djapā	Ig. Bom Jardim, afluente da margem esquerda do Alto R. Juruā.	Rio Juruā, entre o R. Gregório e Eirunepé.	margem esq. do R. Juruā, em frente ao R. Gregório.	cabeceiras do R. Juruā; margem esq. R. Juruā, próximo ao R. Gregório.	Ig. Mamori; Alto Rio Jutai; Ig. Jacaré; Rio Xeruā; Rio Japurá, R. Itacoai.
Natok Djapā					
Potso Djapā	Ig. Maloca, afluente da margem esquerda do Alto Rio Juruā.				Ig. Santa Rita; Jacaré; Ig. Mamori; Alto Rio Juruā; Rio Itacoai.

PROC. N.º 11.024
 FLS. 20
 RUBRICA

Wadjo Paranim Djapã	cabeceiras do Ig. Jordão, afluente da margem direita do Rio Jutaizinho.		entre as cabeceiras do R. Jutaí e Eirunepê.	cabeceiras do Rio Jutaí; margem esquerda do médio Juruá.	Alto Rio Jutaí; Ig. Mamori; Ig. Jacaré.
Amona Djapã	Região entre o Alto R. Jutaizinho e a margem esquerda do Alto Rio Juruá.			margem esquerda do Alto Rio Juruá.	Alto Rio Jutaí; Ig. Mamori.
Kamodja Djapã	cabeceiras do Rio Pauini.	Rio Juruá, abaixo de Eirunepê.			Rio Xeruá; Ig. Mirim; Ig. Mamori; Rio Japurá.
Wadjo Teknim Djapã	Região entre as cabeceiras do Rio Mutum e a margem esquerda do Médio R. Juruá.				Alto Rio Jutaí, Ig. Mirim, Ig. Curabi, Alto Rio Xeruá, Rio Itacoai, Ig. Sta. Rita, Ig. Três Bocas, R. Xeruá.
Wiri Djapã	Rio Tarauacã, Baixo Rio Envira, Rio Itucumã.		margem esq. do baixo Rio Tarauacã.	Região do baixo R. Tarauacã, afluente do R. Juruá.	Ig. Mirim, Ig. Mamori, Ig. Sta. Rita, Ig. Três Bocas, Rio Xeruá.
Kadjo Djapã	cabeceiras do Rio Pauini.		entre as cabeceiras do R. Jutaí e Eirunepê.	margem esquerda do Alto Rio Juruá.	Alto Rio Jutaí; Rio Xeruá, Rio Xeruá.
Ketsa Djapã	margem esquerda do médio R. Jutaí.	margem direita do Rio Jutaí.	entre a margem esquerda do baixo Jutaí e a margem direita do baixo Jandiatuba.	R. Preto, afluente da margem direita do R. Jandiatuba.	Alto Rio Jutaí.
Pida Djapã	Rio Biã, afluente da margem direita do Baixo R. Jutaí.		margem direita do baixo Rio Jutaí.	médio Rio Jutaí, Rio Mutum e Rio Biã.	Rio Biã.

<p>Tsumum Djapã</p> <p>Canamari (designação ge nérica).</p>	<p>Região entre as cabeceiras dos rios Jutai, Jandiatuba e Itacoai, e a margem esq. do Alto R. Juruã.</p>	<p>margem esquerda do Rio Jutai.</p> <p>margem direita do R. Juruã, entre os Igrapês Ipixuna e Chuã, e bacia do R. Jutai.</p>	<p>margem esq. do R. Juruã, entre os Rios Liberdade e Gregório.</p> <p>margem esq. do Juruã e Xeruã. entre os Rios Envi ra e Jurupari. Cabeceiras do Rio Pauini. Cabeceiras do Rio Tapauã.</p>	<p>do R. Tarauacã até as cabeceiras do R. Pauini e ao sul do R. Purus. margem esq. do R. Juruã, das cabeceiras do Rio Jutai ao R. Biã, cabeceiras do R. Tapauã, afluente do R. Purus.</p>	<p>entre as cabeceiras dos Rios Jandiatuba, Jutai, Cu ruena e Ig. Queimado; Alto Rio Jutai.</p>
<p>Hetsam Djapã</p>	<p>Região entre as cabeceiras do Rio Jutaizinho, afluente do Alto R. Jutai, e a margem esq. do Alto Rio Juruã.</p>				<p>Ig. Mamori; Ig. Sta. Rita; Alto Rio Jutai; Rio Itacoai; Rio Japurã.</p>
<p>Tsuma Djapã</p>	<p>cabeceiras do Rio Pauini.</p>				
<p>Hororo Djapã</p>					<p>Ig. Mirim; Ig. Três Bocas; Ig. Mamori.</p>
<p>Kawchtsynin Djapã</p>	<p>Ig. Canamã, afluente da margem esq. do Médio R. Juruã.</p>				<p>Rio Japurã.</p>
<p>Hodja Djapã</p>	<p>Ig. Maloca, afluente da margem esq. do Alto R. Juruã.</p>			<p>PROC. N.º 2704/3- FLS. 91 RUBRICA</p>	<p>Ig. Jacaré; Ig. Sta. Rita.</p>

Kawohdak Djapã	Região entre as cabeceiras do R. Jutaizinho, afluente do Alto Rio Jutaí, e a margem esq. do Alto R. Juruá.				Rio Itacoaí.
Mok Djapã	Ig. São Vicente, afluente da margem esq. do Alto Rio Juruá.				Ig. Mamori.
Dom Djapã	Ig. Matrinchão, afluente da margem esq. do Alto Rio Juruá.				Ig. Jacaré; Alto Rio Jutaí; Ig. Mamori.
Kiri Djapã	Ig. Curumim, afluente da margem esquerda do Alto Rio Juruá.				Ig. Mamori; Alto Rio Jutaí.
Ehtakerakom Djapã	Cabeceiras do Rio Jutaí.				Ig. Sta. Rita; Alto R. Jutaí.
Tsahã Djapã	Ig. Matrinchã, afluente da margem esq. do Alto Rio Juruá.				Ig. Mamori.

- fonte: - Tastevin, C. Les Indiens de La Prefecture Apostolique de Teffe. O Missionário vol. 2; Março-Abril/1925. Tefé-AM.
 - Nimuendaju, C. Mapa Etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes (1944). IBGE/Pró-Memória. Rio de Janeiro, 1980.
 - Metraux, A. Tribes of the western Amazon Basin Handbook of South American Indians. Vol. 3 p. 657-686. Washington, 1948.
 - Steeard, J.H. Map. 5 - The natives of the Montaña and the western Amazon Basin. Handbook of South American Indians. Vol. 3. p. 508. Washington, 1948.

POPULAÇÃO

No processo de interiorização destes grupos, houve a perda da ocupação das margens dos grandes rios, hoje localizados nos interiores de igarapês, esta população se distribuiu em pequenos grupos locais como forma de se manter como etnia diferenciada. Como consequência da ocupação por frentes extrativistas, tanto a caça, pesca e condições do solo para roçados se encontram diminuídos e escassos, quanto a inserção dos Kanamari no processo extrativista como atividade produtiva para as transações comerciais, levaram estes grupos a se reorganizar, ocupando em pequeno número os espaços existentes (conforme tabela a seguir).

GRUPO LOCAL	NÚMERO DE CASAS	NÚMERO DE FAMÍLIAS	TOTAL DE PESSOAS
Rio Itucumã			
Ig. Mirim			
Col. Mulateiro	1	1	4
Col. São Miguel	6	6	40
Col. Fortaleza	5	6	38
Rio Juruá			
Ig. Mamori I	19	36	156
Ig. Mamori II	5	7	34
Ig. Santa Rita	9	12	62
Ig. Três Bocas			
Col. Paraíso	2	4	17
Foz do Ig. Branco	1	2	5
Rio Xerubá			
Ig. Resimam	4	4	15
Ig. Curabi			
Col. São Bento	2	2	11

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 1704/E-
FLS. 94
RUBRICA Alf. L. L.

Col. Santa Rita	1	1	8
Col. São Paulo	4	6	29
Médio Xerua			
Col. Santa Rosa	2	3	18
Alto Xerua			
Col. Mamoral	7	8	38
Ig. Flecha	1	1	5
Dispersos			
Rio Juruá			
Ig. Coringa	1	1	8
Ig. Bauana Branco	1	1	3
Rio Xerua			
Col. Socozal	1	1	3
Col. Limoeiro	1	1	2
T O T A L	73	103	496

Na população do Ig. Mamori I, estão incluídas:

- 22 pessoas do Grupo Local do Jacaré
- 2 pessoas do Grupo Canamari do Rio Itaquaí
- 1 pessoa do Grupo Canamari do Rio Jutai
- 2 pessoas do Grupo Canamari do Ig. Santa Rita

Na população do Ig. Santa Rita, estão incluídas:

- 21 pessoas do Grupo Local do Jacaré

Os Kanamari constroem hoje suas casas, no estilo regional, de paxiúba (palmeira da região) e cobertas de palhas (caranaí, ubim ou jaci, dependendo da existência delas no local). São de palafita (acima do solo) e geralmente têm uma área fechada (quarto dos donos da casa) e outra aberta (entrada e cozinha), sem no entanto ter uma parede geral que abranja a casa toda.

Como já foi visto no item referente à história dos Kanamari, os dados bibliográficos quanto a registros de população, são mínimos. No censo populacional do SPI em 1953 encontra-se 3.000 Kanamari, a partir daí, somente em 1.983 o CIMI/OPAN realizou um levantamento no qual registram cerca de 1.000 índios, dos quais 446 no vale do rio Juruá e restante, nos rios Jutai, Itacoai e Japurá.

Pela tabela abaixo nota-se que nestes 30 anos, ou seja, entre 1.953 e 1983 não se tem dados completos de todos os grupos locais do vale do Juruá. Somente nos últimos 3 anos a presença mais constante do CIMI/OPAN permitiu um acompanhamento da população.

A variação entre os totais destes 3 anos, deverá ser compreendida não só como aumento da população, mas também, e principalmente como uma variação natural, devido a grande mobilidade existente destes grupos locais entre si e com os grupos dos rios Jutai e Itacoai.

ANO	POPULAÇÃO	LOCAL	FONTE
1953	3.000	Vale do Juruá	SPI
1979	214	Ig. Mamori e R. Xeruá	MNTB-CIMI/OPAN
1980	201	Ig. Mamori e Ig. Maloca	MNTB-CIMI/OPAN
1981	302	Ig. Mamori, Ig. Jacaré e Ig. Sta. Rita	MNTB-Prelazia de Tefé
1982	341	Ig. Mamori, Rio Itucumã, Ig. Jacaré, Sta. Rita e Três Bocas	MNTB-CIMI/OPAN
1983	446	Vale do Juruá	CIMI/OPAN
1984	496	Vale do Juruá	CIMI/OPAN-FUNAI

Na distribuição da população por sexo e faixa etária a tabela a seguir mostra que 76,86% homens e 75,34% das mulheres, estão na faixa de 0 a 29 anos, donde depreende-se que os Kanamari apesar da grande depopulação e dispersão já demonstrada verifica-se um incremento populacional através da leitura do alto índice de natalidade e de indivíduos jovens.

Além da distribuição geral de todos os Kanamari do rio Juruá e afluentes a tabela mostra que 76,86% (216 pessoas) dos homens e 75,34% (378 pessoas) estão na faixa de 0 a 29 anos. Donde conclui-se que a população

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 2704/84
FLS. 96
RUBRICA Alberto

ção Kanamari do rio Juruá e afluentes, se caracteriza por ser uma população jovem. Nas faixas etárias compreendidas entre 10 e 29 anos, isto é, a faixa em que está contida a força de trabalho encontra-se 35,94% (101 pessoas) dos homens e 40% (86 pessoas) das mulheres, sendo portanto um total de 37,70% (187 pessoas).

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO KANAMARI POR LOCALIZAÇÃO,

FAIXA ETÁRIA E SEXO

FAIXA ETÁRIA	RIO ITUCUMÁ		RIO JURUÁ						RIO XERUÁ						DISPERSOS DO RIO JURUÁ E XERUÁ		TOTAL					
	IG. MAIORÍ	IG. STª RITA	IG. TRÊS BOCAS	ALTO XERUÁ	IG. FLECHA	MÉDIO XERUÁ	IG. CURABI	IG. REZIMAM	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F				
0 - 11m	2	-	4	6	2	-	3	-	1	3	-	-	1	1	3	1	-	-	16	11		
1 - 4	6	8	23	10	6	1	-	3	3	-	-	2	1	7	3	1	1	-	1	48	31	
5 - 9	11	8	10	17	11	5	1	1	4	1	1	-	2	1	7	1	2	-	2	51	34	
10 - 14	3	5	10	7	3	3	1	-	-	2	-	1	1	5	1	1	3	2	-	26	23	
15 - 19	5	1	17	11	5	3	-	2	2	3	1	-	-	3	3	-	1	-	1	35	25	
20 - 29	9	9	15	16	-	3	3	2	7	4	-	-	1	1	4	5	1	-	-	40	40	
30 - 39	2	3	7	7	5	4	1	-	-	1	-	-	1	2	2	1	1	-	-	18	19	
40 - 49	1	1	11	6	6	1	1	1	1	-	-	-	1	1	-	1	-	1	1	23	12	
50 - 59	6	2	1	4	-	1	1	-	-	-	-	-	1	1	1	1	-	1	-	9	9	
+ de 60	-	-	3	2	2	-	1	1	1	2	-	-	-	-	1	-	-	1	-	8	6	
SEM INFORMAÇÃO	-	-	2	1	-	1	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	4	4	
TOTAL	45	37	103	87	40	22	12	10	19	19	3	2	8	10	33	15	8	7	10	6	281	215

PROC. Nº 2706/84

FLS. 97

KANAMARI

LEVANTAMENTO POPULACIONAL DOS KANAMARI DO RIO JURUÁ

RIO JURUÁ - Igarapé Mirim

Nº DE ORDEM	NOME DE KANAMARI	NOME DE CARIÓ	C L Ã	LOCAL NASCIMENTO	SEXO	IDADE
<u>Colocação Mulateiro</u>						
01	Djaro	Raimundo	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	52
02	Heng	Chiquinha	Branco	Ig. Mirim	F	28
03	Kariyon	Raimundo Nonato	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	05
04	Waytsonem	Mã Denise	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	03
<u>Colocação São Miguel</u>						
05	Heyo-Mahorawi	Leopoldo	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	54
06	Djanã	Iraci	Wadjo Teknim Djapã	Rio Pauini	F	32
07	Marohim	Luiza-Pitsoro	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	17
08	Aruã	Gilberto	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	15
09	Maimhã	João	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	11
10	Yudji	José	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	07
11	Tsawi	Terezinha	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	04
12	Da'orã	Duga	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	01
13	Da'orã	Duga	Wadjo Teknim Djapã	Rio Pauini	M	54
14	Wahdawi	Carolina	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	F	56
15	Kaiwari	Chico	Wadjo Teknim Djapã	Ig. Mirim	M	27

PROC. N.º 2204/84
 FLS. 98
 RUBRICA

16	Madjawi	Santa	Branco	Rio Tarauacá	F	25
17	Wahmarã	Marlende	Wadjo Teknim Djapã	Ig. Mirim	F	07
18		Americano	Wadjo Teknim Djapã	Ig. Mirim	M	06
19	Hohak	Marelinda	Wadjo Teknim Djapã	Ig. Mirim	F	04
20	Tsawi	Lucilene	Wadjo Teknim Djapã	Ig. Mirim	F	02
21		Bem	Wadjo Teknim Djapã	Ig. Mirim	M	3 meses
22	Yudji	Zê	Wiri Djapã	Rio Tarauacá	M	35
23	Tsawi	Carmem	Wadjo Teknim Djapã	Rio Tarauacá	F	33
24	Djanã Lucianira	Lucianira	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	07
25	Wahdawi	Graça	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	05
26	Wadkudji	Alda	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	02
27	Kaiawi	Esmeralda	Wiri Djapã	Rio Tarauacá	F	25
28	Djanim	Batista	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	06
29	Kaiwari	Chico Félix	Wiri Djapã	Rio Tarauacá	M	53
30	Ampê-Makanê	Raimunda	Wadjo Teknim Djapã	Rio Pauini	F	37
31	Tsauri	Nedina	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	18
32	Da'orã	Raimundo	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	16
33	Nodeã	Severino	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	13
34	Wahdawi-Hetsam	Carolina	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	9
35	Paymkarem	Rosa	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	7
36	Wahmarã	Marilza	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	2
37	Kaimo	Luis de Odorico	Kamudja Djapã	Rio Itucumã	M	31
38	Painkarem	Fany	Wiri Djapã	Rio Itucumã	F	49
39	Iowãrã	Júlio	Wadjo Teknim Djapã	Rio Itucumã	M	24
40	Piorã	Waldir	Wadjo Teknim Djapã	Ig. Mirim	M	16
41	Tsawi	Dulcilene	Wadjo Teknim Djapã	Ig. Mirim	F	14

42	Pi'am	Manoel	Wadjo Teknim Djapá	Ig. Três Bocas	M	52
43	Heyo	Edmilson	Wiri Djapá	Rio Itucumã	M	23
44	Kaiwari	Joãozinho	Wadjo Teknim Djapá	Ig. Mirim	M	20
<u>Colocação Fortaleza</u>						
45	Narim'a	Henrique	Wiri Djapá	Rio Tarauacá	M	45
46	Wahkudji	Alda	Wiri Djapá	Rio Itucumã	F	28
47	Wanaim	Francisca	Wiri Djapá	Ig. Mirim	F	14
48	Yorê	Raimunda	Wiri Djapá	Ig. Mirim	F	11
49	Kaimo	Luis	Wiri Djapá	Ig. Mirim	M	09
50	Iowãrã	Chiquinho	Wiri Djapá	Ig. Mirim	M	06
51	Yodji	José	Wiri Djapá	Ig. Mirim	M	04
52	Norê	Cacilda	Wiri Djapá	Ig. Mirim	F	03
53	Topiana		Wiri Djapá	Ig. Mirim	M	7 meses
54	Aro	Odorico	Hororo Djapá	Rio Envira	M	58
55	Wahmarã	Maria	Kamudja Djapá	Rio Pauini	F	53
56		Antonio	Hororo Djapá	Rio Itucumã	M	17
57	Pi'am	Vicente	Hororo Djapá	Rio Itucumã	M	15
58	Iowãrã	Alfredo	Hororo Djapá	Ig. Três Bocas	M	12
59	Wahkudji-Djikihá	Tereza	Hororo Djapá	Ig. Mirim	F	10
60	Narim'ã	Benedito	Hororo Djapá	Rio Itucumã	M	29
61	Wahnom	Neide	Wiri Djapá	Rio Itucumã	F	25
62	Djanã	Delci	Kamudja Djapá	Ig. Mirim	F	11
63	Heyo	Nildo	Kamudja Djapá	Ig. Mirim	M	09
64	Tairô	Chiquinha	Kamudja Djapá	Ig. Mirim	F	06

65	Norã	Laercio	Kamudja Djapã	Ig. Mirim	M	04
66	Wadê	Antonio	Kamudja Djapã	Ig. Mirim	M	02
67	Da'orã	Manoelzinho	Wiri Djapã	Rio Itucumã	M	22
68	Wahpakã	Cacilda	Hororo Djapã	Rio Itucumã	F	24
69	Rira	Antonio	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	08
70	Yodji	Josê	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	05
71	Aruã	Bernaldo	Wiri Djapã	Rio Itucumã	M	24
72	Tsumim	Maria	Hororo Djapã	Rio Itucumã	F	21
73	Da'orã		Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	03
74	Hedji		Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	01
75	Topiana	Carimbô	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	05
76	Heyo	Francisco Henrique	Wadjo Teknim Djapã	Rio Itucumã	M	27
77	Topiana	Anastãcio	Wiri Djapã	Rio Itucumã	M	28
78	Hodô	Antonia	Branco	Rio Tarauacã	F	26
79	Paymkarem	Raimundinha	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	09
80	Maim'hã	Adriano	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	06
81	Wahnom	Ana Maria	Wiri Djapã	Ig. Mirim	F	05
82	Narim'ã	Henrique	Wiri Djapã	Ig. Mirim	M	03

RIO JURUÁ - Igarapé Mamori I

83	Warahã	Napoleão	Kamudjã Djapã	Rio Pauini	M	65
84	Etsonim-Wahayo	Leonor	Tsahã Djapã	Ig. São Vicente	F	54
85	Djawarikã	Raimundo	Kamudjã Djapã		M	18
86	Wahpam	Maria	Kamudjã Djapã		F	13
87	Madô	Raimundo	Potso Djapã	R. Jutaizinho	M	17

REC. N.º 2304/75
CLS. 101
RUBRICA 11/11/75

88	Wahbô	Tereza	Kamudiã Djapã	Ig. Grande	F	15
89	Waykayo		Potso Djapã	Ig. Mamori	F	3 meses
90	Wayarã	Manoel	Amonã Djapã	Rio Jutaí	M	24
91	Wahdawi	Maria Anita	Kamudjã Djapã	Ig. Grande	F	25
92	Behe	Dedê	Amonã Djapã	Ig. Mamori	M	07
93	Kiyamã	Maria	Amonã Djapã	Ig. Mamori	F	05
94		Odorico	Amonã Djapã	Ig. Mamori	M	03
95	Poroyã	Dionísio	Amonã Djapã	Ig. Mamori	M	6 meses
96	Tsewi	João Araújo	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	57
97	Tsororo	Júlia	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	46
98	Djo'ô	Paixão	Dom Djapã	Ig. Maloca	M	25
99	Boho	Sofia	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	21
100	Naykê	Carlos	Dom Djapã	Ig. Mamori	M	7 meses
101	Iwi-Koni	Raimundo	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	21
102	Kamarô	Nazaré	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	17
103	Potsowãk	João Kom	Dom Djapã	Ig. Maloca	M	40
104	Wahkerô	Júlia	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	50
105	Wa'ari-Wahyo	Mã Preta	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	21
106	Hitu		Dom Djapã		M	17
107	Woyã		Dom Djapã		M	15
108	Kara'am	Nego	Dom Djapã		M	06
109	Iwi	Anísio	Dom Djapã		M	04
110	Omam'i	Balalau	Dom Djapã		M	01
111	Kariyon	Leandro	Bem Djapã	R. Jutaizinho	M	41
112	Kiyamã	Joana	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	40
115	Hanani		Hetsan Djapã	Ig. Maloca	F	12

ROC. N.º 2204/82
 LIS. 102
 RUBRICA 31/10/82

114	Djaho	Cardoso	Bem Djapã		M	15
115	Katô		Bem Djapã		M	10
116	Oki	Salazar	Kiri Djapã	Ig. Maloca	M	31
117	Djikihá	Alzira	Bem Djapã	Ig. Grande	F	20
118	Djanã		Kiri Djapã	Ig. Mamori	M	11
119	Watsikiri	Neide	Kiri Djapã	Ig. Mamori	F	08
120	Yudji	Zê	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	18
121	Enô	Maroca	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	16
122	Wakwatô-Tsonô	Ione	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	8 meses
123	Da'orã	Valdemar	Bem Djapã	Ig. Maloca	M	40
124	Wahmarã-Owê	Tereza	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	39
125	Ihpa'am	Joãozinho	Bem Djapã	Ig. Grande	M	17
126	Watsô	Casemiro	Bem Djapã	Ig. Mamori	M	09
127	Watsi	Iracema	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	07
128	Doho		Bem Djapã	Ig. Mamori	M	04
129	Djumi		Bem Djapã	Ig. Mamori	M	02
130	Tamakori-Wayahô	Roberto	Dom Djapã	Ig. Maloca	M	24
131	Maram'Maram	Amazonas	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	16
132	Toowe-Katô		Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	84
133	Djorohã	João Alvimaia	Bem Djapã	Ig. Maloca	M	35
134	Wahbô	Odete	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	35
135	Aruã	Kine	Bem Djapã	Ig. Mamori	M	11
136	Jutaikã	Cleuza	Potso Djapã	Ig. Maloca	F	59
137	Bawai	Moreninho	Dom Djapã	Ig. Maloca	M	19
138	Mãnhu	Raimunda	Dom Djapã	Ig. São Vicente	F	54
139	Bahi	João Pequeno	Dom Djapã	Ig. São Vicente	M	15

140	Madara	Paulo	Dom Djapã	Ig. São Vicente	M	26
141	Nariãã	Tereza	Wiri Djapã	Rio Itucumã	F	20
142	Topiãã		Bem Djapã	Ig. Mamori	M	06
143		Rita	Bem Djapã	Ig. Três Bocas	F	04
144	Ehehãã	Fátima	Bem Djapã	Ig. Três Bocas	F	02
145	Hidomã	Pedro	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	43
146	Botok	Cristina	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	45
147	Nonai	Arnildo	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	15
148	Katê	Eva	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	10
149		Dolores	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	06
150	Tsumia		Bem Djapã	Ig. Mamori	F	03
151	Wahmarã	Mariquinha	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	80
152	Kadji	Rufino	Mok Djapã	Ig. São Vicente	M	-
153	Pinô	Paulo Rufino	Mok Djapã	Ig. Mamori	M	21
154	Toodã	Manoel	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	22
155	Komokô	Neuza	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	35
156	Wahpadjã	Chiquinha	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	05
157	Yurê	Alice	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	02
158	Hanani	Ana		Ig. Mamori	F	08
159	Kohe	Lee	Bem Djapã	Ig. Mamori	M	11
160	Dapomã	Carteira	Bem Djapã	Ig. Grande	M	27
161	Arakã	Mã do Socorro	Bem Djapã	Ig. Grande	F	19
162	Kori'ã	Felipe	Bem Djapã	Ig. Mamori	M	04
163	Madawê	Luiz	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	47
164	Yurê	Nenê	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	39
165	Wahpãe	Naidi	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	48

166	Hidoni	Doani	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	15
167	Ebã	Davi	Bem Djapã	Ig. Mamori	M	06
168	Anãi	Cristina	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	09
169	Wayarã	Bruce	Bem Djapã	Ig. Mamori	M	03
170	Wahpam-Wadjã	Dana	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	05
171	Kariyon	Bastião	Marã Djapã	Ig. São Vicente	M	45
172	Wahpam	Zuleide	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	39
173	Munhu	Raimunda	Marã Djapã	Ig. Mamori	F	12
174	Tsahenê	Roberto	Marã Djapã	Ig. Mamori	M	09
175	Awanom	Lelêu	Marã Djapã	Ig. Mamori	M	04
176	Marim'awã	Chico Carioca	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	21
177	Wah'am		Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	16
178	Pimã	Manoel	Bem Djapã	Ig. Mamori	M	02
179	Toodã	Gildo	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	49
180	Ehta'ê	Maria	Amonã Djapã	Rio Jutaí	F	25
181	Djorahã	Abraão	Bem Djapã	Ig. Mamori	M	07
182	Hoyã	Glória	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	05
183	Wahkahi	Mã do Socorro	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	05
184	Warahã	Napoleão	Bem Djapã	Ig. Sta Rita	M	03
185	Waikinã	Fátima	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	14
186	Tewem-Tsomã	Francisco	Wadjo Paranim Djapã	Rio Jutaí	M	14
187	Kori'ã	Chico	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	40
188	Tso'yã	Mã Odete	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	21
189	Kaiwari	Justino	Bem Djapã	Ig. Mamori	M	05
190	Naridjã	Tania	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	rec-nascido
191	Arô	Aroldo	Amonã Djapã	Rio Jutaí	M	30

FLS. 105
FUBRICA
M. J. J. J.

192	Wahpakā	Santa	Bem Djapā	Ig. São Vicente	F	26
193	Watihi-Etsā	Carla	Amonā Djapā	Ig. Mamori	F	08
194	Wateanēm	Loja	Amonā Djapā	Ig. Mamori	F	03
195	Madjawi		Amonā Djapā	Ig. Mamori	F	5 meses
196	Bahē	Raimundo	Bem Djapā	Ig. São Vicente	M	31
197	Tsirō	Mª Enōia	Amonā Djapā	Rio Jutai	F	20
198	Norom-Marohim		Amonā Djapā	Ig. Mamori	F	03
199	Nohē		Amonā Djapā	Ig. Mamori	M	rec-nascido
200	Tsahenē	Manoel	Bem Djapā	Ig. São Vicente	M	45
201	Horē	Tetē-Dnª Ester	Bem Djapā	Ig. São Vicente	F	40
202	Madawē-Wario	Jamba	Bem Djapā	Ig. Mamori	M	13
203	Bem	Terezinha	Bem Djapā	Ig. Mamori	F	08
204	Oki	Lourival	Bem Djapā	Ig. Mamori	M	03
205	Makō	João	Bem Djapā	Ig. Grande	M	16
206	Owē	Maria	Branco	Rio Juruá	F	14
207		Bastião	Potso Djapā	Ig. São Vicente	M	29
208	Nokarō	Nonata	Bem Djapā	Ig. São Vicente	F	21
209	Awim		Potso Djapā	Ig. Maloca	M	06
210	Ronō		Potso Djapā	Ig. Mamori	M	04
211	Tsawi	Lindalva	Potso Djapā	Ig. Mamori	F	01
<u>Igarapē Mamori. II</u>						
212	Wayarā	Alcides	Wadjo Paranim Djapā	Ig. São Vicente	M	69
213	Homoro	Dilma	Bem Djapā	Ig. São Vicente	F	60
214	Dokom-Dahkom	Roberto	Wadjo Paranim Djapā	Ig. Grande	M	20

215	Anuĩ	Raimundo	Wadjo Paranim Djapã	Rio Tarauacã	M	16
216	Bekero	Rosa Branca	Wadjo Paranim Djapã	Ig. Grande	F	15
217	Honorã	Raimundo	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	17
218	Wahmarã	Maria	Bem Djapã	Ig. Grande	F	19
219	Hanu	Elpídia	Wiri Djapã	Ig. Mamori	F	04
220	Naho-Bohbo	Laura	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	4 meses
221	Da'orã-Tsowikom	Edi	Hororo Djapã	Rio Itucumã	M	28
222	Katê	Marluce	Wadjo Paranim Djapã	Ig. Grande	F	26
223		Pedro	Hororo Djapã	Ig. Mamori	M	10
224	Wah'ubã	Rute	Hororo Djapã	Ig. Mamori	F	08
225	Da'om	Paulo	Hororo Djapã	Ig. Mamori	M	02
226	Tawê	Eunice	Hororo Djapã	Ig. Mamori	F	rec-nascido
227	Arõ	Aroldo	Ptso Djapã	Ig. Maloca	M	36
228	Narê	Albertina	Wadjo Paranim Djapã	Ig. São Vicente	F	36
229	Tsimo	João Timóteo	Wiri Djapã	Ig. Grande	M	10
230	Naê	Nair	Kulina	Ig. Mamori	M	07
231	Kapoerê	Pretinho		Ig. Mamori	M	03
232	Iwi	Joãozinho	Wadjo Paranim Djapã	Ig. São Vicente	M	37
233	Wahpãe	Mã Sonia	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	15
234	Manham	Mã Ana	Wadjo Paranim Djapã	Ig. Mamori	F	11
235	Wah'ri	Cristina	Wadjo Paranim Djapã	Ig. Mamori	F	09
236	Da'om-Da'orazinho		Wadjo Paranim Djapã	Ig. São Vicente	M	28
237	Itsã	Beta	Bem Djapã	Ig. São Vicente	F	20
238	Ranõ	Bill	Wadjo Paranim Djapã	Ig. Mamori	M	04
239	Tsākãram	Alfi	Wadjo Paranim Djapã	Ig. Mamori	F	02
240	Yudji	Zê	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	36

PROC. N.º 2204/194
FLS. 107
RUBRICA

241	Kahurê-Kawahere	Eunice	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	26
242	Momrihã		Bem Djapã	Ig. Mamori	F	08
243	Da'orã		Bem Djapã	Ig. Mamori	M	04
244	Noki		Bem Djapã	Ig. Mamori	M	02
245	Noenê		Bem Djapã	Ig. Mamori	M	rec-nascido

Pessoas de outras áreas em visita ao Igarapê Mamori do Igarapê Jacaré:

246	Poodak-Kohtô	Manoel	Hodjã Djapã	Ig. Maloca	M	44
247	Hawã	Maria	Dom Djapã	Ig. Maloca	F	40
248	Tsonohã	Terezinha	Hodjã Djapã	Ig. Maloca	F	15
249	Arô	Zeca André	Hodjã Djapã	Ig. Maloca	M	14
250	Kadji	Antonio	Hodjã Djapã	Ig. Maloca	M	11
251	Natôk	Raimunda	Hodjã Djapã	Ig. Maloca	F	08
252	Eriã	Madalena	Hodjã Djapã	Ig. Maloca	F	20
253	Koinã	Chico	Marã Djapã	Ig. Mamori	M	03
254	Arô	Nato	Marã Djapã	Ig. Mamori	M	01
255	Toowe	Francisco	Bem Djapã	Ig. Mamori	M	24
256	Wahio	Jandira	Hodja Djapã	Ig. Maloca	F	24
257	Ehpedji	Terezinha	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	06
258	Waropã	Joaninha	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	03
259	Yohô	Wili	Bem Djapã	Ig. Mamori	M	01
260	Kehpê-Topiana	Manoelzinho	Hodja Djapã	Ig. Maloca	M	22
261	Wahnom	Mã do Carmo	Hodja Djapã	Rio Jutã	F	21
262	Wariô	Sebastião	Hodja Djapã	Ig. Mamori	M	03
263	Hitsambã	Cristiano	Hodja Djapã	Ig. Mamori	M	01
264	Mahene	Pereira	Hodja Djapã	Ig. Maloca	M	

REC. N.º 2201/94
FLB. 102
RUBRICA

265	Wahmandak	Maria Cristina	Hodja Djapã		F	
266	Arõ	Aroldo Pereira	Hodja Djapã	Ig. Mamori	M	04
267	Pekena	Irene	Dom Djapã	Ig. Maloca	F	35

Do Rio Itacoari:

268	Manhu	Aldemir	Potso Djapã	Rio Itacoari	M	16
269	Narumã	Agenor	Wadjo Djapã	Rio Itacoari	M	17

Do Rio Jutai:

270	Koni	Abílio	Bem Djapã	Ig. São Vicente	M	49
-----	------	--------	-----------	-----------------	---	----

Do Igarapé Stª Rita:

271	Dja'õ	Chiquito	Marã Djapã	Ig. São Vicente	M	18
272	Djanã	Neide	Wadjo Teknim Djapã	Ig. Mirim	F	16

IGARAPÉ SANTA RITA

273		Paulino	Branco	-	M	47
274	Wahbo	Amélia	Wiri Djapã	Baixo Rio Envira	F	58
275	Peroba	Mã Rute	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	F	11
276		Antonio	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	08
277	Kaiwari	Pedrinho	Wiri Djapã	Rio Itucumã	M	37
278	Enõi	Manha	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	F	52
279	Djori	Sebastião	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	16

PROC. N.º 230413
 FLS. 109
 RUBRICA - Milena

280	Djanam	Cesário	Hodja Djapã	Ig. Maloca	M	40
281	Borã	Chiquinha	Hodja Djapã	Ig. Maloca	F	34
282	Wadje	Darcy	Hodja Djapã	Ig. Maloca	M	18
283	Hanani	Diomar	Hodja Djapã	Ig. Maloca	F	17
284	Hidjã	Ivone	Hodja Djapã	Ig. Maloca	F	10
285	Djanam	Francisco	Hodja Djapã	Ig. Maloca	M	07
286	Bawai	Romeu	Hodja Djapã	Ig. Maloca	M	06
287	Makimã	Nacilio	Hodja Djapã	Ig. Jacaré	M	03
288	Panawã	Dinaci	Hodja Djapã	Ig. Jacaré	M	01
289	Wayahã	João	Potso Djapã	Ig. Maloca	M	46
290	Waykapã	Maria Cruz	Hodja Djapã	Ig. São Vicente	F	45
291		Gregório -Antonio	Potso Djapã	Ig. Maloca	M	11
292	Iway	Joãozinho	Potso Djapã	Ig. Stª Rita	M	09
293		Brãs	Potso Djapã	Ig. Stª Rita	M	07
294	Maymhã	Maurício	Hetsan Djapã	Ig. Maloca	M	17
295	Towi-Hedewa	Kato	Potso Djapã	Ig. Maloca	M	17
296	Hony	Doca	Potso Djapã	Ig. Maloca	F	16
297	Potsowo	João	Potso Djapã	Ig. Maloca	M	07
298	Wahtono	Dora	Hodja Djapã	Ig. Maloca	F	06
299	Tamakory	Roberto	Hodja Djapã	Ig. Maloca	M	04
300	Awina	Valdir	Potso Djapã	Ig. Maloca	M	42
301	Wahjo	Antonia	Hodja Djapã	Ig. Maloca	F	33
302	Raotsy	Antonio	Potso Djapã	Ig. Maloca	M	16
303	Makina	Manoel	Potso Djapã	Ig. Maloca	M	12
304	Kadjohkirak	Francisca	Potso Djapã	Ig. Maloca	F	07
305	Da'orã	Adilson-Sandú	Potso Djapã	Ig. Stª Rita	M	05

ROC. N.º 2304/84
 CLS. 110
 RUBRICA 1111/1111

306	Djikiha	Terezinha	Wiri Djapá	Rio Itucumã	F	39
307	Piorá	Jurandir	Wadjo Teknim Djapá	Rio Itucumã	M	40
308	Maem	Chicote	Wadjo Teknim Djapá	Ig. Stª Rita	M	10
309	Hejo	-	Wadjo Teknim Djapá	Ig. Stª Rita	M	07
310	Djanom	Adrião	Wadjo Teknim Djapá	Ig. Stª Rita	M	04
311	Wara	-	Wadjo Teknim Djapá	Ig. Stª Rita	M	rec-nascido
312	Hitsamba	Cristiano	Hodja Djapá	Ig. Maloca	M	30
313	Mahfá	Maria	Wiri Djapá	Rio Itucumã	F	28
314	Wahtono	Mª Rosemara	Hodja Djapá	Ig. Maloca	F	06
315	Kariyon	Francisco	Hodja Djapá	Ig. Mamori	M	05
316	Kadji	-	Hodja Djapá	Ig. Mamori	M	1 semana
317	Wadê	Brás	Hodja Djapá	-	M	32
318	Djohkoki-Maramharam	Maria	-	-	F	28
319	Oky	Salazar	Hodja Djapá	-	M	06
320	Makiari	Raimundinha	Hodja Djapá	-	F	04
321	Bawai	Romeu	Potso Djapá	Ig. Maloca	M	45
322	Mamboram	Chiquinha	Hodja Djapá	Ig. Maloca	F	28
323	Hawô	Maria	Hodja Djapá	-	F	13
324	Kotoykê	Joana	Hodja Djapá	-	F	09
325	Borã	Chiquinha	Hodja Djapá	-	F	06
326	Naro'á	João	Hodja Djapá	-	M	04
327	Potsowo	João Curumim	Potso Djapá	Ig. São Vicente	M	98
328	Djarawa	Elvita	Potso Djapá	Ig. Maloca	F	18
329	Kadji	Catinguero	Hodja Djapá	Ig. Maloca	M	65
330	Naro'a	João Catinguero	Hodja Djapá	Ig. Maloca	M	34
331	Da'ora	Amadeu	Ehtekerakom Djapá	Ig. Maloca	M	39
332	Djo'o	Chico Conde	-	-	M	08

REC. N.º 2204/24
 FLB. 111
 RUBRICA 2204/24

333	Ihnam	Remédio-Raimundo	-	-	M	04
334	Waropa	Iracema	Hetsam Djapã	-	F	-
<u>Igarapé Três Bocas - Colocação Paraiso</u>						
335	Djorion	Alfredinho	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	45
336	Hidji	Noemia	Wiri Djapã	Rio Itucumã	F	40
337	Wãya	Antonio	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	13
338	Aniury	Carlos	Wiri Djapã	Ig. Três Bocas	M	06
339	Mahikã	Boneca	Wiri Djapã	Ig. Três Bocas	F	03
340	-	sem nome	Wiri Djapã	Ig. Três Bocas	M	4 dias
341	Makyari	Leonice	Wiri Djapã	Ig. Três Bocas	F	02
342	Kaury	João	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	23
343	-	Moça	Wiri Djapã	Rio Itucumã	F	20
344	Djomhdjom	Mazonas	Wiri Djapã	Ig. Três Bocas	F	02
345	Wataro	Raimundinho	Wiri Djapã	Ig. Três Bocas	M	3 meses
346	Heyo	Alfredo	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	35
347	Wahmarã	Marilda	Hororo Djapã	Rio Itucumã	F	22
348	Tomerô	Bidoca	Wiri Djapã	Ig. Stã Rita	F	06
349	Wayara	Chico	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	28
350	Kadjohpam	Manoel Alexandre	Wiri Djapã	Baio Rio Envira	M	79
351	Narê	Noemia	Wadjo Teknim Djapã	L.Iracema, R.Juruã	F	65

Colocação Igarapé Branco

352	Panawã	Leoncio	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	56
353	Wahkero	Conceição	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	F	19

354	Barirô	Raimundo	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	25
355	-	Raimunda	Branca	Rio Xeruã	F	18
356	Kaury	João	Wiri Djapã	Ig. Três Bocas	M	7 meses

ALTO RIO XERUÃ

Colocação Mamoad

357	Kadjoro	Alfredo	Bem Djapã	Ig. Stã Rita	M	26
358	Marim'awa	Maria	-	Rio Tarauacã	F	23
359	Boho	Luiza	Kadjoh Djapã	Rio Envira	F	61
360	Kadjy	Jurandir	Bem Djapã	Rio Tarauacã	M	29
361	Wahdon	Dodô	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	F	19
362	Wadê	Nelson	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	M	03
363	Wahkudjy	Auxiliadora	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	F	10 meses
364	Warã	Nelson	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	M	21
365	Kawahã	Maria	Wadjo Djapã	Rio Tarauacã	F	20
366	Pimã	Agripino	Wadjo Djapã	Rio Tarauacã	M	42
367	Tayrô	Iracy	Bem Djapã	Rio Itucumã	F	37
368	Hony	Medina	Wadjo Djapã	Ig. Curabi	F	18
369	Wadê	Raimundinho	Wadjo Djapã	Ig. Curabi	M	16
370	Boho	Mã Goretí	Wadjo Djapã	Alto Rio Xeruã	F	13
371	Kadjoro	Edi	Wadjo Djapã	Alto Rio Xeruã	M	09
372	-	Antonio	Wadjo Djapã	Alto Rio Xeruã	M	08
373	Noky	Eduardo	Wadjo Djapã	Alto Rio Xeruã	M	05

PROC. N.º 113
RUBRICA

374	Waykaro	Eliana	Wadjo Djapã	Alto Rio Xeruã	F	03
375	-	Antonio	Bem Djapã	S. Stª Luzia, R. Juruã	M	22
376	Hawa	Maria	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	F	25
377	Boho	Zuleide	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	F	04
378	Wayda	Roberto	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	M	02
379	-	Daniel	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	M	3 meses
380	Karion	João	Bem Djapã	Rio Tarauacã	M	27
381	Djoperẽ	Graça	Kamudjã Djapã	Ig. Mamori	F	27
382	Hanani	Maria	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	F	10
383	Wãya	Antoninho	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	M	07
384	Wa'odjy	Raimunda	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	F	05
385	Kadjohpam	Alexandre	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	M	02
386	-	Jacauna	Bem Djapã	Médio Rio Xeruã	M	20
387	Toarom	Dionísia	Bem Djapã	Ig. Curabi	F	19
388	Hony	Rosileide	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	F	03
389	Marim'awa	Maria	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	F	7 meses
390	Djoriom	Paulo	Kamudjã Djapã	Rio Pauini	M	60
391	Hanani	Chiquinha	Wadjo Teknim Djapã	Lago Manguari, R. Juruã	F	60
392	Yodi	Zẽ	Kamudjã Djapã	Rio Tarauacã	M	24
393	Komhmenẽ	Neuza	Kamudjã Djapã	Ig. Trẽs Bocas	F	3 meses
394	Kadjohpam	Vinício	Kamudjã Djapã	Ig. Curabi	M	18
<u>Igarapẽ Flecha</u>						
395	Parawi	Renẽ	Wiri Djapã	Rio Itucumã	M	-
396	Wanaim	Judite	Wiri Djapã	Rio Itucumã	F	-

397	Ma'em	Edmilson	Wiri Djapã	Ig. Curabi	M	18
398	Tiyama	Moisés	Wiri Djapã	Ig. Curabi	M	08
399	-	Maria	Wiri Djapã	Ig. Curabi	F	14

MEDIO RIO XERUÃ

Colocação Santa Rosa

400	Kadjohpam	Edmundo	Wiri. Djapã	Rio Tarauacã	M	45
401	Wahkadjo	Maria Antonia	Wadjo Djapã	-	F	45
402	Wahpadja	Margarida	Wiri Djapã	S. Aracú - R. Juruã	F	17
403	Parawi	Miguel	Wiri Djapã	Ig. Curabi	M	11
404	Wahpakã	Dolores	Wiri Djapã	S. Aracú - R. Juruã	F	20
405	Maym'ha	Edmar	Wiri Djapã	-	M	08
406	Wãya	José Nilson	Wiri Djapã	-	M	07
407	Djiwinê	Maria Sami	Wiri Djapã	-	F	4 meses
408	Wahkadjo	Nezinha	Wiri Djapã	S. Aracú - R. Juruã	F	15
409	Wãya	Chico	Wiri Djapã	S. Aracú - R. Juruã	M	21
410	Ana	Antonia	Wadjo Djapã	Ig. Curabi	F	18
411	Djawa	Alonso	Wiri Djapã	Alto Rio Xeruã	M	03
412	Kaymq	José Maria	Wiri Djapã	Alto Rio Xeruã	M	4 meses
413	Wahnom	Judite	Bem Djapã	Ig. Mamori	F	32
414	Wahpakã	Neci	Wiri Djapã	Seringal Aracú	F	10
415	Boko	Maria Nilsa	Wiri Djapã	Alto Rio Xeruã	F	08
416	Djawa	Zê Biau	Wiri. Djapã	Alto Rio Xeruã	M	04

ROD. N.º 2104/15
 EL. 115
 RUBRICA 11/28/15

417/ Wahpadja Enóia Wiri Djapá Alto Rio Xeruã F 02

Igarapé Curabi - Colocação São Bento

418: Mudá Manoel Moura Wadjo Teknim Djapá - M 37
 419: Waytsonem Julieta Wiri Djapá - F 36
 420: - Chico Wadjo Teknim Djapá - M 12
 421: Kawatare Luis Wadjo Teknim Djapá - M 02
 422: Maym'ha Nilson Wadjo Teknim Djapá - M 08
 423: Kaiwari Raimundo Wadjo Teknim Djapá - M 09
 424: Djanom Paulo Wadjo Teknim Djapá - M 06
 425: - Zé Wadjo Teknim Djapá - M 05
 426: Wáya João Wadjo Teknim Djapá - M 01
 427: Narim'a Chico Wadjo Teknim Djapá - M 18
 428: Wanaym Maria Wadjo Teknim Djapá - F 14

Colocação Santa Rita

429: Djawá Lorival Wadjo Teknim Djapá Rio Tarauacá M 38
 430: Wah'are Julia Wiri Djapá Rio Tarauacá F 34
 431: - Paulo Wadjo Teknim Djapá Ig. Curabi M 14
 432: Yody Zé Wadjo Teknim Djapá Alto Rio Xeruã M 10
 433: - Maria Wadjo Teknim Djapá Ig. Flecha F 08
 434: Tsymo Marivaldo Wadjo Teknim Djapá Ig. Flecha M 04
 435: Kayawy Terezinha Wadjo Teknim Djapá Ig. Flecha F 02
 436: Djo'lo Daniel Wadjo Teknim Djapá Ig. Curabi M 3 meses

Colocação São Paulo

PROC. N.º 2204/184
 FL. 116
 RUBRICA 118/curabi

437	Yody	Zê Araújo	Wadjo Teknim Djapã	-	M	58
438	Wahtsyanem	Iracema	Wiri Djapã	Rio Tarauacã	F	53
439	Djoriona	Marildo	Wadjo Teknim Djapã	-	M	18
440	Kaymo	Raimundinho	Wadjo Teknim Djapã	-	M	10
441	Wahkadjo	Maria	Wadjo Teknim Djapã	-	F	20
442	Ana	Diana	Wiri Djapã	-	F	6 meses
443	Djani	Francisco	Wadjo Teknim Djapã	-	M	25
444	Tsawi	Lindalva	Kamudja Djapã	-	F	23
445	Waroro	Leniza	Wadjo Teknim Djapã	-	F	03
446	Djoaha	Francisca	Wadjo Teknim Djapã	-	F	23
447	Waya	Manoel	Kamudja Djapã	-	M	29
448	Djorion	Alfredo	Kamudja Djapã	-	M	05
449	-	Conceição	Kamudja Djapã	-	F	05
450	Oky	Zê	Kamudja Djapã	-	M	3 meses
451	Panawã	Edmilson	Wadjo Teknim Djapã	-	M	27
452	Ana	-	Wiri Djapã	-	F	27
453	Djomi	João	Wadjo Teknim Djapã	-	M	07
454	Djodjoimo	Zê	Wadjo Teknim Djapã	-	M	06
455	-	Manoel	Wadjo Teknim Djapã	-	M	04
456	Waya	Dorico	Wadjo Teknim Djapã	-	M	02
457	Hiwã	Edilson	Wadjo Teknim Djapã	-	M	3 meses
458	Maym'ha	João	Wiri Djapã	-	M	62
459	Wanaym	Margarida	Wadjo Teknim Djapã	-	F	47
460	Kawatari-Narim'a	Luis	Wiri Djapã	-	M	16
461	Heyo	Leopoldo	Wiri Djapã	-	M	14

RUBRICA

LS. 110

PROC. N.º 2706/14

462	Pimã Kadjohpam	Manoel	Wiri Djapã	-	M	22
463	Yon	Maria	Wadjo Teknim Djapã	-	F	22
464	Heyo	Doane	Wiri Djapã	Ig. Curabi	M	03
465	Panawã	Sebastião	Wiri Djapã	Ig. Curabi	M	01

BAIXO RIO XERUÃ - Igarapê Rezimam

466	Wanaym	Margarida	Wiri Djapã	-	F	70
467	Tsymo	Mestil	Wiri Djapã	-	M	41
468	Boko	Maria	Kotsa Djapã	-	F	32
469	Parawi	Jorge	Wiri Djapã	-	M	10
470	Kaymo	Paulo	Wiri Djapã	-	M	08
471	Djani	Francisco	Wiri Djapã	-	M	06
472	Djoahã	Raimunda	Wiri Djapã	-	F	03
473	-	Manoel Lino	Wiri Djapã	-	M	01
474	Djoahã	Fátima	Wadjo Teknim	-	F	11
475	Djomi	João Paulo	Wiri Djapã	Rio Itucumã	M	39
476	Tsawí	Mª Francisca	Wiri Djapã	Ig. Curabi	F	10
477	Djoahã	Eliza	Wadjo Teknim Djapã	-	F	50
478	-	Domingos	Branco	-	M	28
479	Djomi	Paulino	Wadjo Teknim Djapã	Ig. Curabi	M	18
480	Wanaym	Amazonina	Wiri Djapã	-	F	14

Rio Xeruã - Dispersos

481	Hopai	Resilda	Wiri Djapã	Ig. Curabi	F	-
-----	-------	---------	------------	------------	---	---

REC. N.º 2704/80
FLS. 118
RUBRICA 11/11/80

482	-	Antonio	Branco	-	M	-
483	Hipô	Zê	Wiri Djapã	Ig. Flecha	M	-
484	Wi	Alizete	Wiri Djapã	Ig. Curabi	F	-
485	-	Raimundo Louro	Branco	-	M	-
<u>Rio Juruã - Dispersos - Igarapé Coringa</u>						
486	-	Silva	Branco	Carauai	M	40
487	Enore	Julia	Bem Djapã	Rio Tarauacã	F	40
488	-	Raimundo	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	M	15
489	Kadjy	Joãozinho	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	M	11
490	-	Dico	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	M	13
491	Kariyon	Damião	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	M	07
492	-	Waldemar	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	M	05
493	-	Lúcia	Bem Djapã	Alto Rio Xeruã	F	01
<u>Igarapé Banana</u>						
494	Kaimo	Joaquim Edmundo	Wiri Djapã	-	M	-
495	Makiari	Chica	Wiri Djapã	-	F	-
496	-	(menina)	Wiri Djapã	-	F	-

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N. 2704/84
FLS. 120
RUBRICA diplomata

RELAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS DOS KANAMARI ENTRE SI E COM OUTROS GRUPOS

Apesar de hoje estarem relativamente dispersas, em vários grupos, por vezes pequenos e apesar do intenso contato com a sociedade regional, os Kanamari mantêm contato frequente e intenso entre si.

Estes contatos se dão em vários níveis: simples visitas, que por vezes se prolongam por meses ou anos; participação em festas; casamentos inter-clânicos e entre grupos locais; rituais de pagelança; e trabalhos conjuntos.

De modo geral todos os grupos locais mantêm laços de parentesco entre si. Enquanto grupos, estas relações se dão mais intensamente entre os Wiri Djapã do Itucumã, Santa Rita, Três Bocas e Xeruã, e entre os grupos do Mamori, Jacarê e Santa Rita, embora também ocorram relações individuais entre membros dos vários grupos locais.

VISITAS

As visitas ocorrem também com frequência entre todos os grupos, sendo mais comuns e intensas, nos grupos geograficamente mais próximos. Nestas visitas, não raro ocorre a realização de trabalhos conjuntos, que se traduzem basicamente na plantação de roçados.

A participação em festas se dá principalmente entre clãs afins e em épocas de visitas mais prolongadas. São frequentes nos períodos de inverno (das chuvas), em que grupos inteiros se deslocam para visita a outro grupo local. O período das chuvas é também chamado pelos Kanamari como o tempo de "Warapekom", tempo das frutas e por isto, das festas, da fartura.

PAJELANCA

Em todos os grupos locais existem um ou mais pajês para os rituais de cura próprios dos Kanamari. Apesar disto alguns pajês, os mais velhos ou mais conceituados, normalmente são solicitados por outros grupos para proceder a cura. Não raro, no caso de uma doença persistir e o pajê local ter esgotado seus conhecimentos da prática de pajelança, os familiares e o doente deslocam-se para outra aldeia em busca da cura.

Alguns pajês Kanamari são também solicitados para curar

peças doentes entre os ribeirinhos. Da mesma forma, levados pela crença popular, alguns índios recorrem aos "rezadores" brancos da região.

No caso específico do grupo do Igarapé Mamori, frequentemente chegam-se a ele pessoas de outros grupos locais, em busca do atendimento que lhes possa proporcionar os missionários de Novas Tribos do Brasil, que atuam neste local.

FESTA

O tempo de "Warapekom", é o das festas das frutas, da fauna é quando os grupos locais se visitam. Estas visitas podem se prolongar por até um período de inverno (chuvas). Normalmente o período de festas se caracteriza pelas várias atividades que as pessoas desenvolvem em torno tanto dos preparativos como de sua realização.

As mulheres durante o dia ocupam-se em buscar a macaxeira no roçado e no preparo de caçuma, além dos afazeres normais da mulher Kanamari. Os homens, após beberem a caçuma pela manhã, saem para a caçada, pesca ou coleta de frutos silvestres. As demais pessoas, homens que não foram buscar o alimento, as mulheres que não estão ocupadas no preparo da caçuma e as crianças, realizam os preparativos com relação aos enfeites, pinturas e terreiro, onde se realizam as festas.

Ao entardecer, quando os homens voltam, inicia-se o ritual da festa. As várias entidades que inspiram e dão vida aos vários tipos de festas, realizam a entrega do produto da caça, pesca ou coleta. Após as mulheres prepararem a comida e todos terem se alimentado, começam os cantos e danças que vão até o amanhecer.

No dia seguinte, novamente os homens saem para caçar, pescar ou coletar e os que ficam na aldeia retornam os trabalhos e preparativos para a realização da festa à noite.

Estes momentos de festas, não raro se prolongam por até mais de um mês ininterruptamente. Neste tempo é que mais comumente se estreitam os laços de parentesco entre os vários grupos, pois é neste período que mais ocorrem os casamentos, tanto interclânicos, quanto entre grupos locais.

RELAÇÕES DOS KANAMARI COM OUTROS GRUPOS INDÍGENAS

A área Kanamari do rio Juruá não é ocupada por nenhum

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - FUNAI

PROC. N.º 27.04/84

FLS. 121

RUBRICA Elizete

outro Grupo Indígena. Alguns grupos Kulina e Deni localizam-se relativamente próximos à área.

Com os Kulina, localizados em igarapês do alto e médio rio Juruá e médio rio Tarauacá, os Kanamari procuram manter relações de vizinhança. Tanto as diferenças próprias do modo de ser de cada um destes grupos, quanto as acusações de feitiçaria e mortes, e a lembrança histórica de conflitos entre Kulina e Kanamari, fazem com que estas relações sejam mantidas à distância. As poucas visitas, quando ocorrem, são invariavelmente por iniciativa dos Kulina. Estas visitas ocorrem quase que unicamente no igarapé Mamori devido sobretudo ao fato de existir um casamento de uma mulher Kanamari deste grupo, com um homem Kulina.

Com os Deni, que se localizam nos afluentes do baixo Xerua, os Kanamari não tem nenhuma relação. Devido a proximidade cultural e linguística dos Deni com os Kulina, os Kanamari os identificam com estes, e se relacionam da mesma forma, não existindo no entanto, sequer as visitas entre os grupos.

ALGUNS ASPECTOS DA CULTURA KANAMARI

Os Kanamari desta área mantêm bem viva e praticamente intacta a sua cultura. Apesar das necessidades criadas, das aquisições e adaptações, decorrentes do tempo de contato com a sociedade nacional, as manifestações culturais próprias são uma constante em todos os seus aspectos. Tanto no cotidiano, quanto nos momentos específicos (festas, brincadeiras, visitas, curas, etc...), as manifestações culturais características do Povo Kanamari, são frequentes e acontecem em todos os grupos locais do Rio Juruá e afluentes.

MÁGICO - RELIGIOSO

do Kanamari
Quando relatam sua história e visão sobre a origem e estruturação do mundo, há uma diferenciação bem evidenciada, contrapondo-se à história e visão dada pelos brancos. O sincretismo aparece de forma insignificante. Mesmo quando uma Entidade criadora Kanamari é relacionada a de outras religiões, isto ocorre apenas como forma de favorecer o entendimento na conversação com não índios, não modificando no entanto, a significância daquela Entidade Kanamari, nem passando a fazer parte de sua cosmovisão os atributos e conceitos relativos à Entidade ou personagens de outras religiões.

Este fato ocorre, entre outros, com "Djo'o", uma Entidade da cosmovisão Kanamari, que embora relacionada nominalmente à São José, continua tendo sua própria personalidade, não incorporando em nada a figura, nem os conceitos deste Personagem da História Cristã.

Inclusive no grupo do Mamori, onde a prática e a doutrinação dos Missionários de Novas Tribos do Brasil, se faz presente há 12 anos e com atuação contínua, somente algumas poucas pessoas parecem ter absorvido alguma dose desta doutrinação. Manifestam esta absorção em mensagens a outros grupos locais, em cantos, em textos escritos, numa forma de resposta aos missionários. Quando longe da influência da MNTB, tanto no seu cotidiano, como em contato com outros grupos locais, sua prática cultural se torna a comum e característica dos Kanamari.

PAJELANÇA

A pajelança (como é citado já anteriormente) é comum e praticada por todos os grupos locais, existindo sempre um ou mais pajés em cada grupo. A pajelança é exercida não só para a cura dos males manifestos no corpo, mas também para os de cunho psicológico, emotivo e espiritual. São comuns os rituais para afugentar o mal que atinge as pessoas, individual ou coletivamente.

A principal forma de cura exercida pelo pajé, seja de males expostos (infecções, picadas de insetos, ferimentos outros), seja internos, é a sucção. Na sucção, o pajé retira as "pedras" (materialização do feitiço) que colocadas por outros pajés (geralmente de outros grupos indígenas ou mesmo de outros clãs), estão provocando a doença. Dependendo dos sintomas e evolução do caso, também são auxiliares na cura, folhas, raízes, cipós e mesmo animais como certos tipos de formiga, de sapo, e outros.

A importância e a função do pajé, não se restringe à cura e retirada das "pedras", como poderia parecer num primeiro momento. Sua atuação também se dá colocando "pedras" para proteger o corpo de doenças, evitar a gravidez (como uma das formas de controle de natalidade) e em transmitir seus conhecimentos iniciando novos pajés e com isto dando maior segurança ao grupo.

A iniciação na pajelança independe da idade, relação de parentesco ou etniana com o pajé. Ocorre naturalmente, num processo de continuidade das atribuições no grupo, e na medida em que o grupo se sinta ameaçado em sua integridade física por males em que a pajelança deva atuar. Somente aos homens é delegada a função de exercer a pajelança.

Mais que tudo, a presença do pajé, é de fundamental importância para a organização, estrutura e a própria sobrevivência espiritual do grupo, pois é quem detém não só a história material, mas principalmente a história - memória espiritual, psicológica, emotiva e afetiva dos grupos, clãs e dos Kanamari como Povo. É a presença equilibradora dos momentos de tensões emocionais, atuando e influenciando nas mais diversas formas para que a contagem as práticas e ritos promovedores do equilíbrio ou reequilíbrio psico-social.

Apesar de sua grande importância e de exercer uma forma de liderança espiritual, ao pajé não é atribuída nenhuma espécie de regalia

posição de destaque, que o diferencie dos demais membros do grupo.

LIDERANÇAS

Para cada um dos diversos aspectos da organização sócio-política e cultural do Povo Kanamari, existem lideranças próprias e características.

Assim como o pajé exerce a liderança espiritual, para cada uma das diferentes festas existe um líder, o cantador, que detendo o conhecimento profundo, organiza e lidera o grupo na sua realização, ao mesmo tempo que através de cantos apropriados invoca as Entidades características de cada manifestação. Esta liderança é sempre atribuída a um homem.

Apesar de ser peça essencial para a realização da festa do qual é o líder, não cabe unicamente ao cantador decidir ou não por sua realização. As manifestações ocorrem seja em função dos períodos do ano que lhe são próprios, seja por consenso do grupo sobre a oportunidade do acontecimento.

Para as relações externas do grupo, há o líder, que normalmente é denominado "tuxáua" e que tem por função manter as relações com a sociedade envolvente, principalmente nas transações comerciais, nas relações de confronto com não índios (regatões, madeireiros, invasores e pretensos donos da área), nas conversações sobre a aceitação ou não de brancos na área ou junto aos grupos Kanamari.

Enfim, o tuxáua é o elemento que representa e transmite aos brancos e aos demais grupos indígenas, o pensamento de seu grupo local.

Normalmente, através das relações de parentesco, o tuxáua congrega em torno de si os demais membros do grupo. Para a sociedade nacional e ribeirinhos próximos, o tuxáua é a autoridade maior, é quem decide e responde pelos atos do grupo. Internamente, porém, devido as relações de igualdade existentes entre os membros dos grupos Kanamari, o tuxáua é apenas o portá-voz do consenso grupal, não exercendo nenhuma forma de imposição, persuasão ou autoritarismo, nem desfrutando de privilégios ou regalias no grupo.

Esta liderança, por vezes, pode também ser exercida por mulheres, que, como tuxáuas, estabelecem as relações do grupo com a sociedade envolvente, inclusive nas transações comerciais, fato este que contradiz o cos

tune dos ribeirinhos não índios, onde somente aos homens cabe o comércio e demais relações com repatóes e comerciantes.

FESTAS - RITUAIS - BRINCADEIRAS

Desde rituais de cunho místico-religioso, às brincadeiras e jogos, vários tipos de manifestações compõem o dia-a-dia dos Kanamari, marcando tanto períodos do ano, como momentos específicos dos grupos, ou ainda como parte integrante de seu cotidiano.

FESTAS

O inverno, período das chuvas, que vai normalmente de dezembro a maio, é também o período das frutas silvestres ("warapekom"). Neste tempo ocorrem várias festas diferentes, com motivos, realização e Entidades próprias.

Quando de visitas entre grupos, as festas se prolongam por todo o período de inverno, não raro acontecendo ininterruptamente por até mais de mês.

Embora o inverno seja a época comum das visitas entre grupos, estas podem ocorrer também noutros momentos, sendo que também aí as festas se realizam da mesma maneira.

Todas estas festas se realizam no terreiro e tanto homens, mulheres e crianças, podem participar ou não. Os participantes dispostos em duas filas, segundo o sexo, uma de frente à outra, dançam em movimento de vai-e-vem, percorrendo todo o espaço do terreiro, mantendo entre si, em geral, uma distância de aproximadamente um metro.

Nas festas ocorre a personificação das Entidades. Os homens deixam sua personalidade, para através da personificação, ser a Entidade própria de cada festa. Usando máscaras entoam cantos, aos quais as mulheres respondem também cantando, pedindo caça, pesca, frutos silvestres e fartura. No dia seguinte a Entidade traz às mulheres a alimentação solicitada. Ainda durante a festa, à noite, não é servida nenhuma alimentação; apenas por solicitação da Entidade, as mulheres servem a caçuma ("KOYÁ").

As diversas festas:

"Kukaná", "Pidá", "Apahnarém", "Adjiabá", "Pidahnhaném", e outras, têm cada

uma: cantos, cantador, vestimenta (máscara) e Entidade própria.

Os cantos, "ipã" em Kanamari, são próprios de cada festa e a eles se referem como sendo a "fala" de cada Entidade, assim, o canto na festa de "adjiabã", por exemplo, é chamado "adjiabã nakone" (a fala de "adjiabã"). Estes cantos, e em especial os de "Kuhanã", são entoados como que em sussuros, ou falseto, em tons diferentes da fala Kanamari.

As vestimentas, que em Kanamari são chamadas de "Koama", podem ser de um única peça, que em Português os Kanamari chamam de roupas, ou de duas peças que em Português são chamadas de saias e camisas. Estas máscaras são confeccionadas com palha de buriti (uma palmeira) ou com a entrecasca de uma árvore chamada tauari, dependendo, nos dois casos, da Entidade representada.

"Kuhanã": A vestimenta é formada por duas peças, confeccionadas com palha de buriti. A "camisa" é assentada na cabeça, e o seu comprimento vai até os quadris. A "saia" é amarrada à cintura e vai até os pés. A vestimenta envolve praticamente todo o corpo, ficando visível apenas o topo da cabeça e os pés. No dia seguinte, quando da oferta às mulheres do produto da caça, pesca ou coleta, "Kuhanã", através de sons emitidos na mata, avisa a proximidade de sua chegada. As mulheres, cantando, depositam no ponto ou em local próximo na mata, a caçuma ("koyã"), a macaxeira ("tawã") ou outras comidas, e se retiram para as casas ou para outro local de onde não possam ver a Entidade. "Kuhanã" come o que as mulheres lhe deixaram e novamente se retira para a mata anunciando a sua partida. Nesse momento, ainda cantando, as mulheres voltam ao local onde deixaram as ofertas à "Kuhanã" e recolhem o que a Entidade lhes deixou, que, através de indicações pelas panelas, potes ou outros objetos, ainda pela distribuição no solo, segundo as casas da aldeia, orienta as mulheres quanto ao que cabe a cada uma.

"Pidã": Veste uma única peça, confeccionada de entrecasca de tauari, cujas tiras amarradas no topo da cabeça descem até o chão, ocultando totalmente o corpo. Durante a festa, a caçuma é servida ao "pidã" por homens e não pelas mulheres, como ocorre em outras festas. Nesta festa há também cantos e representação de animais, como o macaco barrigudo ("Kamodja"), a macaxeira ("padja") e outros. A caça ou pesca, amarrada em uma vara e trazida pelos homens e entregue às mulheres pela Entidade. No terreiro, em um círculo, as mulheres cantam enquanto vão recebendo a caça ou pesca.

plano 6

PROC. N.º 7704/84
FLS. 138
RUBRICA V. L. L. L.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

"Pidahnhanem": Usa máscara, ou vestimenta, idêntica à de "pidã". Também a caçuma é servida pelos homens. "Pidahnhanem" traz os alimentos até o terreiro, onde são recebidos pelos homens, que por sua vez os entregam às suas esposas.

"Apahnanem": Veste-se com uma única peça de entrecasca de tauari, diferenciando-se apenas da vestimenta de "pidã" e "pidahanhanem", por ser amarrada no pescoço e na cintura, assim como os braços que separadamente do corpo, são revestidos pelas mesmas tiras. Quando da entrega dos produtos da caça ou pesca, "apahnanem" vem também com as pernas revestidas separadamente, e convida individualmente as mulheres, que vão ao terreiro receber de suas mãos as ofertas.

"Adjiabã": de palha de buriti, a máscara é uma única peça, que amarrada no topo da cabeça, oculta todo o corpo. A entrega dos alimentos, é feita pelos homens, que, retirando de um bastão que o "adjiabã" carrega aos ombros, entregam às mulheres indicadas por esta Entidade.

Todas as Entidades são respeitadas por todos os Kanamari. As mulheres em especial, temem "apahnanem", que, no dia seguinte às festas, através de gestos e insinuações, as ameaça de agressões físicas com um bastão, de tala de buriti, que traz em uma das mãos. Por outro lado, ao mesmo tempo que ameaça as mulheres, "apahnanem" lhes traz lenha para o fogo, a fim de contribuir para o preparo da caçuma.

A distribuição da caça, pesca ou coleta pelas Entidades, é feita de acordo com a participação das mulheres na festa. Mesmo que todas as mulheres recebam parte dos alimentos trazidos, as partes mais cobiçadas, cabem àquelas que mais tenham ^{contato} e dançado durante a noite.

Durante a festa, as mulheres se enfeitam com pinturas faciais, onde os traços que contornam as faces e a testa são pintados com o vermelho do urucum e com o negro do jenipapo, do carvão, ou da fuligem da lamparina. O "towahnem", diadema de palhas de tucum trançadas, ou o "keebã", de uma única palha de tucum, enfeitam a cabeça, de onde, na parte posterior, geralmente caem tiras sanfonadas da mesma palha, que se alongam até abaixo da cintura.

Não só durante as noites, mas durante todo o período das festas, é comum o uso de pinturas faciais e de adornos na cabeça, tanto por mulheres, quanto por homens. No caso dos homens as pinturas faciais são com

piantado 7

ROC. N.º 2204/84

FLS. 129

RUBRICA U. Elmita

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

postas apenas por traços nas faces, e na cabeça, embora sendo mais comum o uso do "keetá", o "towahném" também é usado, geralmente em cima de um "keetá".

RITUAIS

Os rituais, tanto os de cunho místico-religioso, quanto os de significado mais imediatamente material, onde pelo menos não aparece tão evidenciada uma relação direta com o transcendente, são aspectos importantes da vida Kanamari e estão sempre presentes.

RITUAIS DE PASSAGEM

Rituais de Passagem

Desde o nascimento até a morte, os Kanamari celebram rituais que marcam os vários momentos da vida.

Nascimento -- Com o nascimento de uma criança, algumas regras devem ser observadas. A restrição alimentar, deve ser observada tanto pelo pai e pela mãe, como por todos os homens que "ajudaram a fazer" a criança. As vasilhas para a alimentação também são separadas, utilizadas somente por estas pessoas. Não é permitido o uso de vasilhames de cuia, feitas de casca seca de abacaxi. A abstenção sexual tanto do marido quanto da mulher, também é obrigatória nesta ocasião. A restrição alimentar e a abstenção sexual devem ser observadas por tanto tempo quanto dure o sangramento pós-parto da mulher.

A criança fica reclusa no mosquiteiro (cortinado de pano não transparente, onde dentro são atadas as redes) familiar, só podendo sair dali após a queda do coto umbilical. Durante este tempo, nenhum homem pode ver a criança, a não ser seu pai.

A mulher ainda é proibido fazer a caçuma ("koyi") e tomar banho junto de outras pessoas, enquanto houver o sangramento.

Em alguns clãs, a criança recebe o nome da pessoa que lhe deu o primeiro banho.

Passagem à idade adulta - Quando da primeira menstruação ("odjaki"), que marca a passagem da infância à idade adulta, a menina fica reclusa em seu mosquiteiro, enquanto dure o sangramento. Durante este período, somente sua mãe a provê de alimentação; não pode ver, nem ser vista por ninguém.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

nhum homem, a não ser seu pai. Mesmo após a saída do mosquiteiro, ainda durante alguns dias não vê e não se deixa ver pelos homens. Há também a restrição alimentar. Sua cabeça é raspada e seu corpo tingido de preto.

Somente após a segunda menstruação é que volta ao convívio normal no grupo, participando de atividades e brincadeiras coletivas.

Quando das demais menstruações, a mulher está sujeita também às restrições alimentares, e proibida de certas atividades tais como, fazer caçuma, costurar, utilizar vasilhas de cuia, se alimentar em vasilhas coletivas e tomar banho junto de outras pessoas.

A passagem do menino, da infância à idade adulta, se caracteriza principalmente pela mudança de hábitos e atividades. Passa a ter mais independência em seus atos, marcada especialmente por sua saída do mosquiteiro familiar, para um mosquiteiro individual, próprio. Neste tempo o menino começa a colocar em prática os ensinamentos de seu pai com relação às atividades do homem adulto; se torna mais participativo em relação à subsistência e mesmo no aprendizado da história, significados e importância dos mitos e crenças Kanamari.

Casamento - Logo após a passagem à idade adulta, que se dá aproximadamente aos 12 anos, para as meninas, e aos 15 anos para os meninos, os Kanamari estão aptos a se casarem. São comuns os casos de meninas que são entregues a homens adultos, que se criam até se tornarem adultas, quando então serão efetivadas as relações de casamento.

Atualmente os casamentos ocorrem sem maiores cerimoniais, sendo que algumas vezes conta com uma oficialização pelo tuxáua do grupo.

O casamento entre os jovens é bastante comum, e normalmente é precedido de alguns acordos ou combinações entre o pretendente ou um parente próximo e o pai ou parentes da noiva. Após o casamento, o casal passa um período sem ter filhos, sendo esta uma fase de definição dos laços. Neste período do casamento, o casal passa a morar na casa dos pais da noiva, o homem trabalha para a família da mulher, ajudando nos roçados e outros trabalhos.

Apesar da participação de parentes para a realização do casamento, a continuidade de vida em comum é decidida pelos pares, podendo ocorrer a separação, mesmo que os familiares não concordem.

Entre adultos não é comum existir pessoas solteiras, e quando da dissolução de casamentos, novas uniões são formadas, por vezes mes

mo entre antigos casais já separados.

Morte - Quando uma pessoa está muito doente, a morte, parentes e outras pessoas se acercam, conversando, chamando-a, agitando seu corpo, pedindo-lhe, e até gritando para que não morra, não vá ao encontro da morte. Acreditam que se a pessoa que está muito doente, for e provar da comida e bebida do "outro lugar", mesmo que retorne por instantes ou dias, nada mais a salvará, sua morte é inevitável.

Tanto adultos quanto crianças, são enterradas hoje, em covas semelhantes a dos não índios da região, porém enterram a pessoa juntamente com a maioria de seus pertences. É comum também hoje colocarem uma cruz, marcando o lugar onde há um Kanamari enterrado.

Após a morte de uma pessoa, em especial adultos ou crianças maiores, um forte sentimento de tristeza e saudades toma conta principalmente dos parentes próximos. Apesar de a morte ser aceita como um fato natural e normal, e de não trazer modificações maiores no ritmo de vida do grupo, a saudade é algo que precisa ser vencido. No caso de morte de várias pessoas num mesmo período, seja por males conhecidos, seja por desconhecidos, é comum o grupo se transferir para outro local, próximo ou não, dentro de seu território.

"Mahoanêm" - Algum tempo após a morte, os Kanamari realizam o ritual do "mahoanêm", que tem por objetivo vencer a saudade que sentem de uma pessoa que morreu.

É um ritual que se dá à noite, durante a festa de "warapekom", só participando pessoas adultas. Quando já é noite alta, chega "pidahnhanêm"; neste momento as mulheres se afastam do centro do terreiro, e paradas, de costas, continuam cantando, agora os cantos de "mahoanêm".

Os cabelos da pessoa que morreu, e que foram cortados por ocasião de sua morte, são entregues pelo pai, marido ou parente próximo, à "pidá", para que os enterre no terreiro. Após o cerimonial de enterro dos cabelos pelo "pidá", as mulheres retornam ao centro do terreiro e continua a festa, porém não mais com os cantos de "warapekom", e sim cantos de "mahoanêm", que vai até o amanhecer.

É um ritual de cunho místico, muito sagrado e respeitado, onde todos os passos durante o ritual têm de ser dados com precisão e acerto, seja nos cantos, na sequência ou mesmo na postura das pessoas, pois qualquer

parado 10

PROC N.º 2704/84
 FLS. 132
 RUBRICA U. B. Leite

MINISTÉRIO DO INTERIOR
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

erro, poderá reverter em malefícios ao grupo.

Parece ser este o último ritual de passagem Kanamari.

RITUAL DE INICIAÇÃO À PAJELANÇA

Ritual de Pajelança

Além da cura e defesa contra os males, e de seu papel de promotor do equilíbrio psico-social, talvez a principal atribuição do pajé seja a transmissão de seus conhecimentos, fundamentais para a estabilidade emotiva e psicológica dos grupos.

A pajelança é exercida apenas por homens, e a sua iniciação pode ocorrer a qualquer tempo da idade adulta, sendo que em geral são simultaneamente iniciados vários homens.

A iniciação à pajelança é constituída de vários estágios, que geralmente são acompanhados e orientados por vários pajés, ou mesmo por todos os pajés do grupo.

Inicialmente há um período, de aproximadamente 6 meses, em que ocorrem as provas e treinos das aptidões, capacidades, enfim das condições de uma pessoa em exercer a pajelança. Neste período a pessoa tem de submeter-se à restrições alimentares, inclusive do sal, e à abstinência sexual.

O uso do rapé "obadem" que é utilizado nas curas, sendo aspirado ou colocado nas narinas com as mãos, é uma das primeiras provas. Nesta etapa o rapé é geralmente soprado com canudo, por um homem, nas narinas do iniciante. O aprendizado prossegue com o treinamento para aguentar e dominar os efeitos do rapé. Em seguida há o aprendizado do manuseio, identificação e distinção das pedras "djohkô", que são a materialização dos males que atingem as pessoas.

Após dominar estas etapas, os aprendizes que ainda desejam continuar na iniciação, e que são considerados pelos pajés como aptos para tal, passam a participar das curas como assistentes e a identificar e localizar através dos sintomas e da sensibilidade tátil, a origem e tipo de mal que determinada pessoa tem. Após vencer todas as etapas, e também na prática ser considerado apto, começa a realizar pequenas curas por conta própria.

RITUAIS DE CURA

Rituais de cura

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Todas as curas são realizadas pelos pajés, sendo comum vários pajés atuarem simultaneamente na cura de um mesmo doente.

Auxiliados pelos efeitos de um rapê muito mais forte que o utilizado em situações normais, os pajés localizam pelo tato, e através de sucção ou de pressão feita com as mãos, retiram as "pedras" que se instalaram no corpo, provocando a doença. Após retiradas do corpo do enfermo, as pedras são incorporadas pelos pajés aos seus próprios corpos, anulando os seus efeitos e, ao mesmo tempo, delas se apossando.

Além de constituírem um ritual em si mesmo, as curas também podem ocorrer quando do ritual do cipô ("tsakoronã" ou "ramí").

Embora não cheguem a constituir propriamente rituais, por vezes os Kanamari realizam outras manifestações de cunho místico-religioso com diversas finalidades, entre elas: eliminar do corpo o azar; mandar embora doenças ou fazer com que estas não cheguem ao grupo; favorecer a plantação; afastar temporal e ventos fortes; e mesmo chamar o vento para auxiliar na queima quando do preparo da terra para o plantio.

RITUAL DO CIPÔ

Ritual do Cipô

O ritual do cipô, "tsakoronã" ou "ramí", conforme o grupo, tem o objetivo principal de promover o equilíbrio ou reequilíbrio psicossocial tanto do grupo quanto individual. As situações de tensão e desequilíbrio afetivo ou emocional, mesmo quando individuais, são reajustadas de forma coletiva através deste ritual.

Para este ritual, pintam o rosto com urucum, carvão e jenipapo, em traços bem aprimorados. O diadema "towahném", é tecido com mais cuidado e detalhes que nos dias comuns. Tanto o diadema, quanto as pinturas faciais, são diferenciados para homens e mulheres. No diadema os homens esmeram-se mais, confeccionando verdadeiras coroas de palhas trançadas. Apesar de mais simples, os diademas das mulheres também são confeccionados com muito esmero. A pintura facial nos homens, é formada por traços simples nas faces, enquanto que nas mulheres a pintura é mais apurada e requintada, sendo formada também de contornos na testa.

O dono do cipô, "marinawá", destaca-se entre os homens quanto aos enfeites e adornos.

O "tsakoronã", ou "ramí" como é chamado por alguns grupos

pronto (12)

PROC. N.º 2704/84

FLS. 134

RUBRICA *Ullm...*

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Kanamari, consiste no cozimento de uma espécie de cipô e uma folha de nome "tsakoronã", com os quais os Kanamari fazem um chá. Este chá, de efeito alucinógeno, quando ingerido exerce sobre as pessoas uma espécie de poder, que as faz rever entes queridos distantes ou falecidos, prever fenômenos e acontecimentos; também nesta ocasião se realizam rituais de cura pelos pajés do grupo.

O preparo deste chá, é do conhecimento de todos os adultos do grupo, porém tanto o seu preparo, quanto a decisão pela realização ou não do ritual, cabe apenas à sua liderança, o dono do cipô, o "marinawã". Somente na ausência do "marinawã" é que outra pessoa, geralmente já pré-determinada pelo grupo, prepara o cipô e dirige o ritual.

O "marinawã" é o cantador oficial; é quem inicia a maioria dos cantos, preservando com isto a unidade do ritual; orienta na ingestão do chá; e exerce durante o ritual, uma espécie de controle sobre todos da aldeia, participantes e não participantes, garantindo assim que o ritual transcorra sem desvios até sua conclusão.

Outras pessoas, porém, podem também iniciar cantos, onde falam das coisas que estão vendo ou sentindo. Todos os cantos, assim que iniciados, são assumidos por todos os participantes.

O melhor "marinawã" é aquele que mais aguenta os efeitos do cipô, pois começa a ingeri-lo desde o preparo, e terá de ser o último a sair da festa, a qual, geralmente se prolonga até o amanhecer, e por vezes é realizada durante duas ou três noites seguidas. Neste caso, o "marinawã" fica sob efeito do cipô, durante todos os dias enquanto dure a festa.

As pessoas do grupo vão acostumando o organismo ao cipô. Tomam desde criança, aumentando gradativamente a dose, conforme a idade e resistência aos seus efeitos.

Com excessão da mulher grávida até o terceiro mês, todos podem beber o cipô, porém a participação ou não, é totalmente livre, à critério da própria pessoa.

No ritual, a ingestão da primeira dose do cipô, se dá logo ao anoitecer. No terreiro, os participantes, cantam esperando os efeitos do cipô "tsakoronã", repetindo, por vezes, a dose. Quando começam a sentir o efeito, iniciam a dança, e os cantos vão ascendendo em ritmo e mudando o conteúdo.

Embora não haja separação de lugares próprios no terreiro,

peixe-boi 13

PROC. N.º 2201/84
CLB. 135
RUBRICA AlmeidaMINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

destinado a homens e mulheres, geralmente dançam em pares ou formando grupos de várias pessoas, porém na maioria das vezes, homens com homens, mulheres com mulheres e crianças também segundo o sexo.

No momento em que o efeito do cipó é muito forte e há o perigo de alguém não aguentar, o "marinawá" "tira o cipó" da pessoa, ou diminui o seu efeito; para isto tanto são usadas algumas outras folhas que a pessoa deve cheirar, como gestos, cantos e comunicação direta com o cipó, por parte do "marinawá".

Este ritual, não é próprio dos Kanamari, foi aprendido há tempos, dos Kulina, que por sua vez haviam aprendido dos Kaxinawá. Os Kanamari o adotaram e adaptando ao seu contexto sócio-cultural, criaram cantos e danças, tornando-o praticamente particular em muitos aspectos.

O "tsakoroná" está hoje para os Kanamari, no rol das significâncias sagradas, não sendo ingerido por nenhuma pessoa, sem que seja observado todos os passos necessários neste ritual, onde a "Entidade" "tsakoroná" é incorporada pelos participantes.

RITUAL DO PEIXE-BOI

Segundo os Kanamari, num passado recente, o ritual do peixe-boi, tinha um sentido tanto cerimonial quanto funcionava como uma espécie de jogo ou contenda. O ritual do peixe-boi, "mok dak", cuja tradução literal, é couro de anta, consiste num desafio entre duas pessoas. Utilizando-se de uma espécie de chicote de couro de anta, que dá o nome ao ritual, as partes desafiantes medem forças tendo em jogo o fato que originou o desafio.

Antigamente o peixe-boi era parte integrante dos rituais que precediam o casamento. Quando o rapaz pretendia se casar, o pai ou irmão da moça pretendida, o desafiava para o peixe-boi, caso saísse vencedor, o rapaz teria conquistado o direito ao casamento. Atualmente este ritual não mais acontece neste contexto.

Hoje observa-se que somente em outros dois momentos, continua acontecendo o peixe-boi: no treinamento para tornar o copo forte e resistente à dor, ou nas disputas pessoais, numa espécie de decisão das questões entre duas pessoas. Em todos os dois casos, acontece o desafio por uma pessoa, e a outra, desafiada, pode aceitar ou não. Quando é aceito o desafio, têm início as conversações no sentido de se formar dois grupos, que se

aliam à cada uma das pessoas envolvidas. Depois disto, iniciando o ritual, as pessoas que participarão, têm suas faces pintadas e são colocados adornos em suas cabeças.

O peixe-boi acontece sempre no terreiro, onde com o chicote de couro de anta na mão, o desafiado começa o canto e a dança, à espera do desafiador. Sempre dançando e com os braços para cima, recebe as chicotadas, que lhe são aplicadas pelo desafiante. As chicotadas são aplicadas no tórax e costas nus, com a ponta do chicote atingindo a parte baixa do peito, sobre as costelas, sendo este o local onde ocorrem os maiores ferimentos.

O desafiante aplica tantas chicotadas, quantas o desafiado aguenta. Neste ponto, alteram-se as posições. Após o desafiante também ter recebido as chicotadas, muda-se o par, com outras duas pessoas assumindo os seus lugares. Assim sucessivamente vão se substituindo os pares, até que um dos grupos desista.

O vencedor do peixe-boi é a pessoa, desafiante ou desafiado, que tinha como aliado, o grupo que não desistiu da disputa.

Apesar de por vezes todas as pessoas da aldeia participarem, o peixe-boi quando realizado com o objetivo de resolver questões tais como ciúmes, tradições, fofocas, mal-entendidos ou divergências entre duas pessoas, servirá apenas para definir a situação entre estas.

Não fosse o seu caráter de resolver questões pessoais, dissipando mágoas, rancores e tensões, de treino à resistência e força física, e ainda por todo o procedimento necessário para a sua realização, poder-se-ia dizer que o ritual do peixe-boi está bem próximo de ser um jogo ou uma "brincadeira", como a ele se referem os Kanamari. No entanto, como ritual, todos os seus momentos precisam ser observados para que o peixe-boi se realize e tenha validade como tal.

RITUAL DA CAIÇUMA

Além de ser o componente básico da alimentação do dia-a-dia dos Kanamari, a caiçuma "koyá" é complemento fundamental tanto nas festas como nos rituais, sendo desde o preparo até o seu consumo, um ritual em si.

A "koyá", uma espécie de mingau de macaxeira cozida, fermentada ou não, é preparada de forma diferente entre os Wiri Djapá (Gente da Queixada) e os demais clãs.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

As mulheres Wiri Djapã utilizam como ingredientes para o preparo da "koyã", somente a macaxeira e água. A macaxeira descascada e cortada em pequenos pedaços, é cozida e colocada nos potes de barro ("morô"). Pouco antes de ser servida é acrescida de água e peneirada. Durante todos os passos do preparo, as mulheres costumam entoar cantos. Os pedaços de macaxeira (koyãporã) são utilizados também na alimentação; junto da carne de caça ou peixe.

Além de macaxeira e água, as mulheres dos outros clãs Ka namari, utilizam a batata doce, que em quantidade bem menor que a macaxeira, tem a finalidade de adoçar e apressar o processo de fermentação. Após toda a macaxeira estar descascada e cortada, enquanto as panelas vão se revezando no fogo; em potes de barro, as mulheres vão socando com uma pá de madeira a macaxeira já cozida. Neste ponto do preparo, vão mastigando a batata doce e misturando à massa de macaxeira. Após a última panela de macaxeira estar cozida e a batata doce mastigada e misturada, vão acrescentando água e peneirando. O trabalho da mulher termina quando toda a massa está peneirada, o que resulta em um ou mais potes cheios de "koyã", a ponto de ser servida.

O preparo da caiçuma é exclusivo das mulheres e lhes é proibido, quando em período menstrual ou de pós-parto.

No final da tarde, as mulheres entoando cantos, chamam os homens oferecendo e servindo-lhes a caiçuma.

Isto ocorre também pela manhã, e geralmente são várias as mulheres que servem a "koyã", à qual todos os homens bebem. Não só em tempo de festas, mas também nos dias comuns, não raro após servirem os homens, as mulheres cantam no terreiro pedindo "koyã". Atendendo ao pedido, os homens vão buscar, e ao trazer a "koyã", também cantam oferecendo e servindo as mulheres.

JOGOS E BRINCADEIRAS

Por brincadeiras e jogos, entende-se as manifestações de descontração, que acontecem espontaneamente, sem exigir organização e preparação prévia, não existindo inclusive, um líder ou pessoa responsável que os promova.

"Ilay hay" - Acontece à noite no terreiro, as pessoas se reúnem para cantar e dançar. São cantos alegres, e bem diversificados, alguns

já comuns nesta brincadeira, outros criados na hora, com motivos presentes ou falando de fatos acontecidos no dia-a-dia do grupo. Cantos de "hay hay" de outros grupos Kanamari também são cantados. Qualquer pessoa pode iniciar ou criar os cantos, cujos refrões os participantes vão repetindo, numa forma de reafirmar o que a música está dizendo.

A dança é realizada por homens, mulheres e crianças, que dispostos segundo o sexo, formam uma grande roda, onde cantam e dançam, de mãos dadas, ou abraçados.

O "hay hay" se dá com mais frequência, principalmente quando há membros de outros grupos visitando a aldeia, ou ainda intercalando as festas, rituais, jogos e outras brincadeiras na temporada de festas.

"Kerewenô" - Uma brincadeira mais frequente à noite, mas que por vezes se realiza durante o dia.

Uma personagem que, usando máscara de cerâmica ou cuia e vestindo roupas exóticas, vem do mato para o terreiro e por gestos vai respondendo às perguntas que lhe são feitas. Traz oferendas, tais como frutas, utensílios, animais domésticos, os quais presenteia algumas pessoas.

Todos conversam com o "kerewenô", porém não tocam, nem se deixam tocar por ele.

É uma figura muito engraçada, tanto por seus trajes e máscara deformada, quanto por seus gestos, convites e insistência para que as pessoas aceitem namorar com ele e que o acompanhem em sua volta para o mato.

Numa mesma noite poderão vir vários "kerewenô", geralmente um por vez, e cada qual chegado de um lugar e com uma história singular, podendo representar tanto homens quanto mulheres.

"Tserê" - É uma brincadeira em que um homem ou uma mulher, oferece geralmente frutas ou outro alimento a uma pessoa do sexo oposto, e quando esta vai pegar, é oferecido uma resistência dificultando o recebimento.

Na medida em que não consegue pegar o que lhe foi oferecido, a pessoa pede a ajuda das outras pessoas do mesmo sexo, que, igualmente, passam a fazer parte da brincadeira. O mesmo ocorre com quem ofertou, que passa a receber a ajuda das outras pessoas do seu sexo.

Nesta brincadeira vale tudo, desde correr, jogar a fruta de uns a outros, até esconder dentro da roupa, nos mais diversos lugares do corpo. Para conseguir pegar a fruta, as pessoas valem-se de todos os meios,

tais como fazer cócegas, puxar cabelos, morder, apalpar quem está com a fruta. Para dificultar ainda mais, os homens, quando ofertam as frutas, por vezes, rolam-se na lama, deixando o corpo e os cabelos bastante escorregadios, acabando por enlamear também as mulheres, quando na tentativa de apanhar as frutas.

O "tserê" é um treino à resistência física, pois as pessoas correm muito, esforçando-se para resgatar a fruta e para não deixar que os adversários a peguem. Ocorre como que uma luta corporal, onde, às vezes, 5 ou mais pessoas chegam a imobilizar quem está com a fruta e, não raro, provocando agilidade e destreza esta pessoa consegue escapar ou passar a fruta aos seus aliados.

O "tserê" acontece durante o dia, e se torna praticamente um jogo coletivo, sendo participado por todos, diretamente ou animando através de torcida.

Em tempo de festa, enquanto os homens estão no mato colhendo as frutas, as mulheres, em meio aos afazeres do dia-a-dia, cantam o tempo todo, esperando e pedindo o "tserê".

A brincadeira, dependendo da quantidade de frutas trazidas, pode durar muitas horas.

"Marã" - É uma brincadeira entre homens e mulheres, na qual uma determinada pessoa desafia uma pessoa do sexo oposto a lhe tirar das mãos uma haste de cana.

No "marã", o desafiante segurando a cana pela extremidade dos gomos, instiga à outra esfregando-lhe as palhas no corpo ou no chão à sua frente.

A brincadeira tem início quando o desafiado segura as palhas da cana e puxando-a em sua direção, procura tirá-la para si. Como reação, o desafiante passa a puxar em direção oposta, oferecendo resistência em que a cana lhe seja tirada. Na medida em que uma das pessoas começa a perder terreno, à ela se juntam outras do mesmo sexo, que lhe ajudam puxando a cana em sua direção. É uma espécie de cabo-de-guerra, como é chamada em algumas regiões, a brincadeira onde dois grupos de pessoas um em cada extremidade, puxando uma corda, medem forças.

O "marã" é um treino à força e resistência, e, assim como o "tserê" é também um jogo coletivo, onde todas as pessoas da aldeia participam, seja diretamente, seja através de torcida para o grupo do seu sexo;

momento 1/2

PROC. N.º 2104/84

FLS. 340

RUBRICA 1/2/1985

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

também neste jogo todos os meios são utilizados para que se consiga vencer a disputa.

No "marã", mesmo sendo muito grande a resistência oferecida e por mais que dure a brincadeira, sempre sai vencedor o desafiado, que ajudado por seu grupo conquista a haste de cana que originou a disputa.

ARTESANATO

Além do "tówãhnêm" e do "keetã", adornos de cabeça confeccionados com a palha de tucum, e da flauta de taquara ou bambu, que é tocada durante o dia pelos homens, não sendo porém integrante das festas rituais, os Kanamari não usam atualmente outro tipo de enfeite ou adorno.

O artesanato, de utilização prática é largamente empregado nas tarefas e afazeres do dia-a-dia.

CESTARIA

cestaria

Com várias espécies de talas, folhas e cipós, são confeccionados principalmente pelas mulheres, diversos tipos de utensílios. Esta prática artesanal é a que mais frequentemente ocupa os Kanamari, principalmente no que se refere aos objetos confeccionados em palha, que por ser de caráter mais perecível, com mais frequência necessitam ser repostos.

Peras "tom" - são tecidas de folhas de açai, patani, baaba e de outras palmeiras; a sua alça é feita de envira. Geralmente são confeccionadas no mato e utilizadas no transporte de alimentos do roçado, caça, pesca, frutos e mesmo de lenha para o fogo. Variam muito em tamanho, sendo normalmente confeccionadas no momento em que tanto as mulheres, quanto os homens necessitam transportar algo para casa.

Paneiros "torê" - são confeccionados tanto pelos homens quanto pelas mulheres, em diversos tamanhos e feitos de cipó títica. São utilizados para o transporte ou como depósito de alimentos ou outros objetos, sendo que os de maior tamanho, geralmente destinam-se à venda aos brancos.

Balaios "torêkomphanêm" - confeccionados com o mesmo material e feitio que os paneiros, têm como característica um certo estreitamento nas bordas. Feitos também por homens e mulheres, são usados principalmente para guardar objetos.

Abanos "badjô" - trançados em forma de leque com talas bem finas de tucum, ou em forma triangular com palhas desta mesma palmeira, que confeccionados principalmente pelas mulheres, em diversos tamanhos, servem para avivar o fogo.

Peneiras "djam'am" - trançadas em vários tipos e tamanhos, redondas e quadradas, confeccionadas pelas mulheres, com talas da haste do tarumã. São usadas para coar caçuma de macaxeira, de pupunha e sucos de frutos silvestres.

Vassouras - fabricadas por homens e mulheres. A partir de pedaços de cipó títica, que, amarrados em feixe, recebem um acabamento trançado do mesmo material, formando um orifício onde posteriormente é fixado o cabo da vassoura. Além de fabricadas para uso próprio, destinam-se também à comercialização.

Cobertura das casas - trançados diferentes, com os quais tecem os diversos tipos de palha empregados para cobrir as casas, atualmente construídas no estilo regional.

CERÂMICA

É confeccionada com um tipo de barro branco, sendo utilizado para dar a liga, as cinzas da casca do caripê. Para alisar as superfícies das peças, é usada uma concha. Após o barro estar seco, as peças são queimadas ao fogo. São fabricadas pelas mulheres, em vários tipos e tamanhos.

Potes "morô" - grandes ou médios vasos, utilizados no preparo e como depósito de caçuma.

Alguidares "pokakom" - vasos do tipo cuia, utilizados para servir caçuma e outros alimentos.

Pratos "tsawâh" e "tsawâhkom" - pratos grandes e pequenos respectivamente, usados na alimentação.

Tigelas "takom" - pequenos vasos utilizados para triturar o tabaco torrado.

Buzinas "horê" - pequenos potes de gargalo estreito, utilizadas para emitir sons anunciando a chegada de caçadores, pescadores e de visitas. É também usada no ritual da caçuma, sendo tocada pelos homens quando as mulheres começam o canto de oferecimento.

problemas

PROC. N.º 3104/84
 FLS. 143
 RUBRICA 11/11/84

MINISTÉRIO DO INTERIOR
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

TECELAGEM

tecelagem

Utilizando-se de tucum e algodão, as mulheres fiam e tecem maqueiras (redes), com um trançado de malhas largas.

Ainda com fios de algodão tecem também tipóias^{ia}, as quais são utilizadas para carregar as crianças.

Os fios tirados de redes velhas, compradas, muitas vezes são reaproveitados tanto para a confecção das maqueiras, quanto das tipóias.

ENTALHE

entalhe

Realizado apenas pelos homens, o trabalho em madeira consiste principalmente na fabricação de canoas e remos, destinados ao transporte em rios e igarapês; e de bainhas para facas e terçados. Ainda em madeira confeccionam cochos, que em situações de emergência, são utilizados em substituição às canoas, e vários tipos de brinquedos, como maquetes de aviões, helicópteros, batelões e bonecas, feitos sobretudo por rapazes e meninos. Em sua maioria destinados para o uso próprio, os trabalhos de madeira, somente canoas e brinquedos, são por vezes comercializados, principalmente quando da estada dos Kanamari na cidade de Eirunepé.

PEQUENO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA KANAMARI

A língua falada pelos vários grupos Kanamari, é basicamente a mesma, diferenciando-se em alguns clãs, apenas por pequenas variações dialetais, podendo ser agrupados basicamente em:

- Wiri Djapa
- Bem Djapa e Natok Djapa
- Wadjo Djapa e Potso Djapa, Hororo Djapa, Hodja Djapa, Hamudja Djapa, Wadjo Teknim Djapa, Wadjo Paranim Djapa, Kadjikiri Djapa, Kotsa Djapa e outros.

A língua falada pelos Wiri Djapa apresenta variação maior em relação à falada pelos Potso Djapa e os Bem Djapa, do que a variação apresentada pelas línguas destes grupos entre si.

A grafia apresentada, do Projeto Kanamari (Cimi/Opan), é provisória e preliminar. Para facilitar a leitura, se decidiu acentuar as palavras. Esta forma será mantida até março/85, quando se realizará um estudo linguístico definindo a grafia da língua Kanamari, família Katukina.

PORTUGUÊS	WIRI DJAPÁ	POTSÓ DJAPÁ
pai	paná	paná
mãe	nimá	nhamá
avô	paikô	paikô
avó	huá	huá
lua	wadjá	wadjá
estrela	tsirikô	tsirikô
sol	tsam	tsam
fo	ehtanô	ehtanô
ch	hem	hem
nu	kodo'omin	kodo'omin
travão	kodohkiranem	kodohkiranem
funaca	omin	omin
vento	waném	waném
água	watahi	watahi
rio	wah nhānim	wah
lago	wahdák	wahdák

igarapê	wah	wah
mato	etsonêm	etsonêm
árvore	omam	omam
folha	ba	ba
caminho	dam	dam
roçado	bawnem	bawnem
casa	hak	hak
canoa	poodak	pok
remo	powakô	powakô
anzol	tsowiwiro	pinã
faca	kutsiro	kutsiro
terçado	tsaratsarã	tsaratsarã
machado	tsowi	tsowi
macaxeira	tawã	tawã
farinha de mandioca	tawabi	tawabi
caçuma	koyã	koyã
bátata doce	kirihpan	kirihpan
carã (batata)	makonã	makonã
eriã (batata)	tsahnarowi	tsahnarowi
batata roxa do mato	wadjia	wadjia
milho	natsi	natsi
cana	maona'am	mahona'am
abacaxi	wakãk	wakãk
banana	bare	bare
mamão	kapayô	kapayô
caju	piorãhki	piorãhki
goiaba	tawê	tawê
maracujã	borohdãk	borohdãk
ingã	komamim	komamim
pupunha	tsoo	tsoo
açaí	djam	djam
buriti	ehkerã	ehkerã
patawa	todã	todã
borboleta	awanô	awanô
mutum	bem	bem

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ROC. N.º 2704/84
FLS. 145
RUBRICA 1: (Bando)

arara vermelha	kawām pohnēm	kawām pohnēm
arara azul	kawām paranēm	kawām paranēm
jacamim	makorā	makorā
tucano	tsuhum	tsuhuam
japô	potsō	potsō
jacu	tabi	tabi
piriquito	kirī	kirī
papagaio	warō	warō
juriti	borāk	borāk
pato do mato	wambem	wahben
morcego	chnām	chnām
tucunarē	nakonanā, wakāk	nakonanā, wakāk
traira	djaikom	djaikom
pirarucu	wā	wā
pacu	bamāk	banāk
matrinchá	mañorā	mamorā
aruanā	pawrā	pawrā
tracajá	kawāhtsinīm	kawāhtsinīm
jabuti	kawāhbō	kawahbō
tartaruga	kawānhānim	kawānhānim
cabeçudo	kawahkinhānim	kawahkinhānim
jacaré	kadjō	kadjō
arraia	hehnām	hehnām
cobra d'água	maperē	maperē
cobra	ihpām	ihpām
aranha (venenosa)	botsām	botsām
anta	mōk	mōk
veado	bahtsi	bahtsi
porco do mato	hetsām	hetsām
queixada	wirī	wirī
paca	kiwā	kiwā
capivara	warikamā	warikamā
onça	pidā	pidā
macaco preto	hodjā	hodjā
macaco de cheiro	kadjikiri	kadjikiri
macaco parauacu	hororō	hororō

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO - FUNAI

PROC. N.º 2704/84
FLS. 146
RUBRICA Urubato

mão	bā	bā
dedo	bakom	bakom
unha	bakomkirāk	bakomkirāk
nariz	pak	pak
orelha	matsahdāk	matsahdāk
pé	i	i
olho	ikō	ikō
cabeça	ki	ki
cabelo	kipōe	kipōe
hoje	manatē	*bati
amanhã	tiyaham	tiyaham
longe	enō	enō
perto	enotā	enotā
velho	kidāk	kidāk
novo	bawawā	bawawā
grande	nhānim	nhānim
pequeno	tsinīm	tsinīm
sei	etekowk	etekō
não sei	etekowktā	etekotā
vou embora	da'am adā tsabō	tunā adā tsabō
vai, pode ir	āi	hā
dormir	kitām	kitām
eu vou dormir.	kitām adā tsabō	kitām adā tsabō

ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA

As atividades para as quais os grupos Kanamari despendem grande parte de seu tempo, estão legadas à sua economia de subsistência.

Mantém roçados (em alguns grupos grandes roçados) onde o plantio de macaxeira, juntamente com a caça e/ou pesca, é base de sua dieta alimentar. A macaxeira é utilizada em grande escala no preparo da caiçuma e também cozida e assada.

Além de ser um dos elementos culturais mais importantes para os Kanamari, a caiçuma (Koyã) é a base da alimentação no dia a dia. No seu preparo, as mulheres se ocupam praticamente durante todo o dia. Nos dias comuns, isto é, fora dos períodos de festas e/ou de visitas de outros grupos locais, as mulheres se dividem e se revezam na preparação da caiçuma.

O trabalho de preparo da terra para plantação é geralmente coletivo, onde dois ou mais homens se unem para a derrubada e a queima. A terra já preparada é então dividida entre os homens que a trabalharam, e juntamente com suas famílias plantam e conservam os roçados.

Apesar de consideradas de propriedade de determinadas famílias, o consumo dos roçados é coletivo, onde todas as mulheres colhem em todos os roçados, tanto para alimentação de suas famílias em particular, como para o preparo da caiçuma que é ofertada a todo o grupo.

Nos locais onde estão a mais tempo, têm também plantação de pupunha independente do roçado, isto é, próximo das casas. Nos locais de plantações antigas voltam sempre à época de colheita, por vezes reunidos em dois ou mais grupos locais, realizando aí uma de suas festas.

A pupunha é de importância vital, pois além de servir de alimento na época do inverno (chuvas) quando os roçados de macaxeira, milho, banana e outros estão se desenvolvendo, tem profundo sentido cultural porque esta ligada à mitologia do povo Kanamari. Como alimento a pupunha é consumida tanto cozida acompanhando a caça ou pesca e como bebida quando preparada para a caiçuma que é ingerida o tempo todo, durante as festas que se realizam nesta época:

Frutas de várias espécies também são cultivadas como a banana, mamão, abacate, abacaxi, ingá e outras. As nativas são muito apreciadas e cada grupo local tem suas áreas de coleta específicas.

A subsistência é também suprida pela caça e a pesca, fi

cando, no entanto, restritas à dependência já criada, quanto ao instrumental de obtenção das mesmas. Dado o preço cobrado pelos regatões e a distância das aldeias e os centros comerciais, conseguem pouca munição e material de pesca.

Por outro lado, o aumento do número de pessoas que entram nos rios, tanto para comércio - regatões, madeireiros, pescueiros - como seringueiros para morar, provocam uma diminuição, tanto na quantidade, quanto na variedade de peixes, animais e aves, pois os mesmos se afastam sempre mais mata adentro, ou são exterminados.

A caça se traduz pelo abate principalmente de veados, porcos do mato, paca, cotia, macacos, capivaras e outras. Das aves destaca-se o jacamim, o mutum, o anambú e o jacú.

Os quelônios, tracajás e jabotis principalmente são muito apreciados pelos Kanamari, o mesmo se podendo dizer dos ovos de tracajá que em alguns igarapês encontram-se ainda com abundância.

Na maioria dos grupos locais o peixe completa o regime alimentar dos Kanamari. Os principais em quantidade e consumo são: a traíra, o tucunaré, o surubim, o peixe elétrico, a piranha, o pacú, a mocinha, e muitos outros.

O jacaré, desprezado pelos brancos da região, tem nos Kanamari seus apreciadores.

Tanto a caça, atividade exclusivamente masculina, como a pesca, mesmo quando praticadas individualmente, têm o seu produto revertido para todo o grupo, sendo repartido pela mulher do caçador ou pescador, entre todas as mulheres do grupo.

As atividades econômicas voltadas para a comercialização tem por objetivo suprir os Grupos das necessidades de produtos incorporados a partir do contato com a sociedade branca.

Das atividades desenvolvidas, a seringa se destaca como sendo comum a todos os grupos locais. No entanto, em algumas áreas outras atividades tem um papel de igual importância como elemento de troca nas transações comerciais. No rio Xeruã a extração da sorva se coloca como atividade principal. A produção é comercializada com o Sr. Vicente Taveira Leite, que, localizando-se nas margens do rio Xeruã, logo abaixo da foz do igarapé Curabi, impede a entrada de outros comerciantes, monopolizando assim todo o comer

cio, desde o médio Xeruã e afluentes, até suas cabeceiras.

Antonio e Yodi, índios Kanamari do alto Xeruã dizem que:
"Tavera não deixa subir outros regatão para
pega sorva, tem empatado a subida dos ou
tro".

Quando da permanência do G.T. na área Yodi entregou 600
Kilos de sorva a Taveira para comprar um motor Honda de 3 H.P. A quantidade
de sorva que Yodi terá que entregar a Taveira para saldar sua dívida do motor
será de 2.000 kilos. O preço do kilo de sorva é 700,00. portanto o motor lhe
custará Cr\$ 1.400.000,00. O preço deste mesmo motor em Manaus, na mesma época
ca, era de Cr\$ 400.000,00.

Um Kanamari, encontrando uma árvore boa de leite, ou seja
ja que produza muito, consegue no máximo 40 Kilos por dia o que significa 28.
000,00, portanto Yodi terá que trabalhar 500 dias para conseguir pagar o mo
tor.

Nas transações comerciais, o grupo local do Itucumã, di
vide-se entre dois comerciantes locais, que, assim como disputam entre si a
produção do grupo, pretendem se fazer donos da área ocupada pelos Kanamari.
Um destes comerciantes, Sr. Raimundo Cipriano (Raimundo Marinho da Silva),
além de intermediário, arrendou de Joaquim Serafim Carneiro o seringal Flexei
ra que faz parte da área pertencente aos Kanamari.

A seringa é o principal produto de troca dos Kanamari
com estes comerciantes. Outro elemento destas transações é o produto artesa
nal que se traduz principalmente em paneiros, vassouras e peneiras. Os panei
ros e vassouras são produzidos tanto pelos homens como pelas mulheres, as pe
neiras somente as mulheres produzem e comercializam.

O trabalho na seringa é iniciado no mês de abril com a
limpeza das estradas. O início do fábriço se dá em maio se estendendo até o
mês de outubro, quando começa a época das chuvas. A partir de outubro a pro
dução é bem menor, sem regularidade, sendo somente extraída a seringa em ter
ra firme. Os índios neste período suprem suas necessidades das mercadorias
fornecidas pelos comerciantes, através do artesanato, das dívidas assumidas
para serem saldadas na época do fábriço, e também com o armazenamento prévio
de algumas mercadorias mais necessárias como o sal, o sabão e munição.

De forma geral toda a produção e os trabalhos realizados

pelos índios para a população envolvente estão inseridos no sistema de troca, com excessão do grupo do igarapé Mamori que tem como base para a comercialização a moeda. A partir da instalação da MNTB no local, os missionários suprem através de uma loja as necessidades básicas dos Kanamari. Nesta transação, todas as mercadorias são pagas em moeda, dinheiro ganho pelos Kanamari na venda dos produtos e na prestação de serviço aos missionários. Estes Kanamari por ocuparem uma área bastante pequena, com reduzido número de estradas de seringa, têm uma produção mínima que não atende suas necessidades, situação esta agravada pela grande concentração populacional do grupo nesta área. Esta concentração populacional é provocada pela própria presença da Missão, que faz com que a este local se achem cada vez mais os Kanamari em busca das vantagens que ali possam encontrar, tais como atendimento de enfermagem, escola, mercadorias, etc. Ocupam uma pequena área, porque apesar de ser território tradicional dos Kanamari, o Sr. Américo Onofre Andrade detém um título de propriedade e "permite" que os índios ocupem apenas este pedaço por benevolência sua e por ser da mesma religião dos missionários ali instalados. Esta situação faz com que os missionários tenham que criar atividades para ocupar os índios. Os Kanamari desenvolvem todos os tipos de trabalho para os missionários, desde lavagem de roupa, limpeza e conservação do campo de pouso, dos varadouros, do igarapé, até informações linguísticas são tidas como serviços prestados e devidamente remunerados.

No grupo local do igarapé Três Bocas, além da produção de seringa, o peixe e carne de caça salgados, também são elementos importantes de troca nas relações comerciais. Isto se dá devido ser uma das áreas de maior abundância de peixes e caça.

Com excessão do rio Xerua, onde os Kanamari estão submetidos ao seringalista Vivente Taveira Leite que se refere a eles como "estes caboco estão sob meu domínio", a própria localização geográfica - tanto o alto Xerua quanto sua foz é distante das cidades do rio Juruá, não permitindo aos índios acesso a outros comerciantes ou centros de comercialização.

Nos demais grupos locais, os Kanamari procuram manter uma liberdade no sentido de não se submeter a um ou outro seringalista, patrão ou regatão que comercialize as mercadorias no rio. Com isto não têm compromissos de grandes dívidas com este ou aquele comerciante, o que os deixa livres para cortar a seringa e trabalhar nas demais produções segundo seu ritmo e necessidades.

CONTATOS COM OUTRAS FRENTES

REGIONAIS E CIDADE

Exceto nos casos dos grupos do igarapé Curabi, rio Xerua, e igarapé Mirim, rio Itucumã, onde há pessoas brancas casadas com Kanamari, de modo geral os Kanamari desta região, não mantêm um contato intenso com os brancos.

As relações se dão mais frequentemente, com os seringueiros ribeirinhos e com os regatões (comerciantes do rio). Com os seringueiros ou sorveiros ribeirinhos, residentes ou não na área, as relações se dão das mais diversas formas, desde simples relações de passagem (pousada) quando de deslocamentos para visitas entre um grupo e outro, até de busca de auxílio em caso de doenças, e mesmo de conflito quando de invasão da área e abusos por parte dos brancos.

Com os regatões, a relação se dá basicamente pela troca comercial, entregam sua produção (seringa, serva e outros) e recebem as mercadorias (sal, tecido, sabão, munição, querosene, utensílios, etc.). É muito comum a grande exploração por parte destes regatões, pois tanto pagam pouco pelo produto recebido, quanto cobram altos preços pelas mercadorias que fornecem; em particular nas transações com índios, esta exploração se torna ainda mais acentuada.

As relações com os pretensos donos das áreas, também se dão praticamente com o único objetivo de trocas comerciais, as quais por vezes são conflituosas, pois não raro estes pretensos donos, tentam obrigar os Kanamari a só comercializar com eles, proibindo-lhes de vender a produção aos regatões ou de levar à cidade.

Apesar de para os grupos do rio Xerua e afluentes a cidade de Itamarati ser mais próxima, as relações com a cidade de Eirunepé são mais frequentes. Todos os grupos Kanamari desta região chegam até Eirunepé, por questões de doença; para vender a produção e comprar mercadorias e ainda quando de passagem para outras áreas Kanamari, tais como o rio Jutai e rio Itacoai. Na cidade, as relações são relativamente pacíficas, a não ser nos casos em que se encontre um número maior de pessoas; pois aí, além da ingestão, por parte dos índios, de bebidas alcoólicas, e suas decorrências; também os brancos aproveitam para dar vazão ao seu preconceito, acusando-os de roubos e brigas.

Todas as relações com os brancos, sejam ribeirinhos, regatões, pretensos donos da área ou mesmo na cidade, são marcadas pelo forte preconceito por parte dos brancos, que tratam a todos os índios, Kanamari e outros da região, com menosprezo e por vezes até ódio.

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL

Através da Missão Três Unidos, instalada em 1970, a Missão Novas Tribos do Brasil se faz presente no igarapé Mamori, quando então, os Kanamari que já moravam nesta área, acercaram-se dos missionários.

A equipe de missionários é atualmente formada pelo pastor Anson (André) Seibert e sua esposa Dóris Seibert, americanos, chegados no local em 1971; a linguísta Crista (Cristina) Groth, alemã, que chegou em 1972; e a enfermeira Rut Batista Coutinho, brasileira, no local desde 1974.

Conforme informações dos missionários, realizam trabalhos de saúde, educação, estudo da língua, tradução da Bíblia para o Kanamari e pregação evangélica. A igreja "funciona como escola", o culto é celebrado na língua Kanamari, nos domingos e 4^{as} feiras às 16:00 hs, com farto material traduzido para o Kanamari, desde histórias bíblicas, até cantos e discos gravados com passagens bíblicas, salmos e músicas religiosas. Segundo o relatório à FUNAI referente ao 1º Semestre de 1984, a missão tem entre os Kanamari, 20 adeptos e 1 líder religioso.

deia do Mamori I, onde a atuação dos missionários é mais efetiva, o pastor André e a enfermeira Rut, são as pessoas que parece ter mais contato com os Kanamari. Dóris Seibert, como ela própria declarou a este GT, apesar de 13 anos no local, nunca esteve na Aldeia Mamori, que dista de sua casa, apenas 10 minutos a remo. Nesta aldeia mora um dos pajés mais conceituados entre os Kanamari, percebe-se que a distância entre este pessoal e a missão vai além da distância física, se portam relativamente com mais independência, por vezes hospedem durante semanas, pessoas de outros grupos, sem que os missionários tomem conhecimento do fato.

Os Kanamari do Mamori, diferente dos demais grupos, não têm como base para as transações comerciais, o sistema de trocas. A missão mantém um esquema de pagamento em moeda, tanto pela produção e mão-de-obra dos Kanamari, quanto pelas mercadorias fornecidas ao grupo.

Em geral todos os Kanamari deste local, mantêm uma rela

ção de prestação de serviços aos missionários. A remuneração dos trabalhos além de ser um pagamento pelas tarefas executadas, se constitui numa das formas de incentivo à agregação dos Kanamari em torno da missão. Várias atividades, tais como jogo de bola e corrida à pé, são realizadas diariamente, com o sentido de ocupar o tempo.

Os Kanamari realizam todos os tipos de trabalhos, desde serradores, carpinteiros, auxiliares de mecânica, limpeza do igarapé, até a lavagem de roupas, limpeza da casa dos missionários, moquém de peixes, conservação do campo de pouso e outros. Os serviços seguem uma ordem de importância, por exemplo, o de serrador, é o ofício melhor remunerado, logo em seguida, é o trabalho na agricultura, sendo que, quanto maior é o roçado que alguém planta, de maior valor é o brinde recebido (rede, roupa...).

O pastor André, em companhia de um "líder religioso" Kanamari, tem realizado visitas a outros grupos Kanamari, sendo seu único interesse a divulgação e pregação evangélica, e a distribuição de discos, toca-discos manual e livros religiosos, todos traduzidos para o Kanamari. Nestas visitas não há a preocupação em relação às doenças ou outras situações problemáticas que os grupos estejam enfrentando.

Neste sentido, quando pessoas de outros grupos se achegam ao Mamori para tratamento de saúde, também não há interesse em saber de que grupo são originários. Nem mesmo em casos de doenças infecto-contagiosas, como tuberculose e outras, existe a preocupação em localizar os possíveis focos e providenciar tratamento, encaminhamento, ou mesmo orientação às pessoas do grupo.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO

Com o Projeto Alto Jutai, que no final de 1979, iniciou os trabalhos atendendo principalmente aos Kanamari das aldeias do Nauá, Caraná e Dávi, e aos Tsohom Djapá, grupo semi-arredio, o CIMI, através de equipe da Opán, Prelazia de Tefé, passou a estar presente na região do rio Jutai. Em meados de 1982 o Projeto Alto Jutai se estenderia também até os grupos Kanamari da região do rio Juruá e, mais esporadicamente do rio Japurá. A partir de 1984, já como Projeto Canamari, os trabalhos tiveram prosseguimento em duas frentes: uma presença fixa, no rio Jutai, e uma atuação volante no rio Juruá, em contato com todos os grupos Kanamari desta região.

Junto aos Kanamari dos rios Itucunã e Xeruã, e afluentes, e dos igarapês Santa Rita e Três Bocas, estes contatos têm se dado com uma certa frequência. Acompanhar e encaminhar questões de saúde; esclarecer e acompanhar as transações comerciais; proporcionar condições para que ocorram visitas, encontros e trocas de notícias e informações entre os vários grupos; ao mesmo tempo em que são objetivos do Projeto Kanamari diretamente voltados para os próprios grupos, se constituem no conhecimento dos aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e históricos do Povo Kanamari e da ocupação branca da área. Conhecimento este fundamental ao propósito do Projeto Kanamari, de funcionar, enquanto se faça necessário, como intérprete e intermediário nas relações e reivindicações dos Kanamari junto à sociedade envolvente e em participar à FUNAI, principalmente no que se refere à legalização de seu território.

DIRETORIA DOS ÍndIOS - SPI - FUNAI

DIRETORIA DOS ÍndIOS

Com a colonização do rio Juruã pelas frentes extrativistas, alguns exploradores foram nomeados pelos Presidentes de Província do Amazonas, como Encarregados ou Diretores dos Índios, os quais, dos presentes e agrados dos primeiros contatos, passaram a donos das terras, despojando os grupos de seus locais de origem.

Em geral comerciantes, estes Encarregados ou Diretores, tinham o Juízo tornando-se senhores de escravos índios, como se referiu Chan (1) sobre o Diretor dos Índios João da Cunha Correia, que lhe forneceu "um de seus escravos", quando de sua subida neste rio em 1869.

A figura do Diretor dos Índios, assim como algumas destas pessoas, estão ainda hoje presentes na lembrança dos mais velhos, constituindo a história oral dos primeiros contatos com os brancos.

SPI

A partir de meados da década de 1920, através do P.I. do Riozinho do Penedo ou P.I. do Gregório, o SPI esteve presente na região do médio Juruã, até meados de 1950.

Localizado no Rio Gregório, há poucas horas acima de Eirunepê, assistindo prioritariamente aos grupos Kulina, os trabalhos do SPI, se estendiam a outros grupos da região. Segundo relatório de 1928 (2), atendia também alguns grupos Kanamari, tais como os "Canamary" do Ig. São Vicente; os "Canamary e Tauary", na margem direita do rio Juruá, entre a foz do rio Gregório e a cidade de São Felipe (hoje Eirunepê); os "Bendiapã" que haviam se fixado mais ao centro, "nas circunvizinhanças do Itecoahy"; e os "Parauá" na foz do rio Gregório.

Além deste Posto, nas diversas localidades da região, haviam pessoas nomeadas como "delegados" dos índios, porém como assinala o relatório de 1928, "...a acção dessas autoridades não satisfas, pois que se trata de pessoas com interesses opostos áquelles em que são interessados os índios. Uns são proprietarios de seringaes, outros negociantes, alguns empregados em repartições do governo territorial ou interessados em empresas industriaes. De sorte que, os delegados, somente tomam a defeza do indio quando está afastada toda e qualquer hypothese de um prejuizo nos seus interesses po-soaes, comerciaes ou industriaes".

FUNAI

Exceto uma breve passagem em meados de 1981, de equipes que realizaram os trabalhos de levantamento na Operação SAI, que inclusive não atingiram a todos os grupos, em nenhum momento anterior se verificou a presença da FUNAI junto aos Kanamari desta região.

Em maio de 1984, foi instalada em Eirunepê uma representação com os objetivos de funcionar como relações públicas do órgão para a região, e de atender aos índios localizados próximos à cidade, principalmente os grupos Kulina. Para tal, foi designado o funcionário Benvindo Gadenha Costa, um auxiliar de enfermagem recém contratado e totalmente despreparado, que nesta sua atuação, esteve sempre mais voltado para a defesa dos interesses da população branca, principalmente dos seringalistas, a quem se aliou, do que dos interesses dos índios.

Surgida de solicitação da Prefeitura Municipal e da Delegacia de Polícia de Eirunepê, e instalada em precárias condições num cubículo da Delegacia, a presença da FUNAI tornou-se desde o início, mais um instrumento de intimidação com o qual o Delegado, 3º Sargento-PM - Augusto Cesar Alves

da Cunha, procurou legitimar seu autoritarismo e arbitrariedade sobre os grupos indígenas da região.

No que se refere aos Kanamari, a atuação deste representante da FUNAI foi extremamente negativa, chegando ao ponto de, em acordo com Raimundo Marinho da Silva (Raimundinho Cipriano), seringalista com interesse nas terras Kanamari, e com o Delegado de Polícia, sob falsos pretextos trazer para a cidade alguns Kanamari do grupo do rio Itucumã, e submetê-los a interrogatórios. Porém, apesar de ameaçados de prisão e agressão física, estes Kanamari não cederam às pressões que objetivavam fazê-los abandonar sua área e endossar as acusações de que os trabalhos do Projeto Kanamari os estavam incitando à usurpação de terra e agressão aos brancos localizados na área indígena.

Este representante da FUNAI, oficialmente foi transferido de Eirunepé, em início de outubro de 1984. Porém Benvindo Gadenha Costa, continuou suas atividades; somente se retirando da região, em final de novembro/84, um dia antes da chegada à Eirunepé da Antropóloga e do Engenheiro Cartográfico, funcionários da FUNAI, e do Técnico Agrícola do Iteram, membros do presente GT.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 7204/74
FLS. 157
RUBRICA Alfonso

- (1) CHANDLESS, W. Notes of Journey up the River Juruá. Journal of Royal Geographical Society. Vol XXXI. London, 1869, pg. 302.
- (2) 1928 - INSPETORIA DO AMAZONAS E ACRE (I.R.1)
Bento Pereira de Lemos; Inspetor/Relatório Anual referente ao ano de 1928. págs. 33 e 34.

SAÚDE E EDUCAÇÃOSAÚDE

Apesar do tempo de contato, de ter uma constituição física forte e sadia, os Kanamari apresentam pouca resistência às doenças trazidas pelo branco. Gripe, sarampo e outras doenças infecto-contagiosas lhes podem ser fatais.

Apenas no Grupo do Igarapé Mamori existe uma enfermaria e trabalho periódico dos missionários de MNTB. Apesar deste atendimento, segundo a médica responsável pela Unidade Sesp-Eirunopé, este foi o único grupo Kanamari, que se verificou casos de sarampo, quando do surto ocorrido nesta região do Rio Juruá, neste início de 1985.

Em todos os demais grupos não existe atendimento de saúde com infraestrutura montada no local. Os membros do Projeto Kanamari, da Pastoral Indigenista da Prelazia de Tefé, que atuam nesta área, têm atendido casos mais simples, enquanto que os casos de maior gravidade são encaminhados à Eirunopé para atendimento no Hospital ou na Unidade da Fundação Sesp.

O acompanhamento de tratamento de tuberculose e leishmaniose, e a aplicação de vacinas contra sarampo, têm merecido no campo da saúde, as maiores atenções do Projeto Kanamari. Em meados de 1983 foi realizada a vacinação dos Grupos do Rio Xerua e afluentes, e em Dezembro de 1984, por ocasião deste G.T., foi atualizada nestes mesmos Grupos e realizada nos demais. Cabe assinalar que até o momento nenhum caso de sarampo se verificou nestes Grupos Kanamari no recente surto de sarampo ocorrido na região. Em dezembro de 1984 realizou-se um tratamento de pinta (dermatose) nos grupos do rio Itucumã. Este trabalho foi desenvolvido em conjunto pelo Projeto Kanamari e pelos médicos dermatologistas Dr. Sinésio Talhari, do Hospital Alfredo da Matta - Manaus-AM., Dr. René Garrido Neves, da Universidade Federal Fluminense-Niterói-RJ, e Dr. Raimundo Martins de Castro, da Escola Paulista de Medicina-São Paulo-SP.

No Grupo do Mamori, onde se encontra a Missão Três Unidos, da MNTB, com estrutura de enfermagem montada, segundo seu último relatório à FUNAI (1º Semestre/84), mostrado a este GT., quando da passagem por este grupo, os dados são os seguintes:

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

"Equipe: Rut Batista Coutinho, Enfermeira auxiliar; Atendimento geral, curativos, sutura, tratamento preventivo diagnóstico e tratamento de enfermagem.

Dóris Seibert; faz o trabalho de enfermagem em meses alternados com Rut Coutinho. Anson Seibert ajuda Doris na aplicação de injeções e vacina.

Doenças de maior incidência: gripe, desintéria, malária.

Estado nutritivo da população: subnutrição.

Nº de atendimentos médicos: 0

Nº de atendimentos odontológicos: 36 dentes extraídos.

Nº de atendimentos de enfermagem: 5.834.

Pequenas cirurgias: 0

Curativos: 98

Partos efetuados:-----

Aplicações de injeções: 23

Exames de laboratório: 0

Doentes internados na enfermaria da Missão: 0

Doentes encaminhados ao centro hospitalar: 0

Doentes tuberculosos em tratamento: 0

Total de índios atendidos: 156".

Como por vezes, pessoas de outros grupos recorrem ao atendimento da Missão, era de se supor que também estes dados constassem dos relatórios à FUNAI. Este fato parece não acontecer, pois, no 1º Semestre de 1984 existia pelo menos um caso de tuberculose em tratamento. A paciente embora em outra área, estava na época agregada do grupo localizado um pouco mais afastados da sede da Missão, no Mamori II, teve seu tratamento acompanhado pelos membros do Projeto Kanamari e atualmente se encontra reestabelecida.

Entre os Kanamari da região do rio Juruá, encontram-se poucos casos de anomalias tais como: mongolismo, raquitismo, lábio leporino e glaucoma. À nível geral, as doenças mais frequentes são as que atingem as vias respiratórias (coqueluche, gripe, pneumonia e tuberculose), desnutrição e subnutrição em crianças, grande incidência de verminose em adultos e crianças, e em menor escala, casos de desidratação. À nível local específico, destaca-se o grupo do rio Itucumã, onde praticamente toda a população sofre de dermatoses diversas, principalmente pinta.

Cabe ainda assinalar o recente surgimento de casos de leishmaniose entre todos os grupos da região.

EDUCAÇÃO

Nos grupos Kanamari da região do rio Juruá, somente no rio Itucumã e no igarapé Mamori, existem trabalhos de educação sistemática em escola.

Na aldeia São Miguel, igarapé Mirim, rio Itucumã, desde o ano de 1979, existe oficialmente uma escola que deveria atender a alfabetização através do Mobral, e manter um curso de 1ª a 4ª série do 1º grau.

O professor, Sr. Osmar Patriolino da Silva, apesar de ser filho de Kanamari e mulher branca, nunca teve convivência com nenhum dos grupos, não conhecendo nem a cultura, nem a língua Kanamari. Morando na beira do rio Itucumã, cerca de 2 horas distante da primeira aldeia, o Sr. Osmar restringe bastante sua atuação na área. Inicialmente, atuando com certa frequência; depois pagando a outra pessoa branca que morava na área, obteve o resultado de que pelo menos dois homens se encontram semi-alfabetizados.

Atualmente o Sr. Osmar nomeou um destes Kanamari, para ministrar aulas às demais pessoas do grupo. Com isto, o Sr. Osmar rareia ainda mais seus contatos com o grupo, e quando aparece na aldeia, geralmente o faz com outras finalidades.

Por vezes à noite os Kanamari que iniciaram a alfabetização, reúnem-se na casa do Kanamari que hoje é responsável pela escola, e ficam copiando palavras de livros, durante horas. Quando dos contatos com este grupo, os membros do Projeto Kanamari têm acompanhado estes momentos, tendo observado a presença de 10 pessoas, sendo que destas, 6 com maior frequência.

Foi fornecido pelo Mobral através do Sr. Osmar, todo o material didático próprio dos programas de Alfabetização deste órgão, porém não foi dado ao professor Kanamari e aos alunos conhecimento do manejo deste material, que se tornou elemento decorativo dos alunos que normalmente guardam como relíquias.

A merenda escolar normalmente fornecida pelo Mobral, é dividida pelo professor entre a sua família e "os alunos". A parte dos alunos, é entregue ao professor Kanamari, que por sua vez a divide entre o grupo.

No igarapé Mamori, as aulas se realizam numa casa própria, com quadro negro e bancos em todo seu redor e no centro, alguns servindo de carteira para escrever. Esta casa funciona tanto como tem escola. Segundo cópia do relatório à FUNAI referente ao 1º

Semestre de 1984, e informações do pastor André Seibert a escola funciona desde 1970, quando da instalação da Missão.

Ainda segundo estas fontes, o número de alunos é de 25, sendo que há 5 pessoas em idade escolar e que não frequentam. Há 1 hora de aula pela manhã, ministrada pelo pastor André em Kanamari, e à tarde, 1 hora de aula em Português, dada por Rut. Não há currículo determinado.

Segundo o relatório do 1º Semestre de 1984, "...Quase todo o material é fornecido pela missão, os alunos compram cadernos", sendo que o material existente, consiste em: "...Uma série de cartilhas, livros de leitura; Nossas viagens, Como o índio faz diversas coisas, ABD dos animais, Higiene e Saúde, Antigamente era assim (lenda) Somente pássaros. 2 livros de exercício de matemática, jornal."

A linguísta Cristina tem como única função estudar a língua, tendo elaborado um alfabeto Kanamari. Apesar de 12 anos de trabalho linguístico, ainda não foi concluído o estudo gramatical, o que é surpreendente, mesmo que a língua Kanamari seja "muito difícil", como disse o pastor André.

Quando da passagem do presente GT na área, Cristina Groth encontrava-se em Porto Velho-RO., estudando a língua e deveria voltar logo. Rut Coutinho estava de férias em Minas Gerais, onde passaria 6 meses, quando voltar, ficará em Manaus durante 1 ano fazendo um curso para professora.

Numa manhã, o pastor André, das 5:50 às 6:50 hs. ministrou aula, estavam presentes 8 alunos (7 homens e 1 mulher).

Com relação ao material a que se refere o relatório do 1º Sem/84 à FUNAI, este GT não teve acesso, pois segundo o pastor André, todo o material de aula e do estudo da língua "está na casa de Cristina e Rut e como não estão aqui..., é uma pena mesmo". Já em outras duas ocasiões, os membros do Projeto Kanamari solicitaram o material que Cristina elaborou, e lhes foi negado sob a alegação de que por divergências ideológicas (Projeto Kanamari ligado à Igreja Católica e Missão Três Unidos ser da Igreja Evangélica), tanto não forneceriam o material, quanto proibiam a presença destes naquela área.

Na Biblioteca da FUNAI também não consta nenhum material da língua Kanamari elaborado por MNTB, a não ser algumas cópias do jornal (Tukuna nakoni) que segue em anexo.

Ainda quanto ao material elaborado por MNTB, o pouco que o Projeto Kanamari tem conhecimento, o é através dos índios. Devido algumas

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 2704/86
FLS. 362
RUBRICA Milanez

incoerências e mesmo alguns erros de ortografia, este material tem sido ins
tantemente corrigido, principalmente pelos 2 homens do grupo do Mamori, que
mais dominam a leitura e escrita em Kanamari.

PROPOSTA DE ÁREA

A primeira manifestação dos Kanamari relativo a reivindicação da terra para a FUNAI, está contida em documento enviado em dezembro de 1983. Este documento é o resultado do Encontro dos Kanamari da região do rio Juruá e Jutai, que está basicamente calcado na reivindicação à FUNAI de que atenda as necessidades de legalização da terra aos vários grupos que estavam reunidos, como se vê nos depoimentos a seguir:

"... Eu quero que a FUNAI vem tirar uma área de terra (demarcar uma área de terra), um igarapé, o igarapé de Três Bocas prá nós morá, prá fazê uma aldeia, nossa maloca..." (Naroá-Ig. Três Bocas).

"O pessoal do Mamori, o pessoal do Três Bocas, o pessoal do Jutai, tudo tá aqui. Fazê tudo, querê fazê tudo, tudo querendo a terra, prá nós passá também..." (Djanã-Ig. Santa Rita).

"...Agora nós queria pedí da FUNAI, um documento, que assim nós tá faltando disso mesmo..." (Yodji-rio Itucumã).

"Tudo parente nosso, aqui, vem do Três Bocas, e vem do, aí do Xeruá, do Rio Curabi (igarapé Curabi), ali no Mamori, no Igarapé do Mamori, aí tudo nós tamo aqui... Vem tudo aqui pensando prá nós tirá área tudo prá nós também, que nós tá precisando tudo essa coisa..." (Djanã - Ig. Santa Rita).

Em outubro de 1984 o CIMI/OPAN encaminha a FUNAI uma proposta de demarcação para os Kanamari (processo nº 2704/84) elaborada a partir

"... de informações dos próprios índios sobre a localização e ocupação histórica dos vários grupos, e de referências bibliográficas que registram a presença Kanamari

na região do Rio Juruá antes mesmo da chegada dos brancos. A extensão da área compreende indicações de cada Grupo Local; foram observadas as suas áreas de ocupação representadas pelas áreas atuais de cultivo, caça, pesca e coleta, além de áreas historicamente importantes para o Povo Kanamari, tais como cemitérios e áreas de ocupação comum, que embora desativadas no momento, são vitais para a integridade do Povo Kanamari e das relações "inter-grupais".

De acordo com as pretensões dos Kanamari, o G.T. realizou estudos elegendo uma área de aproximadamente 607.563 ha considerada necessária e indispensável à sobrevivência do grupo, assim como para sua produção sócio-cultural. (mapa e memorial anexos).

Esta proposta pouco difere daquela apresentada pelo MI/OPAN contendo apenas as seguintes alterações:

Rio Itucunã - o limite superior foi alterado passando do igarapé Garapa para o igarapé Parrabaíba.

Igarapé Mamori - o limite foi alterado sendo abrangida a área compreendida entre a foz do igarapé Grande e a foz do igarapé Palhal.

Rio Xeruã - o limite entre o igarapé Curabi e o igarapé Belo Horizonte foi alterado passando a confrontar com o Título Definitivo nº TD P/009-CP 1068 - área 5.600,3290 Exp. em 23.11.1908.

Como já foi demonstrado ao longo do relatório a proposta da Área Indígena Kanamari considerou para sua definição: as estreitas relações de parentesco entre os grupos locais; a importância dos pupunhais para a mitologia dos Kanamari; a necessidade de resguardar os locais de caça, coleta, cemitérios e moradias de cada grupo local; e o direito a área que hoje ocupam da qual pela imemorialidade são os legítimos donos.

De acordo com o levantamento fundiário efetuado, consta
tou-se os seguintes ocupantes não índios: 19 posseiros; 6 ocupantes com domí
nio; 1 arrendatário; 3 ocupantes residindo nas terras de Raimundo Farias e 2
sem informações, num total de 31 famílias cujo valor das indenizações está or
çada em Cr\$ 166.337.034,00.

Lino João de O. Neves

LINO JOÃO DE OLIVEIRA NEVES - Indigenista CIMI/OPAN

Ana Maria Carvalho Ribeiro Lange

ANA MARIA CARVALHO RIBEIRO LANGE - Antropóloga DPI/FUNAI

Aracy Maria Labiak

ARACY MARIA LABIAK - Indigenista CIMI/OPAN

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

REC. N.º 2304/84
Lb. 116
RUBRICA *[assinatura]*

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA PARA O RELATÓRIO DA PROPOSTA DA ÁREA KANAMARI DO RIO JURUÁ.

- ALMEIDA, Mauro W. B. de. Ocupação dos Altos Purus e Juruá, datilografado, 1982.
- ANDRADE, Onofre de. Amazônia - esboço histórico, geographia physica, geographia humana e ethnographia do Rio Juruá, Maceió, 1937; Casa Ramalho.
- BROWN, C. B. e Lidstone. Fifteen Thousand Miles on the Amazon and its Tributaries. London, 1878.
- CARVALHO, José Cândido de Melo. Notas de viagem ao Javari - Itacoai - Juruá. Publicação avulsa do Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1955.
- CASTELLO BRANCO, J. M. Brandão. O Gentio Acreano, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Abril-junho de 1950.
- CASTELLO BRANCO, José M. Brandão. Caminhos do Acre, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol. 196. Julho-Setembro de 1947.
- CASTELLO BRANCO SOBRINHO, Dr. José M. Brandão. O Juruá Federal, Revista do Inst. Hist. e Geográfico. Tomo Especial. Rio de Janeiro, 1950.
- CHANDLESS, W. Ascent of the River Purus, Journal of Royal Geographical Society. Vol. XXXI. London, 1866 (pg. 86-118).
- Notes of a Journey up the River Juruá, Journal of R.G.S. Vol. XXXIX. pg. 296-311. London. 1869.
- Notes of the River Aquiry, Journal of R.G.S. Vol. XXXIX. pg. 119-128. London. 1869.
- CHURCH, George Earl. Aborigenes of South America, London. 1912.
- Notes of the visit of Dr. Bach on the Catuquinarú Indians of Amazonas. Geographical Journal. XII. pg. 63-67. London. 1927.
- Informações sobre Hostilidades de Indígenas do Rio Juruá contra Brancos. (Arquivos Particulares Barão da Ponte Ribeiro) 1829. Lata 289. Maço 1 Arquivo Histórico do Itamaraty.
- LABIAK, Araci Maria. Observações sócio-culturais, da organização social e política, da situação econômica, de relacionamentos, nos Kanamari da Aldeia do Nauá - Rio Juraí. Datilografado. Dezembro de 1980.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- LABIAK, Araci Maria e NEVES, Lino João de O. Médio Solimões, Juruá e Jutai: Uma área pouco noticiada. Povos Indígenas no Brasil - 1982. pg. 7. CEDI. Abril de 1983.
- LABRE, A.R.P. Colonel Labre's Explorations in the Region between the Beni and Madre de Dios Rivers and the Purus. Proceedings of the Royal Geographical Society, XI, pa. 496-502. London 1889.
- LACE, Alípio Edmundo. Quadro demonstrativo das tribos que habitam áreas jurisdicionadas à 1ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção do Índio, no Amazonas e Territórios do Acre e Rio Branco. Manaus, 04/08/53. Microfilme 379 - Museu do Índio.
- LEMOS, Bento Martins Pereira de. Relatório Anual Referente ao Ano de 1924, I.R. 1 - SPI.
- Relatório Anual Referente ao Ano de 1927, I.R. 1 - SPI.
- Relatório Anual Referente ao Ano de 1928, I.R. 1 - SPI.
- LEVANTAMENTO de Recursos Naturais, V. 15. Ministério das Minas e Energia - Departamento Nacional da Produção Mineral. Projeto Radambrasil, Folha SP. 19-Juruá. Rio de Janeiro, 1977.
- METRAUX, Alfred. Tribes of the Western Amazon Basin, Handbbok of South American Indians. Vol. 3. pg. 657-686.
- ATTI, Júlio Cesar. Povos Indígenas no Brasil. V. 5 - Javari, Cedi. São Paulo, 1981.
- Curt. Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes. Fundação IBGE/Pró-Memória, Rio de Janeiro, 1980.
- OPPENHEIM, Vitor. Notas Ethnographicas Sobre os Indígenas do Alto Juruá (Acre) e Valle do Ucayali (Peru). Annaes da Academia Brasileira de Ciências: T. VIII, nº 3. junho de 1936.
- PRELAZIA DE TEFÉ: Encontro dos Canamari da Região do Juruá-Jutai-AM. Transcrição de fita: Equipe de Pastoral Indigenista. Novembro de 1983. Datilografado.

- RIBEIRO, Adelina Vilma M. e outros. A Situação dos Canamari dos Rios Juruá - Juruá - Itucumã - Xerua - Japurá - 1983. Eirunepé, Agosto de 1983. Dati lografado.
- RIBEIRO, Darcy, Os Índios e a Civilização, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.
- RIVET, P. e TASTEVIN, C. Les Tribus Indiennes de Passins du Purus, du Juruá et des régions limitrophes. La Geographic. XXXV, pg. 449-482. 1921.
- RODRIGUES, Aryon D. Línguas Ameríndias. Grande Enciclopédia Delta - Larousse, 2ª ed. Rio de Janeiro, 1975.
- SIGNORINI, Italo. La Famiglia Etno-Linguistica Pano, Edizioni Ricerche: Roma. s.d.
- SPIX, Johann e MARTIUS, Karl Philip von. Viagem pelo Brasil: 1817-1820. Tradução da 3ª edição. São Paulo, Melhoramentos; Rio de Janeiro, IHGB; Brasília, INL. vol. 3. 1976.
- TASTEVIN, C. Anotações do Pe. Constantino Tastevin sobre os seringais do Rio Juruá. Transcrição do manuscrito original: VAN ZOGGEL, Teodoro. Fonte Boa, Julho/Outubro de 1983. Mimcografado.
- Chez le Indiens du Haut Juruá. Les Missions Catholiques. vol. 56. Fevereiro de 1924.
- La Région du Moyen-Amazone ou Solimões. La Geographic. XLVIII, pg. 259-281. 1927.
- Le Fleuve Juruá. La Geographic. XXXIII, pg. 1-22, 131-148. 1920.
- Le Fleuve Muru. La Geographic. XLIII, pg. 403-422; XLIV, pg. 14-55. 1925.
- Le Haut Tarauacá. La Geographic. XLV, pg. 158-175. 1926.
- Le "Riozinho da Liberdade". La Geographic. XLIX. pg. 205 - 215. 1928:
- TRÊS UNIDOS, Equipe: Levantamento sobre a Situação Atual das Populações Indígenas do Brasil: ficha padrão preenchida com dados referentes à aldeia MAMEI: Outubro de 1983.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. N.º 2704/84
FLS. 169
RUBRICA Y. Costa

- VERNEAU, Dr. R. Contribution a L'Etude Ethnographique des Indiens de L'Amazone. L'Anthropologie. T. XXXI. Paris. 1921.
- LABIAK, Araci Maria e NEVES, Lino João de O. Proposta de Demarcação da Área Canamari do Rio Juruá. Manaus. Outubro de 1984. Datilografado.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC N.º 2704/84

FLS. 370

RUBRICA Adiantos

A N E X O S

Relatório de Campo

Relatório de Viagem apresentado pelo engenheiro
Luiz Antonio Sberze

Mapa e Memorial Descritivo

Relação dos Ocupantes não Índios

Croqui das Aldeias Mamorí I e II

Fotografias

Genealogia dos Kanamari do Juruá

Jornal Kanamari - MNTB - nº 9, 12, 15 e respectivas
traduções elaboradas pelo CIMI/OPAN

Textos sobre ocupação e demais informações dos índios
do Juruá, cedidos pelo CIMI/OPAN

Cópias da documentação referente aos índios Kanamari,
localizadas no Arquivo do SPI

RELATÓRIO DE VIAGEM

PROC. Nº 27.04/84

FLS. 373

RUBRICA *Isidoro*

Em cumprimento a Portaria 1799/E, de 23 de novembro de 1984 o grupo de trabalho constituído pela FUNAI, ITERAM, INCRA, e Prelazia de Tefé realizou identificação e levantamento fundiário da Área Indígena Kanamari do Rio Juruá.

Num primeiro momento os trabalhos foram realizados no Rio Itucumã, afluente do Rio Tarauacá, onde o grupo indígena localiza-se no Igarapé Mirim.

Em seguida o GT deslocou-se para o Rio Juruá onde efetuou o levantamento na região dos Igarapés Mamorí, Santa Rita e Tres Pocas. Daí encaminhou-se para o Rio Xerua onde além do contato com o grupo indígena que atualmente localiza-se no Igarapé Rezimã, afluente do baixo Xerua para da área proposta, foram realizados os trabalhos de levantamento no médio e alto Xerua e no Igarapé Curabi.

Após concluída a coleta de dados e verificação da localização e ocupação do grupo indígena e dos não índios localizados na abrangência da proposta contida no Processo FUNAI/BSP/2704/84 pag. 29,30 e 31, de conhecimento do GT, chegou-se a uma proposta semelhante, com as seguintes alterações :

- 1- Rio Itucumã - o limite superior foi alterado passando do Igarapé Garapa para o Igarapé Parrabamba.
- 2- Igarapé Mamorí - o limite foi alterado sendo abrangida a área compreendida entre a foz do Igarapé Grande e a foz do Igarapé Palhal.
- 3- Rio Xerua - o limite entre o Igarapé Curabi e o Igarapé Belo Horizonte foi alterado passando a confrontar com o Título Definitivo nº. JD/P/009-CP 1068 - área 5.600,3290 Exp. em 22.11.1909.

Não havendo mais nada a relatar, concordam e assinam o presente relatório

Eirunepé, 28 de Dezembro de 1984

ITERAM - Izaias José Pereira

Izaias José Pereira
FUNAI - 1.054.00 - AM - RP

INCRA - José Sérgio de Souza Neto

José Sérgio de Souza Neto

Prel. Tefé - Claudio Conte

Claudio Conte

Prel. Tefé - Araci Maria Labiak

Araci Maria Labiak

Prel. Tefé - Lino João de O. Neves

Lino João de O. Neves

FUNAI - Ana Maria C. R. Lange

Ana Maria C. R. Lange

FUNAI - Luiz Antonio Sberze

Luiz Antonio Sberze

RELATÓRIO DE VIAGEM. *SLN* 08.01.85

Conforme Portaria nº 1799/E de 23 de novembro de 1984 desloquei-me em companhia da Antropóloga Ana Maria Carvalho Ribeiro Lange no dia 26/11/84 até a cidade de Manaus-AM., escala da viagem com destino ao município de Eirunepê-AM para proceder a definição dos limites e levantamento ocupacional da área indígena KANAMARI do Rio Juruá.

No dia 27/11 nos apresentamos na 1ª Delegacia Regional e explanamos ao sub-delegado sobre o trabalho a ser realizado. Fomos também ao Instituto de Terras do Amazonas-ITERAM e ao INCRA; onde no primeiro entramos em contato com o técnico agrícola designado para compor o grupo de trabalho, e no último solicitamos que fosse enviado um telex para a cidade de Rio Branco-AC, cientificando o técnico dessa Fundação que também participou do GT, de nossa partida para Eirunepê. Estive ainda na capitania dos portos para saber da possibilidade da Marinha emprestar ao grupo de trabalho a embarcação que estava fundeada em Eirunepê, para a realização do serviço. Isso não foi possível por ser um barco de pequena autonomia o que acarretaria em constante retorno até a agência marítima para reabastecimento e também ao reduzido contingente de marinheiros em Eirunepê.

No dia 28/11 chegando em Eirunepê fomos ao escritório do INCRA solicitar que fosse transmitido novo rádio para Rio Branco, alertando o servidor de nossa chegada. Estivemos também no Cartório Municipal para providenciar a cadeia dominial de parte da área a ser delimitada, e devido grande parte da região incidir no município de Carauari solicitou-se ao Cartório desta cidade que procedesse pesquisa documental.

[Handwritten signature]

Aguardamos a chegada do técnico do INCRA até domingo dia 02/12 por ser este o único dia com transporte aéreo de Rio Branco para Eirunepê.

Dia 03/12 saímos de lancha para a região do Rio Itucumã e Igarapê Mirim, visitando a maloca de São Miguel.

Retornamos a Eirunepê dia 04/12 dando por encerrado os trabalhos nesta região. Na cidade foi providenciado o contrato de locação de uma embarcação para realizar a parte final do trabalho.

Dia 07/12 nos deslocamos de lancha para os Igarapês Grande e Mamori, visitando as malocas Mamori I e II.

Dia 10/12 seguimos na embarcação para os Igarapês Santa Rita e Três Bocas, permanecendo até o dia 16/12 quando seguimos para o Rio Xeruã.

Dia 21/12 seguimos para a região do Alto Xeruã e Igarapê Curabi visitando as malocas Mamoal e São Paulo, quando fomos por encerrado os trabalhos de campo.

Dia 24/12 começamos a retornar chegando em Eirunepê no dia 27/12.

Permanecemos em Eirunepê até o dia 02/01/85 aguardando o levantamento cartorial da Cadeia Dominial e dando sequência a coleta de dados sobre a região.

No dia 03/01 em Manaus fomos à 1ª Delegacia Regional relatar sobre a situação da terra indígena.

No dia 04/01 estivemos no ITERAM complementando o levantamento ocupacional.

Dia 05/01 retornei a esta sede.

Brasília, 08 de janeiro de 1985.

Antonio Sberze
ANTONIO SBERZE
Engº Cartógrafo
DPI/DDF

Cidade
ao Sr. ...
01/01/85
Chefe Substituto
Port. n.º ...



Acervo
ISA
MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
DIRETORIA DE PATRIMÔNIO INDÍGENA - DPI

MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃO

ANEXO À PORTARIA Nº ^{PRO} 3704/79
FLS. 175
RUBRICA

DENOMINAÇÃO

ÁREA INDÍGENA KANAMARI DO RIO JURUÁ

ALDEIAS INTEGRANTES

FORTALEZA, MAMOAL, MAMORI I, MAMORI II, SANTA RITA, SÃO MIGUEL, SÃO PAULO, TRÊS BOCAS.

GRUPOS INDÍGENAS

KANAMARI

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO: EIRUNEPÉ ESTADO: AMAZONAS

UNIDADE REGIONAL DA FUNAI: 1a. DELEGACIA REGIONAL

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	06°36'20"S	69°27'30"Wgr.
LESTE	06°10'00"S	68°14'20"Wgr.
SUL	07°12'00"S	69°37'20"Wgr.
OESTE	06°45'40"S	69°44'10"Wgr.

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
SB. 19-Y-B, SB. 19-Z-A, SB.19-Y-D SB. 19-Z-C	1:250.000	RADAM	1978

DIMENSÕES

ÁREA : 607.563 Ha. aproximadamente,
PERÍMETRO: 540 Km. aproximadamente

ÁREA: SEISCENTOS E SETE MIL QUINHENTOS E SESSENTA E TRÊS HECTARES APROXIMADAMENTE.



Arquivo
ISA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO Índio - FUNAI
DIRETORIA DE PATRIMÔNIO INDÍGENA - DPI

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO
ÁREA INDÍGENA KANAMARI DO RIO JURUÁ
ANEXO
RO. N. 210412
ELS. 1215
RUBRICA *[assinatura]*

NORTE: Partindo do Ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}37'20''S$ e $69^{\circ}33'30''Wgr.$, localizado na confluência do Igarapé Grande com o Rio Juruá; daí, segue por este no sentido jusante pela margem direita até o Ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}37'00''S$ e $69^{\circ}31'00''Wgr.$, localizado na confluência com o Igarapé Palhal; daí, segue por este no sentido montante até o Ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}37'10''S$ e $69^{\circ}30'40''Wgr.$, localizado na confluência com um igarapé sem denominação; daí, segue pelo Igarapé sem denominação no sentido montante até a sua nascente localizado em uma lagoa sem denominação; daí, segue margeando a lagoa até a nascente do Igarapé do Boliviano e por este no sentido jusante até o Ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}37'40''S$ e $69^{\circ}26'50''Wgr.$, localizado na confluência com o Igarapé Santa Rita; daí, segue por este no sentido jusante até o Ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}37'50''S$ e $69^{\circ}25'20''Wgr.$, localizado na confluência com o Igarapé Branco; daí, segue por este no sentido montante até o Ponto 06 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}40'40''S$ e $69^{\circ}24'20''Wgr.$, localizado em sua cabeceira; daí, segue por linha reta até o Ponto 07 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}41'40''S$ e $69^{\circ}24'00''Wgr.$, localizado na confluência do Igarapé Campista ou Monte Verde com outro igarapé sem denominação; daí, segue pelo Igarapé sem denominação no sentido montante até o ponto 08 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}44'10''S$ e $69^{\circ}24'20''Wgr.$, localizado em sua cabeceira; daí, segue por linha reta até o Ponto 09 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}44'00''S$ e $69^{\circ}23'30''Wgr.$, localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação; daí, segue por este no sentido jusante até o Ponto 10 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}43'50''S$ e $69^{\circ}22'00''Wgr.$, localizado na confluência com o Igarapé Barrigudo; daí, segue por este no sentido jusante até o Ponto 11 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}43'50''S$ e $69^{\circ}21'40''Wgr.$, localizado na confluência com o Igarapé Três Bocas ou Salsa Paraná; daí, segue por este no sentido jusante até o Ponto 12 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}41'20''S$ e $69^{\circ}20'20''Wgr.$, localizado na confluência com o Igarapé Matrinchá; daí, segue por este no sentido montante até o Ponto 13 de coordenadas geo

[assinatura]

gráficas aproximadas 06°47'50"S e 69°20'00"Wgr., localizado em sua cabeceira; daí, segue por linha reta até o Ponto 14 de coordenadas geográficas aproximadas 06°50'30"S e 69°19'00"Wgr., localizado na cabeceira do Igarapé do Índio; daí, segue pelo divisor de águas dos Rios Juruá e Xeruá até o Ponto 15 de coordenadas geográficas aproximadas 06°49'10"S e 69°05'00"Wgr., localizado na cabeceira do Igarapé São Miguel; daí, segue por este no sentido jusante pela margem direita até o ponto 16 de coordenadas geográficas aproximadas 06°44'10"S e 68°51'40"Wgr., localizado na confluência com o Rio Xeruá; daí, segue por este no sentido jusante pela margem direita até o Ponto 17 de coordenadas geográficas aproximadas 06°39'10"S e 68°16'50"Wgr., localizado no limite do título da Madeireira Moraes; daí, segue por linha reta confrontando com o título da Madeireira até o Ponto 18 de coordenadas geográficas aproximadas 06°40'30"S e 68°16'30"Wgr., daí, segue por linha reta confrontando com o título da Madeireira até o Ponto 19 de coordenadas geográficas aproximadas 06°40'00"S e 68°14'20"Wgr., localizado no Igarapé Belo Horizonte, aproximadamente a 3.000 metros de sua foz.

LESTE: Do Ponto 19 segue pelo Igarapé Belo Horizonte no sentido montante pela margem esquerda até o Ponto 20 de coordenadas geográficas aproximadas 06°57'10"S e 68°28'10"Wgr., localizado em sua cabeceira; daí, segue pelo divisor de águas dos Rios Xeruá e Pauini até o Ponto 21 de coordenadas geográficas aproximadas 07°05'10"S e 69°06'30"Wgr., localizado na confluência do Rio Pauini com o Igarapé Maparauá.

SUL: Do Ponto 21 segue pelo Igarapé Maparauá no sentido montante pela margem esquerda até o Ponto 22 de coordenadas geográficas aproximadas 07°08'20"S e 69°27'20"Wgr., localizado em sua cabeceira; daí, segue pelo divisor de águas dos Rios Juruá e Pauini até o Ponto 23 de coordenadas geográficas aproximadas 07°12'00"S e 69°37'20"Wgr., localizado na cabeceira do Igarapé Parrabamba; daí, segue por este no sentido jusante pela margem direita até o Ponto 24 de coordenadas geográficas aproximadas 07°11'40"S e 69°39'40"Wgr., localizado na confluência com o Rio Itucumã.



PROC. N.º 122
 RUBRICA

OESTE: Do Ponto 24 segue pelo Rio Itucumã no sentido jusante pela margem direita até o Ponto 25 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}58'50''S$ e $69^{\circ}43'30''Wgr.$, localizado na confluência com um igarapé sem denominação; daí, segue por este no sentido montante até o Ponto 26 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}57'00''S$ e $69^{\circ}43'40''Wgr.$, localizado na confluência com o Igarapé Alegrete; daí, segue por este no sentido montante pela margem direita até o Ponto 27 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}57'05''S$ e $69^{\circ}42'30''Wgr.$, localizado na confluência com o primeiro braço formador da margem direita no sentido Focabeceira; daí, segue por linha reta até o Ponto 28 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}55'40''S$ e $69^{\circ}42'20''Wgr.$, localizado na cabeceira do Igarapé Sumaúma; daí, segue por este no sentido jusante pela margem direita até o Ponto 29 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}45'40''S$ e $69^{\circ}44'10''Wgr.$, localizado na confluência com o Igarapé Escondido; daí, segue por este no sentido montante pela margem esquerda até o Ponto 30 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}47'40''S$ e $69^{\circ}41'20''Wgr.$, localizado em sua cabeceira; daí, segue por linha reta até o Ponto 31 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}45'20''S$ e $69^{\circ}41'22''Wgr.$, localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação; daí, segue por linha reta até o Ponto 32 de coordenadas geográficas aproximadas $06^{\circ}43'40''S$ e $69^{\circ}41'00''Wgr.$, localizado na cabeceira do Igarapé Grande; daí, segue por este no sentido jusante pela margem direita até o Ponto 01, início deste Memorial.

LOCAL: BRASÍLIA	TECNICO RESPONSÁVEL: <i>Luiz Antonio Sberze</i> LUIZ ANTONIO SBERZE Engº Cart. DPI/DDF.	VISTO:
DATA: 09.01.85		

hsb.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 RELAÇÃO DOS OCUPANTES NÃO-ÍNDIOS

PROC FUNAI/BSB/Nº
 ORIGEM T.V.M.B.: INCRA/AM
 Nº ATO APROV.: 0. SERVIÇO/Nº 04
 DATA APROV.: 22.03.84
 DATA VENC.: 22.03.85

ÁREA INDÍGENA: KANAMARI DO RIO JURUÁ
 MUNICÍPIOS: EIRUNEPE e CARAUARI - AM
 U Adm.: 1ª DR

Nº ORDEM	NOME DO OCUPANTE	*	ÁREA (ha)	VALOR INDENIZAÇÃO ATÉ 22 / 03/ 85	VALOR EM ORTN A PARTIR DO VENC. T.V.M.B.	VALOR CORRIGIDO Cr\$ 1 00
01	ANTONIO MORENO FROTA	1	- - - - -	299.218		
02	ANTONIO VENSOZA DE OLIVEIRA	1	- - - - -	94.500		
03	ARISTOTELES MENDES GUIMARÃES		- - - - -	2.012.216		
04	ERMINIO LAURIANO BORGES	1	100	10.018.361		
05	FRANCISCO FERREIRA DA SILVA	1	- - - - -	2.024.005		
06	FRANCISCO MAMEDE MONTEIRO	3	- - - - -	3.406.130		
07	GILSON ALVES DE SOUZA	1	160	1.858.586		
08	HERDEIROS DE JOÃO ONOFRE FILHO	2	22.381,80	20.857.533		
09	JOAQUIM SERAFIM DE SOUZA	1	750	1.657.512		
10	JOSÉ ANTONIO PEREIRA DA SILVA	-	- - - - -	498.960		
11	JOSÉ PEREIRA DO AMARAL		- - - - -	7.066.030		
12	JOSÉ TAVEIRA LEITE	2	4.710,9950	251.370		
13	JULIO DE PAULA NASCIMENTO e outros	2	8.776,50	525.798		
14	LUCIANO DE SOUZA	1	- - - - -	4.850.631		
15	LUIZ BARBOSA DOS REIS	1	750	2.589.280		
16	LUIZ MAMEDE MONTEIRO	-	- - - - -	3.791.539		
17	LUIZ PEREIRA DO AMARAL	1	- - - - -	1.019.103		
18	MANOEL LUIZ LUNIERE MONTEIRO	2	- - - - -	56.539.105		
19	MARIA BARROSO FARIAS	2	750	11.784.389		
20	MARIA NAIR DA SILVA	1	- - - - -	1.340.808		
21	MOACIR MENDES GUIMARÃES	1	- - - - -	763.213		
22	OSCAR FERREIRA DE CARVALHO	1	50	4.747.474		

CEDI - P.I.B.
 DATA 16/09/87
 COD. _____

Proc. N.º 112/84
 PIS. 11/11
 20/11/84

1 - POSSEIRO
 * 2 - OCUPANTE COM DOMÍNIO
 3 - ARRENDATÁRIO

Soares
 Oatres Ribelio Soares
 Tcc. de Agricultura e Pecuária
 FUNAI

MINISTÉRIO DO INTERIOR
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 RELAÇÃO DOS OCUPANTES NÃO-ÍNDIOS

PROC. FUNAI/BSB/Nº
 ORIGEM T.V.M.B.: INCRA/AM
 Nº ATO APROV.: 0. SERVIÇO/Nº 04
 DATA APROV.: 22.03.84
 DATA VENC.: 22.03.85

ÁREA INDÍGENA: KANAMARI DO RIO JURUÁ
 MUNICÍPIOS: EIRUNEPE e CARAUARI - AM
 J. Adm.: 1ª DR

Nº ORDEM	NOME DO OCUPANTE	*	ÁREA (ha)	VALOR INDENIZAÇÃO ATÉ 22 /03/ 85	VALOR EM ORTN A PARTIR DO VENC. T.V.M.B.	VALOR CORRIGIDO Cr\$ 1.000
23	PEDRO LOPES DE MENEZES	1	50	4.743.900		
24	RAIMUNDO BARROS DA SILVA	1	50	5.249.106		
25	RAIMUNDO CAMELO DA SILVA	1	- - - - -	577.612		
26	RAIMUNDO EVANGELISTA GONZAGA	-	- - - - -	3.263.183		
27	RAIMUNDO FARIAS REZENDE e outros	2	8.776,50	- - - - -		
28	REGINO DE SOUZA MARTINS	1	60	2.980.845		
29	ROBERTO ALVES DE OLIVEIRA	1	100	4.687.422		
30	SEBASTIÃO PEREIRA DOS SANTOS	1	80	5.204.624		
31	VICENTE TAVEIRA LEITE	1		1.634.581		

Obs.: Valor corrigido até março/86, igual a Cz\$ 583.781,75.

Beiras

189

- 1 - POSSEIRO
- * 2 - OCUPANTE COM DOMÍNIO
- 3 - ARRENDATÁRIO

TOTAL 47.545,7950 166.337.034

Beiras
 C. 2.000
 T. de Agricultura e Pecuária
 CRLA N.º 1006/1 D-AC/AM